



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

A (DES)VALORIZAÇÃO DA DANÇA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FORMAL

Uma proposta pedagógica para a Educação Pré-escolar

José Hugo de Sousa Cruchinho



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

José Hugo de Sousa Cruchinho

A (des)valorização da Dança no contexto da
educação formal: Uma proposta pedagógica para a
Educação Pré-escolar

Mestrado em Educação Artística

Trabalho efetuado sob a orientação do(a)
Professor Doutor Gonçalo Nuno Ramos Maia Marques &
Professora Doutora Elisabete Alexandra Pinheiro Monteiro

Maio de 2021

Resumo

A presente investigação, com vista à obtenção do grau de Mestre em Educação Artística, nasce do pressuposto que a dança pode e deve ser uma prática educativa significativa e com intencionalidade no desenvolvimento e construção de aprendizagens ricas e significativas, que promovam o desenvolvimento tão integral, global e harmonioso do indivíduo e de uma sociedade mais capacitada e consciente da importância desta linguagem artística na compreensão do mundo, assim como também, da percepção que esta expressão artística tem sido posta em segundo lugar no que ao contexto da Educação Formal em Portugal concerne. Desta forma, surge assim, a necessidade latente em se analisar e refletir acerca da situação da dança no contexto da Educação Formal, quer sob o ponto de vista nacional (geral) quer sob o ponto de vista local (concelho de Viana do Castelo).

Sendo assim, e após uma análise minuciosa da problemática em estudo, onde foi possível constatar e compreender que de facto, a dança tem sido desvalorizada em contexto da Educação Formal, revelou-se urgente encontrar-se soluções práticas que possam fazer com que a dança seja mais integrada e dinamizada neste(s) contexto(s). Nesse sentido, pensámos e desenhamos uma proposta pedagógica, na área da dança (e da educação artística), que pretende colmatar a ausência ou pouca presença desta expressão artística, neste caso na Educação Pré-escolar (por sermos da opinião que estas primeiras idades são cruciais no desenvolvimento integral e harmonioso das crianças), e levar a dança e a Educação Estético-Artística ao maior número de crianças/alunos possível, de forma gratuita, o que sem dúvida, acreditámos que poderá contribuir para um maior e melhor desenvolvimento da criança, de forma mais igual, abrangente, dinâmica, inclusiva, integradora e motivadora.

Neste estudo recorreu-se a uma metodologia qualitativa de carácter descritivo e interpretativo, sendo que no enquadramento teórico procurou-se fundamentar e sustentar a temática com a literatura específica, quer a nível nacional quer a nível internacional, procurando igualmente, as fontes mais atualizadas possíveis, de forma que o presente estudo estivesse alinhado com as melhores práticas educativas contemporâneas. Em relação à recolha de dados foram utilizados instrumentos como as entrevistas semiestruturadas e as notas de campo, e ainda a técnica de análise de conteúdo na análise e interpretação dos dados.

Palavras-Chave: Dança; Educação Artística; Currículo; Proposta Pedagógica.

Abstract

The research in presenting, with a view to obtaining the degree of Master in Artistic Education, born from the assumption that dance can be an educational practice and intentionality in the development and construction of rich and meaningful learning, which promote the development so integral, global and harmonious of the individual and a more capable and aware society of the importance of this artistic language in understanding the world, as well as the perception that this artistic expression has been put second in the context of Formal Education in Portugal. Thus, there is thus a latent need to analyze and reflect on the situation of dance in the context of Formal Education, either from the national (general) point of view or from the local point of view (Viana do Castelo municipality).

Thus, and after a thorough analysis of the problem under study, where it was possible to verify and understand that in fact, dance has been devalued in the context of Formal Education, it was urgent to find practical solutions that can make dance more integrated and dynamic in this context(s). In this sense, we thought and designed a pedagogical proposal, in the area of dance (and artistic education), which aims to fill the absence or little presence of this artistic expression, in this case in Pre-School Education (because we are of the opinion that these early ages are crucial in the integral and harmonious development of children), and bring dance and Aesthetic-Artistic Education to the largest possible number of children/students, free of charge, which we believed could undoubtedly contribute to a greater and better development of the child, in a more comprehensive, dynamic, inclusive, integrated and motivating way.

This study used a qualitative methodology of descriptive and interpretative character, and in the theoretical framework it is sought to base and sustain the theme with the specific literature, both at the national level and at the international level, also seeking the most up-to-date sources, so that the present study is aligned with the best contemporary educational practices. In relation to data collection, instruments such as interviews were used as semi-structured and field notes, as well as the technique of content analysis in the analysis and interpretation of the data.

Keywords: Dance; Artistic Education; Currículo; Pedagogical Proposal.

Agradecimentos

Fazendo uma retrospectiva, acerca de todo o meu percurso académico, e desta investigação em especial, posso afirmar que embora muito prazeroso e desafiante, foi um caminho longo, atribulado e desgastante. Existiram momentos em que me senti perdido e à deriva do mar. Contudo, foi desta forma que consegui crescer, que consegui aprender, que me tornei mais sábio, mais maduro e mais forte, e sobretudo que me tornei na pessoa e no homem que sou hoje. Aprendi que cada um de nós tem o seu percurso, o seu tempo e que as coisas acontecem quando tem de acontecer e se tiverem de acontecer, mas para tal poderem suceder, não podemos desistir nem deixar de lutar, de sonhar e de acreditar...sempre. Pois, nada nos cai do céu, e se queremos verdadeiramente algo, temos de lutar, de persistir, de acreditar e de retirar sempre algo de positivo de qualquer situação que nos aconteça ao longo da nossa vida. Foi assim que consegui chegar até aqui, e sei que certamente não ficarei por aqui...existem muitas mais coisas para lutar e para conquistar, mas sempre com humildade, paixão e muita vontade de aprender (mais).

Nesse sentido, e como não poderia deixar de ser, quero agradecer do fundo do meu coração, a todas as pessoas que contribuíram para a realização desta investigação, e para a conclusão de mais uma bonita e importante etapa na minha vida, assim como para a pessoa que sou hoje.

Assim, quero dedicar e agradecer esta conquista à minha família que tanto amo e agradeço por tudo. À minha super mãe, a minha Rainha, à minha querida madrinha, à minha avó que tanto amo e estimo, à minha tia “queridinha” e a todos os meus familiares! Aos meus amigos e àquelas pessoas que nunca deixaram de acreditar em mim e que nunca me abandonaram.

Aos meus caríssimos, ilustres e estimados orientadores, que sem eles certamente isto não seria possível. Ao Doutor Gonçalo, com o qual é sempre um prazer enorme trabalhar e o qual sabe que penso sobre ele, o quanto o admiro e respeito, como profissional e como homem! Estamos juntos, hoje e sempre. À Doutora Elisabete, a minha querida professora, que tive o privilégio de conhecer aquando da minha experiência por terras lisboetas, sabe o quanto gosto de si e o quanto admiro a profissional exímia e inspiradora e pessoa extraordinária que é, nunca me esquecerei si. Aos dois, o meu sincero obrigado, por tudo. Pelo apoio incondicional, por tudo o que me ensinaram, pela vossa disponibilidade e atenção e por terem acreditado sempre em mim!

Ao Doutor Carlos Almeida, por tudo o que me ensinou ao longo destes últimos seis anos. Por toda a ajuda, apoio, amizade e amabilidade. E obviamente, pelo fantástico trabalho que vem desenvolvendo ao serviço da educação artística, da arte e da cultura e por se revelar incansável ao oferecer a melhor formação aos seus alunos, abrangente e intimista.

Aos meus docentes do Mestrado em Educação Artística, por tudo o que me ensinaram. À Dr^a Sónia Silva, Bibliotecária da ESE-IPVC, pela ajuda imprescindível neste estudo, disponibilidade, carinho e profissionalismo. A todas as intervenientes neste estudo, desde as profissionais de educação, às de dança e a da Autarquia, muito obrigado pela preciosa ajuda.

Aos meus queridos e incríveis colegas mestrados, por tudo o que vivemos e aprendemos ao longo destes quase dois anos. Por toda a amizade, carinho e apoio. Sem dúvida que nunca me esquecerei de cada um de vós e que vos levo para sempre no meu coração. À minha querida e grande amiga Raquel, por tudo...tu sabes, melhor delegada de sempre! Ao meu querido amigo madeirense Rolando, ao “nha mano” Ayrton de Cabo Verde, à “Anocas”, à “Ritinha”, à “Sóninha”, à Margarida, à sorridente Natércia de Timor-Leste, à Sílvia e ao Filipe.

À Marta Cavaleiro, minha grande amiga, professora e mentora. Por ser uma das minhas maiores referências, exemplos e inspirações e por me ter ensinado grande parte do que sei hoje, de e sobre a dança. Por tudo o que vivemos e por tudo o que espero que ainda possamos viver. Por toda a amizade, ajuda, apoio e incentivo. Obrigado por tudo! Ao Simão, meu grande amigo, por tudo, estamos mais que juntos! A todos da Open Dance School, serei sempre um de vós!

À direção da ACEP (Associação Cultural e de Educação Popular), funcionários, utentes e familiares, por toda a amizade, confiança, apoio e carinho. Por tudo o que me ensinaram ao longo do meu estágio profissional, por me terem ajudado a tornar num profissional melhor, mais capaz e mais experiente e sobretudo, numa melhor pessoa. Melhor experiência da minha vida até hoje e uma ligação que permanecerá para sempre, jamais (vos) esquecerei!

Por fim, mas não menos importante, gostaria de dedicar esta investigação e esta conquista, ao meu querido (e falecido) avó Gaspar, o “meu amigo do peito” que tanto amo e do qual tenho tantas, mas tantas saudades. Estejas onde estiveres, espero que estejas em paz. Esta é para ti!

Siglas e abreviaturas

| | |
|-------|--|
| ACD | Área Curricular Disciplinar |
| ARE | Atividades Rítmicas e Expressivas |
| CEB | Ciclo de Ensino Básico |
| CMVC | Câmara Municipal de Viana do Castelo |
| CNEB | Currículo Nacional do Ensino Básico |
| DE | Desporto Escolar |
| EA | Educação Artística |
| EF | Educação Física |
| EPE | Educação Pré-escolar |
| ESE | Escola Superior de Educação |
| IPVC | Instituto Politécnico de Viana do Castelo |
| OCEPE | Orientações Curriculares da Educação Pré-escolar |

Índice

| | |
|--|-----------|
| Resumo..... | i |
| Abstract | ii |
| Agradecimentos..... | iii |
| Siglas e abreviaturas..... | v |
| Índice..... | vi |
| Lista de figuras, tabelas, quadros e anexos | viii |
| | |
| Introdução..... | 1 |
| | |
| CAPÍTULO I - Apresentação do tema | 3 |
| 1.1. Declaração do Problema..... | 3 |
| 1.2. Pertinência do Estudo... .. | 4 |
| 1.3. Finalidades da Investigação..... | 5 |
| 1.4. Questões da Investigação..... | 5 |
| | |
| CAPÍTULO II – Estado da Arte | 7 |
| 2.1. Dança: Enquadramento Teórico | 7 |
| 2.1.1. Dança: Breve Retrospectiva Histórica | 7 |
| 2.1.2. Dança: Enquadramento Concetual | 10 |
| 2.2. A Educação Artística | 12 |
| 2.3. A Importância da Dança como Motor Educacional | 18 |
| 2.4. A (Des)valorização da Dança no Contexto da Educação Formal..... | 25 |
| | |
| CAPÍTULO III – Metodologia da Investigação | 32 |
| 3.1. Seleção e caraterização da Metodologia da Investigação | 32 |
| 3.1.1. Caraterização do método selecionado..... | 35 |
| 3.2. Definição da amostra do estudo... .. | 36 |
| 3.3. Instrumentos de recolha de dados e sua caraterização... .. | 38 |
| 3.3.1. Entrevista(s) | 38 |
| 3.3.2. Notas de Campo... .. | 41 |

| | |
|--|------------|
| 3.4. Análise de dados..... | 42 |
| 3.5. Conceção do desenho do estudo e Plano de Ação..... | 43 |
| 3.6. Considerações Éticas..... | 45 |
| | |
| CAPÍTULO IV – Análise e Interpretação dos dados..... | 46 |
| 5.1. Análise de Conteúdo | 46 |
| 5.2. Interpretação dos dados e apresentação de resultados..... | 67 |
| | |
| CAPÍTULO V – Proposta Didática e Pedagógica | 80 |
| 4.1. Introdução..... | 80 |
| 4.2. Objetivos... .. | 85 |
| 4.2.1. Objetivos Gerais... .. | 85 |
| 4.2.2. Objetivos Específicos... .. | 86 |
| 4.3. Conceitos e Princípios de Movimento | 87 |
| 4.4. Atividades / Estratégias... .. | 93 |
| 4.4.1. Planificação / Estrutura das sessões de dança | 93 |
| 4.4.2. Desenvolvimento e atividades por cada etapa..... | 95 |
| 4.4.3. Estratégias a utilizar nas sessões de dança | 112 |
| 4.5. Recursos / Materiais | 114 |
| 4.5.1. Instalações... .. | 114 |
| 4.5.2. Vestuário... .. | 114 |
| 4.5.3. Acompanhamento Musical..... | 115 |
| 4.6. Avaliação..... | 115 |
| | |
| CONCLUSÕES | 119 |
| | |
| Implicações para futuras investigações | 127 |
| | |
| BIBLIOGRAFIA..... | 128 |
| | |
| ANEXOS | 137 |

Lista de tabelas, gráficos, quadros e anexos

| | |
|--|-----|
| Tabela.1 - Principais características da investigação qualitativa... .. | 33 |
| Tabela.2 - Etapas do processo de investigação qualitativa... .. | 33 |
| Tabela.3 - Calendarização das atividades a executar na investigação..... | 44 |
| Tabela.4 - Objetivos Específicos da Proposta Pedagógica..... | 47 |
| Tabela.5 - Quadro Síntese: Jogos de movimento e seus objetivos..... | 97 |
| Tabela.6 - Explicação do Jogo da Estátua | 98 |
| Tabela.7 - Explicação do Jogo das Cores..... | 98 |
| Tabela.8 - Explicação do Jogo do “Rei Manda” | 99 |
| Tabela.9 - Explicação do Jogo dos Arcos | 99 |
| Tabela.10 - Quadro Síntese: Atividades de Dança Criativa e seus objetivos..... | 101 |
| Tabela.11 - Explicação do Jogo/Situação – “Imagina que é...” c/objetos | 103 |
| Tabela.12 - Explicação do Jogo/Situação - “Vamos imaginar..... | 103 |
| Tabela.13 - Explicação do Jogo/Situação – “Vamos inventar uma história” | 104 |
| Tabela.14 - Explicação do Jogo/Situação – Procura o som | 104 |
| Tabela.15 - Explicação do Jogo/Situação dos números | 105 |
| Tabela.16 - Explicação do Jogo/Situação – Dança com balão..... | 106 |
| Tabela.17 - Explicação do Jogo/Situação – Espelho..... | 106 |
| Tabela.18 - Explicação do Jogo/Situação – Voz..... | 107 |
| Tabela.19 - Explicação do Jogo/Situação do Acrescenta..... | 107 |
| Tabela.20 - Explicação do Jogo/Situação – Telefone Estragado | 108 |
| Tabela.21 - Explicação do Jogo/Situação – “Aprendizagem/reprodução de movimentos/sequências de movimentos sugeridos pelo professor e/ou colega(s)..... | 108 |
| Tabela.22 – Explicação do Jogo/Situação – “Exercícios de improvisação” | 109 |
| Tabela.23 – Explicação do Jogo/Situação – Aprendizagem de “danças das áreas de conteúdo” | 109 |
| Tabela.24 – Explicação do Jogo/Situação – Contato-improvisação | 110 |

Lista de Imagens

| | |
|-------------------------------|----|
| Fig.1 – Árvore da Dança | 11 |
|-------------------------------|----|

Introdução

Esta investigação, qualitativa de carácter descritiva-interpretativa, inserida na metodologia de pesquisa bibliográfica, no âmbito da obtenção de grau de Mestre em Educação Artística, pela Escola Superior de Educação – IPVC, que segue as normas APA 6ªEd. e é composta por cinco capítulos, visa abordar e enfatizar a dança enquanto prática pedagógica e conhecimento, partindo da convicção de que a dança é uma forma de expressão estética e elaboração artística através do corpo e do movimento e uma necessidade em qualquer sociedade no caminho da educação, liberdade, criatividade e expressão/comunicação, e a qual tem sido desvalorizada e remetida para segundo lugar no contexto da Educação Formal.

Nesse sentido, o primeiro capítulo refere-se à apresentação do tema, onde será declarada a problemática do estudo, assim como serão explanadas as finalidades e motivações que estiveram na origem desta investigação, partindo da formulação de questões iniciais que estão subjacentes ao tema.

O segundo capítulo, denominado Estado da Arte, está relacionado com o enquadramento do estudo, onde se procedeu à fundamentação teórica do mesmo, e onde são discutidos conceitos e analisadas perspectivas e perceções, feita com base em pesquisas e literatura de referência, de modo a sustentar o tema e apresentando-se dividido em quatro partes. Sendo assim, e relativamente a este capítulo, pretendeu-se realizar uma breve retrospectiva histórico-concetual acerca da dança, bem como refletir sobre a educação pela arte ou educação artística, neste caso específico, através da dança, assim como consciencializar sobre a sua pertinência como motor educacional dos indivíduos, e ainda, investigar, analisar e refletir sobre as causas que tem colocado a dança enquanto conhecimento e prática educativa em segundo plano no contexto da Educação Formal em Portugal.

O terceiro capítulo, diz respeito à metodologia da investigação, apresentando-se a seleção e caracterização das opções metodológicas, a definição da amostra do estudo, a seleção dos instrumentos de recolha de dados e sua respetiva caracterização, a análise de dados, a conceção do desenho do estudo e respetivo Plano de Ação, assim como a descrição das considerações

éticas a ter no estudo.

Já no quarto capítulo, são apresentados e discutidos os resultados da análise e interpretação dos dados, procedidos através da triangulação dos dados provenientes das diversas fontes e à sua análise comparada.

No quinto e último capítulo é apresentada a proposta de dança, pedagógica, que pensámos e desenhamos, direcionada para crianças da Educação Pré-escolar e a qual se acredita e crê que poderá colmatar a ausência ou pouca presença desta expressão artística no contexto da Educação Formal. No decorrer deste capítulo abordaremos e iremos explanar todos as componentes que constituem e compõem a nossa proposta, nomeadamente: introdução, objetivos (gerais e específicos), conceitos, atividades/estratégias, recursos/materiais e ainda a respetiva avaliação da mesma. Por fim, seguem-se as conclusões finais do estudo, assim como as respetivas referências bibliográficas.

CAPÍTULO I – APRESENTAÇÃO DO TEMA

1.1. Declaração do problema

Hoje em dia, já existem vários artigos (Coelho, 2006; Macara, 2006; Santos & Fernandes, 2006; Monteiro, 2007 e 2014;); livros (Laban, 1990; Macara, 1998; Strazzacappa, 2001; Sousa, 2003b; Marques, 2003; Leandro, Monteiro & Melo, 2018) e projetos de investigação (Alegre, 2015; Marques, 2012b; Leandro, 2015), que evidenciam a pertinência das artes e da dança em particular, como tendo um papel fulcral para o desenvolvimento e formação do ser humano. Contudo, e apesar disso, infelizmente, continua a existir uma desvalorização das artes, sobretudo da dança, não só ao nível da profissão em si, mas também no contexto educativo.

Nesse sentido, gostaríamos de analisar e compreender porque é que a dança como prática educativa e conhecimento, tem sido posta em segundo plano e vista como uma atividade menor que serve meramente para brincar, relaxar ou para ajudar as “festinhas de escola”.

Monteiro, (2014), é uma das autoras que alerta para esta problemática:

É quase banal aceitar a importância das artes, pelo menos do ponto de vista teórico, e, desde que o chamado aproveitamento escolar, das disciplinas ditas “nobres”, não seja prejudicado ou até só ameaçado. Haja tempo para o que se considera como uma espécie de parêntesis, um entreter, um passar do tempo, um momento para o lazer (p. 129).

A mesma autora (2014), acrescenta ainda que, devido a este motivo e à importância que se dá ao tão ambicionado sucesso escolar, as áreas artísticas serão sempre consideradas secundárias. Pois, a prática das diversas expressões artísticas, é vista como um prémio ou por outro lado até, como um castigo pela sua proibição, e não pelo seu real valor. E quanto mais se avança no grau de ensino menos prioridade ou preocupação lhes é dedicada.

Tendo em conta esta afirmação, e apesar da dança estar contemplada no plano curricular da

Educação Artística na Educação Pré-escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico e também como uma extensão da Educação Físico-Motora nos 3 ciclos do Ensino Básico, é necessário repensar-se acerca das causas que têm impedido a promoção da sua prática.

Esta confusa duplicidade, assim como a consideração de que a dança é uma atividade exclusivamente motora e o facto de nas escolas não se ensinar dança, mas sim “danças” (Monteiro, 2014), são provavelmente as principais causas da dança não ser considerada por tudo o que poderia contribuir para a formação das crianças e jovens, pois com a música, o teatro e as artes plásticas, não existe essa confusão ou problema.

Também Coelho (2006), alerta para este mesmo problema, quando explícita, que infelizmente é claro a fragilidade da presença da dança como disciplina do ensino regular. Para a autora, o objetivo da dança no ensino genérico, ultrapassa o mero domínio de destrezas, sendo que o mesmo é o desenvolvimento de capacidades e competências dos alunos, que resultam da experiência estético- artística e que podem e devem ser aplicadas noutros contextos.

1.2. Pertinência do estudo

Após a declaração do problema a abordar, pensámos ser pertinente e de carácter urgente, investigar, analisar, compreender e sobretudo, encontrar soluções práticas viáveis (como por exemplo a criação de um “programa” ou proposta de dança, pedagógica), que permitam finalmente, e de uma vez por todas, reconhecer e implementar a dança, como prática educativa integrante e enriquecedora da escola, podendo funcionar com o seu currículo próprio na área artística (note-se que nem todas as escolas o estão a implementar) e saindo assim, se possível, da área Físico-Motora (que sem retirar a importância fundamental desta, para nós a dança é uma forma de expressão estética e de elaboração artística, ou seja, ela é mais que movimento, mais do que exercício), o que sem dúvida, acreditámos que poderá contribuir para um maior e melhor desenvolvimento do aluno, de forma mais inclusiva, integradora e motivadora.

Para além disso, e sabendo-se que alguns dos argumentos e causas para a ausência de oferta desta área nas escolas são a falta de recursos humanos e físicos (Santos & Fernandes, 2006),

e também o facto do “currículo favorecer as disciplinas artísticas que estão de longa data estabelecidas no Sistema Educativo: a Educação Musical e a Educação Visual” (Coelho, 2006, p. 30), urge desenhar-se e testar-se um projeto/proposta de dança, que colmate a ausência desta prática educativa nas escolas e pensar-se numa forma de obter apoios de autarquias e parceiros sociais que financiem esta prática e permitam custear a integração dessa área nas escolas, tornando-a acessível a todas as crianças e jovens, de forma gratuita e igual para todos, o que atualmente é apenas acessível uma elite.

1.3. Finalidades do estudo

Sendo assim, e tendo em conta o que acaba de ser explanado, o estudo que realizámos, tem como finalidades:

i) Analisar e interpretar a situação da dança como prática educativa e conhecimento, no contexto da Educação Formal, quer numa perspetiva geral, quer numa perspetiva local;

ii) Desenhar uma proposta de dança, pedagógica, para um contexto de Educação Pré-escolar;

iii) Apresentar essa proposta a parceiros sociais (Autarquia, empresas) de forma a obter-se um financiamento que permita testar e custear a implementação dessa proposta, envolvendo profissionais de dança com o ensino formal, no concelho de Viana do Castelo.

1.4. Questões de Investigação

Após alguma pesquisa e reflexão acerca da problemática que está na origem deste estudo, foram formuladas algumas questões de investigação, que tiveram como base algumas dimensões de análise.

Dessa forma, surgiram algumas questões, tais como:

- i) Sabendo-se os grandes benefícios da dança como prática educativa e conhecimento, será que a mesma tem sido valorizada no contexto da Educação Formal em Portugal?;
- ii) Como é que a dança tem sido praticada nas instituições educativas portuguesas da Educação Pré-escolar, 1º e 2º CEB, e em particular, no concelho de Viana do Castelo? Qual a oferta artística das escolas de Educação Pré-escolar e Ensino Básico do concelho de Viana do Castelo?;
- iii) Como se processam as contratações dos docentes dessas sessões de dança? Que professores e qual a sua formação?;
- iv) Quais os esforços da Autarquia vianense para promover a dança no concelho? Que papel pode ter na articulação de profissionais de dança com o ensino formal, tornando acessível a todas as crianças a prática da Dança?;
- v) Que conteúdos e atividades pode conter um programa de dança para ser implementado em contexto de Educação Pré-escolar ou Ensino Básico?;

CAPÍTULO II – ESTADO DA ARTE

2.1. Dança: Enquadramento Teórico

2.1.1. Dança: Breve Retrospectiva Histórica

Sendo a história a ciência que estuda a vida do homem através do tempo, investigando, explicando, contextualizando e orientando-nos, ou seja, dando-nos sentido ao presente, pensámos que antes de se avançar para o centro da questão propriamente dita, importa e faz todo o sentido, fazer-se uma breve retrospectiva histórica que possa fazer de ponte entre o passado e o presente. E ainda mais pertinente se torna, quando Sasportes (1991) há vinte anos atrás nos dizia “(...) que a dança é a arte menos estudada e menos conhecida da sua história. A tal ponto que qualquer indivíduo que se julgue mediamente culto (...) só muito raramente tem uma ideia da evolução da dança” (p. 7).

Nesse sentido, e analisando a dança de forma histórica, é possível constatar que a linguagem artística desenvolvida pela dança antecedeu, historicamente, a própria linguagem verbal, mostrando que a dimensão relacional e de contacto com a(s) divindade(s) se manifestou no movimento e na relação com a natureza e o espaço envolvente. Ou seja, o homem sempre dançou, ao longo da história, e como mostra Baiak (2007), “O homem primitivo dançava porque não sabia falar, hoje os homens falam, mas continuam a dançar, não como antes, mas dançam, mesmo depois de anos de evolução e transformação” (p. 20).

José Sasportes (1991), diz-nos que a história da dança poderá ser tão longa quanto a história da humanidade. Não é possível dizer ou precisar quando a dança se tornou parte da cultura humana. Desta forma, pode-se compreender que a dança sempre existiu através dos tempos e em todas as épocas da história, ela teve sua relevância, seja através da representação de manifestações de seus povos, para aplacar os seus deuses e espíritos, seja para expressar emoções, sentimentos e comunicar-se com os seus e traduzir suas características culturais.

Nessa perspetiva, Baiak (2007) afirma que:

A dança é uma linguagem universal, através da qual o corpo se expressa, e os humanos se entendem. Assim como todas as artes, a dança tem um papel importante na sociedade, a de unir homens, natureza e de ser muito maior do que nós. (p. 20).

Sendo assim, é possível compreender, que a dança constitui, desde sempre, uma atividade humana universal. Nesse sentido, e fazendo uma retrospectiva histórica da dança, é possível verificar que é no século XIV que se inicia, muito timidamente, a profissionalização dos bailarinos e o surgimento dos primeiros mestres. Bourcier (2001, p. 64) explicita que até então, a dança era uma expressão corporal de forma relativamente livre e que a partir desse momento, toma-se consciência das possibilidades de expressão estética do corpo humano e da utilidade das regras para explorá-lo. De certa maneira, foi um processo de transformação das danças de salão para a dança de expressão artística, e assim, o ato de improvisar passa a ser colocado de lado para dar lugar aos passos estudados. Portinari (1989) vai mais além, ao discutir a necessidade do surgimento do mestre de dança na corte renascentista, já que a espontaneidade fora substituída por uma postura estudada e uma movimentação codificada.

Dois séculos depois, no século XVII, a Europa inicia um sistema artístico codificado. De acordo com Robatto (1994, p. 48), também foi neste período que houve uma separação das artes cênicas originalmente integradas: Teatro, Dança e Música e a consequente especialização de cada uma. Desta forma, a dança passa a usufruir de um sistema tecnicamente mais elaborado, e a partir deste momento o ballet deixa de ser uma arte anónima para começar a vangloriar o surgimento dos grandes criadores e intérpretes.

Através da evolução e dos estudos da dança, a questão da exploração do movimento corporal e sua diferença preocupou os mais célebres estudiosos de dança e seus percussores. A dança contemporânea, em contraste com a dança no ballet clássico ou na dança moderna, não pontua unilateralmente uma determinada técnica, mas desliza por muitos sistemas de estudos corporais, mas sempre com o pensamento incluso na disponibilidade do corpo para com a expressão (Portinari, 1989).

O período da dança pós-moderna, e aquele que se lhe seguiu, chamado por alguns autores de “nova dança”, trouxe peculiaridades para o corpo na dança. Peculiaridades essas que introduziram o início de uma nova investigação corporal, ou seja, deixaram de usufruir uma única técnica corporal e começaram a explorar os movimentos para entender o corpo. Alguns países, depois de sofrerem a influência da dança pós-moderna e do teatro-dança, conseguiram finalmente encontrar seu caminho na dança contemporânea. A dança, com diversas designações, obtém um novo conceito estético e a dança contemporânea ganha o seu espaço (Tércio, 2000; Gil, 2001; Greiner, 2005; e Katz, 2018).

É no final dos anos 40, do século XX, que a dança no contexto educativo foi impulsionada por Rudolf Laban. Desenvolvida com o pressuposto que “(...) é dirigida para todos sem exceção e definida como o corpo no espaço e, o corpo, um instrumento de expressão. A forma de dança que desenvolveu, envolve então conceitos como a autodescoberta, a autoconsciência, a expressão e a comunicação” (Monteiro, 2007, p.181, in Leandro, 2015).

Sendo assim, Rudolf Laban, segundo Marques e Xavier (2013) “(...) abriu caminho para que a dança passasse a ser um processo expressivo em construção, mediante a manipulação do movimento” (p. 48; in Leandro, 2015, p. 24).

Desta forma, esta proposta de Laban (1990), foi despontando em diferentes países com diferentes designações e tendências, levando ao aparecimento de duas correntes: a francófona (França e Bélgica) e a anglo-saxónica (EUA e Inglaterra). A primeira, a francófona, com o objetivo principal centrado na expressão e com denominações como “expressão pela dança”, “expressão dançada”, “dança educacional”, “dança educativa” ou “dança educação”. A segunda corrente, a anglo-saxónica, deu maior ênfase à criatividade do que à expressão, chamada por “modern educational dance”, “dança criativa” ou “movimento criativo” (Monteiro, 2007; Sousa, 2003b). Contudo, as diferenças entre as duas correntes foram-se atenuando, tornando-as cada vez mais semelhantes, no sentido em que ambas acabam por incluir a expressão e a criatividade como objetivos principais (Delimbeuf, 1997; Sousa, 2003b; in Leandro, 2015, p. 24-25).

2.1.2. Dança: Enquadramento Concetual

Para Sousa (2003b), a dança é “(...) uma das manifestações de movimento mais natural e espontânea do ser humano” (p. 113). Dito isto, e ainda de acordo com o mesmo autor, a dança diferencia-se dos movimentos funcionais, como comer, beber ou andar e também do exercício físico, por esta ser espontânea, livre e expressiva.

Strazzacappa (2001), diz-nos que a dança é uma forma de arte que utiliza os movimentos do corpo como forma de expressão, normalmente acompanhada por música. O conceito de dança também está relacionado com o facto de esta ser um veículo de comunicação usando uma linguagem não-verbal entre os indivíduos, onde qualquer bailarino expressa sentimentos ou emoções recorrendo a gestos e movimentos.

Para se visualizar melhor o desenvolvimento e a aplicação da dança, a autora idealizou então um diagrama, baseado numa árvore elaborada pela bailarina e educadora francesa Jacqueline Robinson (1978). Esse diagrama, representa a dança e as suas diversas funções baseadas em três motivações principais: a expressão, o espetáculo e o lazer. A essas três motivações, juntam-se outras possibilidades como a étnica e a terapêutica.

Sendo assim e segundo Strazzacappa (2001), a expressão é a motivação mais significativa da dança e está representada como o tronco principal, além de estar também representada nas demais ramificações, como lazer, motivação étnica e espetáculo. É nesse tronco que se situam a dança-teatro, as danças moderna e contemporânea e a educação.

Ao redor desse tronco principal, com uma bifurcação para o lazer e outra para o espetáculo, estão as danças étnicas ou populares, cujas manifestações podem ser a expressão de uma comunidade, como o jogo, e ainda serem exploradas em espetáculos.

No tronco do lazer, encontram-se as danças amadoras, as danças de salão e o jazz, todas técnicas práticas por puro prazer, ou seja, sem interesse profissional, para além das danças populares. Já as danças provenientes de regiões e países específicos e as danças de rua,

apresentam-se como um galho que começa nas expressões culturais e que se ramifica tanto para o campo profissional do espetáculo quanto para a área de recreação (amadora). Por fim, há ainda uma pequena ramificação, que parte do tronco expressão: a saúde e a terapêutica. Desta forma fica evidente, através deste diagrama de Strazzacappa (2001), a diferenciação entre o fazer amador, o profissional, o educativo, a terapia e as manifestações culturais.

É também possível compreender, que “Dança” é um conceito profundo e que abrange diversas áreas e formas de dança existentes, não delimitando, assim, a forma de dança que foi utilizada neste estudo, ou seja, a dança na educação. Posto isto, e considerando como válidas as diversas e diferenciadas terminologias que se apresentam na literatura no âmbito da área da dança em contexto educativo, optámos pela denominação de dança criativa.

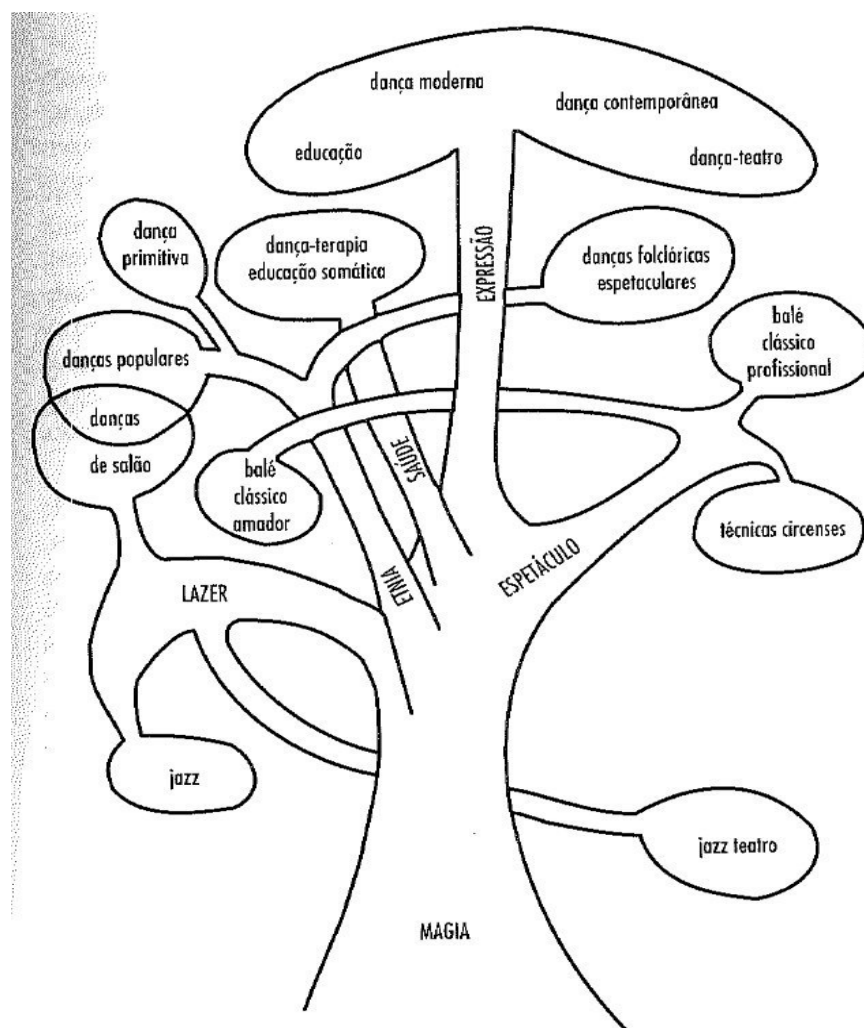


Fig.1 – Árvore da Dança (Strazzacappa in Ferreira, 2001).

Nesse sentido, Joyce (1994) in Leandro (2015) considera que a dança criativa é única, pois é uma atividade singular em que o movimento é utilizado com expressão pessoal, onde os seus intervenientes exploram e descobrem o seu movimento, construindo assim, uma linguagem corporal, expressiva, criativa e comunicativa.

Esta perspetiva é corroborada por Vitorino (2001) in Leandro (2015), quando afirma que a dança criativa aprimora a experiência de movimento do fazer (dançar), do criar (inventar), do observar e do sentir através da dança, envolvendo as componentes técnica, expressiva, da imaginação e da invenção. Sendo assim, o objetivo da dança criativa é comunicar através do corpo, movimento e gestos, que são explorados e criados pelos seus intervenientes, com o propósito de aprender a utilizá-los, conseguindo-se desta forma, comunicar uma ideia ou compreender e integrar um conceito ou sentimento (Joyce, 1994; Cone & Cone, 2005; Overby, Post & Newman, 2005).

2.2. Educação Artística

A Educação Artística é um direito humano universal, refletido nas declarações e convenções internacionais sobre os direitos humanos, estando associada a uma educação completa no ser humano, sendo a arte um pilar essencial para o desenvolvimento global e harmonioso do indivíduo (UNESCO, 2006).

Desde 1945, data da sua fundação, a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura/United Nations Educational Scientific and Cultural Organization), tem dado um importante contributo na promoção da área artística na educação a nível mundial, promovendo inúmeras conferências e atividades de diferentes índoles, para a sensibilização do papel das artes no contexto da aprendizagem e na educação em geral (UNESCO, 2006).

Segundo Leandro e Torres (2007), através da arte, a imaginação concretiza-se, despertando a criatividade, as emoções educam-se, os sentimentos cultivam-se e os conceitos apreendem-se. Com as expressões artísticas, as aprendizagens de códigos, conceitos, ideias, imagens,

sensações e sentimentos são o fundamento para um desabrochar do sentido criativo, estético e artístico, de competências cognitivas e da aprendizagem do conhecimento.

Com o aparecimento das filosofias da educação pela arte, na segunda metade do século XX, a partir da edição do livro de Herbert Read (1943), intitulado “Education Through Art”, a vasta repercussão da obra promoveu a criação da “Associação Internacional de Educação pela Arte”, em 1954. Já em Portugal, três anos depois (aproximadamente), é também criada a “Associação Portuguesa de Educação pela Arte”. Nesse sentido, poder-se-á afirmar que é nos anos setenta do século XX, que se assiste, em Portugal, à valorização da Educação Estética e para a qual muito contribuiu o Colóquio sobre o Projeto da Reforma do Ensino Artístico (promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian) e cujo papel foi decisivo na sensibilização de diversas entidades para a importância da Educação pela Arte como uma pedagogia a implementar a nível nacional, desde a Educação Pré-escolar aos estabelecimentos de ensino superior (Alegre, 2015).

Relativamente à Arte e à sua ligação com o ensino, Read (1958) considerava que “o objetivo de uma reforma do sistema educacional não é produzir mais obras de arte, mas pessoas e sociedades melhores” (p. 79) e que a finalidade da arte na educação deve ser idêntica aos objetivos da própria educação, ou seja, “o de encorajar o desenvolvimento daquilo que é individual em cada ser humano, harmonizando simultaneamente a individualidade assim induzida com a unidade orgânica do grupo social a que o indivíduo pertence” (Ibidem. p.21) Sendo assim, a partir destes princípios, de Read (1958), a Arte é defendida como agente primordial no crescimento e desenvolvimento do ser humano e são as atividades de expressão artística que apelam para a imaginação e para a criatividade.

No que diz respeito a esse aspeto, Sousa (2003b.), Keun e Hunt, (2006) e Minton (2008), dizem-nos que a criatividade é uma capacidade ou aptidão humana para produzir ações intelectuais inteiramente novas e desconhecidas de quem as produz. Ou melhor, a criatividade é a capacidade de gerar soluções novas e originais para um problema, sendo um processo contínuo de descoberta e exploração através dos processos cognitivos.

Robinson (1982) acrescenta ainda que a criatividade não é uma faculdade especial de algumas crianças e de outras não. Esta ideia é corroborada por Vieira e Leite (1998), que explicitam que ao contrário do que muita gente pensa, a criatividade não é, como um dom de nascença, em que ou se nasce criativo ou não. A mesma pode e deve ser desenvolvida através da aprendizagem e da experiência.

Sendo assim, esta ideia rompe com a crença de que uma pessoa que é criativa, tem um dom ou uma capacidade superior, ou que a capacidade criativa não pode ser desenvolvida. Todos os seres humanos, são mais ou menos criativos e como tal, todas as crianças têm um potencial criativo que deve ser desenvolvido na escola para serem, no futuro, cidadãos “(...) criativos, flexíveis, adaptáveis e inovadores. (...) a Educação Artística permite dotar os educandos destas capacidades, habilitando-os a exprimir-se, avaliar criticamente o mundo que os rodeia e participar ativamente (...)” (UNESCO, 2006, p.7), na sociedade em que vivem.

Contudo, tal como a criatividade, também a imaginação deve ser estimulada, pois se tal não acontecer será muito difícil a criatividade surgir (Gala, 2007). No sentido, em que as pessoas criativas são aquelas que imaginam as soluções para os problemas e desafios apresentados (Pica, 2013).

Nessa perspetiva, para Gala (2007), a imaginação é a capacidade mais específica do Homem, pois é através dela que o Homem encontra novas soluções para os problemas e trabalhos criativos, combinando, reunindo e associando imagens e ideias. Salientou ainda que, por norma, a escola está orientada para o desenvolvimento do pensamento lógico, analítico e racional em detrimento do pensamento divergente, intuitivo e da imaginação.

Martins (2004), acrescenta ainda, que a criatividade depende, na maioria das vezes, do ambiente ou contexto em que o indivíduo está inserido. Quer isto dizer, que a produção criativa não pode ser atribuída exclusivamente a um conjunto de habilidades e traços de personalidade do criador, passando a ser válida também a influência de elementos do ambiente onde esse indivíduo se encontra inserido (Miranda & Almeida, 2008). A escola tem, assim, um papel fulcral de forma a maximizar as oportunidades de expressão da criatividade e

imaginação nos processos de ensino e aprendizagem (Alencer, 2007).

Já Howard Gardner (1998) e a sua teoria das inteligências múltiplas, tem ainda hoje, um papel relevante quando se aborda o cérebro e o seu potencial que articula as diversas áreas do saber. Este autor e psicólogo, considera que as crianças são diferentes no que respeita à capacidade mental de memorização, de realização e de compreensão, tendo em conta que o ser humano tem diferentes tipos de inteligências e que reflete distintas formas preferenciais para aprender. Ou seja, defende a existência de diferentes modos de desenvolvimento ligadas em diferentes modalidades de inteligência, ideia esta, fundamentada na psicologia evolutiva de Piaget, que considerava que “(...) o desenvolvimento humano é (...) como um reflexo de interações complexas entre pré-disposições genéticas e envolvimento. O indivíduo (...) passa por determinadas experiências que resultam em reorganizações periódicas do conhecimento” (Rocha, 2004, p. 12).

As teorias educacionais defendidas por Gardner (1993), vieram dar um suporte importante relativamente à pertinência das artes na educação. Segundo este, não é reconhecida uma inteligência artística em isolado, mas o direcionamento de cada uma das formas de inteligência, mencionadas anteriormente, para fins artísticos, pois segundo o autor, alguns talentos só se desenvolvem porque são valorizados pelo ambiente.

Tendo em conta esta perspetiva, Gardner (1993), desenvolve um projeto de escola experimental, o “Projeto Zero”, através do qual tenta verificar na prática as consequências das suas ideias para a educação. As artes surgem assim na escola, como estratégias didáticas para o ensino de conteúdos mais tradicionais, procurando respeitar os possíveis diferentes modos de aprender. Ou seja, o autor coloca num mesmo grau de importância, aptidões artísticas, físicas e intelectuais, igualando raciocínio lógico e competência linguística com as habilidades artísticas, corporais e musicais.

Seguindo este pensamento, Elliot Eisner (2002), no seu livro "The Arts and the Creation of Mind", realça vários contributos das artes para o Ser Humano, nomeadamente para as crianças, tais como: a) As artes celebram múltiplas perspetivas e mostram que existem muitas

maneiras de ver e interpretar o mundo; b) as artes ensinam às crianças, que nos modos complexos de resolução de problemas, os propósitos raramente são corrigidos, mas mudam com as circunstâncias e as oportunidades. Ou seja, isto significa que aprender, nas artes, requer a capacidade e a disposição de se render às possibilidades imprevistas do trabalho à medida que ele se desenrola; c) as artes ensinam as crianças a questionar relações qualitativas, ao contrário de grande parte do currículo, em que prevalecem as regras e as respostas corretas, nas artes prevalece o questionamento em vez das regras; d) as artes tornam real o facto de que nem as palavras na sua forma literal, nem os números, esgotam o que podemos conhecer, pois os limites da nossa linguagem não definem os limites da nossa cognição; e) as artes ensinam as crianças que os problemas podem ter mais que uma solução e que as perguntas podem ter mais do que uma resposta; f) as artes ensinam as crianças a pensar através e dentro de um material. Todas as formas de arte empregam alguns meios pelos quais as imagens se tornam reais; g) as artes permitem-nos ter uma experiência que não podemos alcançar a partir de nenhuma outra fonte. É através dessa experiência que descobrimos o alcance e a variedade do que somos capazes de sentir; h) as artes ensinam às crianças que pequenas diferenças podem ter grandes efeitos; i) as artes ajudam as crianças a aprender a dizer o que não pode ser dito. Ou seja, quando as crianças são convidadas a revelar o que uma obra de arte as faz sentir, precisam de alcançar as suas capacidades poéticas para encontrar as palavras que farão o trabalho; e j) o lugar das artes no currículo escolar, em relação com o lugar ocupado por outras disciplinas, simboliza para as crianças e jovens o que os adultos acreditam ser importante.

Dessa forma, e corroborando com Eisner (2002), Matos & Ferraz (2006), referem que “a cultura e as artes são consideradas componentes fundamentais de uma educação que vise o desenvolvimento pleno dos indivíduos, pelo que a sua obrigatoriedade permitiria garantir o acesso de todos os seus benefícios e potencialidades” (p. 27). Assim, pensámos poder afirmar de forma fundamentada, que a arte no ensino contribui para a valorização dos diferentes tipos de inteligência da criança, havendo uma ligação direta das mesmas à sua sensibilidade e à sua ação.

Neste contexto, Bamford (2009), salienta como objetivos da educação artística: a transmissão da tradição cultural aos jovens; a criação de uma linguagem artística própria; e ainda, a

contribuição para a formação global, emocional e cognitiva.

Contudo, e segundo Fernandes (2007), estamos ainda longe, em Portugal, de um contexto educativo em que a educação artística seja considerada como um elemento imprescindível e valorizado na educação em geral, tal como foi analisado no Relatório Final do Estudo de Avaliação do Ensino Artístico: “É preciso definir políticas e encontrar modos de agir que valorizem e consolidem o ensino e a aprendizagem das artes no contexto das escolas do chamado ensino regular” (Ibidem, 2007, p. 35).

Com o propósito de cobrir esta lacuna no sistema educativo nacional, surgiu o Clube UNESCO de Educação Artística, em 2008, que visa promover a educação artística em Portugal, assumindo-se como um espaço permanente de discussão e afirmação deste objetivo - uma efetiva educação artística para todos. Em 2009 teve início uma ação intitulada “Projeto de Educação Artística para um Currículo de Excelência - Projeto Piloto para o 1.º Ciclo do Ensino Básico”, em duas turmas do 1.º Ano, tendo uma duração de quatro anos. Segundo as autoras, Marques & Caldas (2012), este projeto preconizou um diálogo entre as expressões artísticas e as outras áreas curriculares, referindo que “(...) cada Expressão Artística tem o seu valor intrínseco, mas é da troca/ligação/diálogo/interação entre elas, e com as restantes competências, que se poderá alcançar uma organização curricular lógica e enriquecida” (p. 136). Desta forma, este Projeto procurou valorizar a educação artística no 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB) a partir de uma metodologia de intervenção experimental, tentando assim, a integração de outras áreas de conhecimento, bem como diferentes áreas artísticas (Marques, 2012b, p. 68).

Posto isto, pensámos ser inegável que as artes na educação devem ser práticas de excelência no âmbito dos processos criativos, permitindo ao indivíduo através da vivência de experiências, atividades e projetos artísticos, desenvolver “(...) o sentido de criatividade e iniciativa, uma imaginação fértil, inteligência emocional e uma “bússola” moral, capacidade de reflexão crítica, sentido de autonomia e liberdade de pensamento e de ação” (UNESCO, 2006, p.6).

2.3. A Importância da Dança como Motor Educacional

Tendo em conta a proposta de Laban (1990), o criador da dança educativa, que anteriormente referimos, é possível compreender que a dança pode ser vista como uma importante ferramenta ou veículo para outras aprendizagens, a denominada, dança educativa.

Para Sousa (2003b), existe uma diferença entre a dança como normalmente é conhecida e a dança educativa. Ao contrário da dança-espetáculo que por norma existe uma coreografia previamente estabelecida e ensaiada vezes e vezes sem conta, a fim de se atingir a “perfeição” dos movimentos selecionados pelo coreógrafo e feita para um público; a dança educativa expressa-se na riqueza das formas do movimento liberado, nos gestos, nos passos, assim como, naqueles que o homem contemporâneo utiliza na sua vida quotidiana. Ou seja, o mais importante é o processo de aprendizagem.

Esta, segundo Sousa (2003b), “(...) é constituída por propostas de movimento lúdico-expressivo-criativo, com o objetivo, não de se ensinar a dançar, mas de promover o desenvolvimento integral da criança” (p. 113-114).

Neste sentido, existem diferenças entre dança educativa e dança-espetáculo, que como anteriormente foi referido, a primeira faz parte da área da educação, dedicando-se à formação da criança, interessando-lhe a dança apenas como forma de atuação pedagógica, enquanto a segunda se coloca no campo do espetáculo, residindo a sua finalidade na própria dança, no seu valor artístico e comunicativo (Sousa, 2003b, p. 115).

De forma ainda mais clara, a dança educativa é para a criança e a dança-espetáculo é para o público. A dança educativa tem como objetivo criar vivências emocionais, promover o seu desenvolvimento, ajudá-la a movimentar-se espontaneamente, a expressar-se da forma que mais desejar, criando movimentos que mais lhe agradam. Contrariamente, na dança-espetáculo por norma existe uma coreografia previamente estabelecida (Sousa, 2003b).

Contudo, cremos que é relevante e pertinente destacar, que esta perspetiva não é de todo

consensual, sendo que nos anos 80, esta forma de dança deixou de ter o enfoque centralizado na componente expressiva (processo), passando, também, a desenvolver-se os elementos de movimento (produto), quando foi reconhecido o valor artístico da dança. Como refere Elisabete Monteiro (2007), “(...) pode-se afirmar que em ambas as correntes de dança na dimensão educativa esta deixou de ser só “expressiva” para passar a ter um conteúdo mais técnico” (p. 183).

Esta corrente na dança em contexto educativo concretizou-se na década seguinte até à atualidade, influenciada pelo Modelo (Intermédio) da Arte da Dança na educação de Smith-Autard (1994), adotando uma metodologia centrada em três linhas de ação: “Composition, Performance and Appreciation”.

Propõe-se, por isso, a ideia de que através das experiências em dança que incluam o fazer, o criar, o interpretar e o observar, numa vertente de formação artística genérica, se potencia o desenvolvimento de competências relevantes para a possível progressão profissional no âmbito das diferentes Artes.

Desta forma, Smith-Autard, em 1994, na sua obra “The art of Dance in Education”, defende que a Dança na Educação desenvolve determinadas habilidades, fomenta o conhecimento e a capacidade de compreensão dos estudantes. A prática da Dança, através da resposta a determinados desafios de índole criativo, potencia ainda o desenvolvimento da criatividade e da imaginação.

Segundo Smith-Autard (1994), o Modelo Intermédio não atribui maior relevância ao processo (Modelo Educacional) ou ao produto (Modelo Profissional). Ou seja, é um modelo educacional em que o processo de Dança deve resultar do movimento natural e expressivo, mas também do conhecimento e desenvolvimento de habilidades que promovam a pesquisa de novas formas de movimento, da aquisição de competências técnicas e estilos coreográficos.

Assim, o ensino da Dança deve passar primeiro pelo conhecimento e consciencialização do corpo, onde começa por surgir a parte expressiva e criativa, contribuindo para o

desenvolvimento do indivíduo, e na qual também está implícita a interpretação estética e artístico-cultural.

Na nossa opinião, acreditamos e defendemos que esta última perspectiva, o Modelo Intermédio de Smith-Autard (1994), é mais completa e abrangente, pois, além de não dar mais valor ao Modelo educacional em detrimento do Modelo profissional e vice-versa, consegue aliar o melhor dos dois mundos, valorizando não só o processo, mas também o produto. O que faz com que a dança contribua, assim, para o desenvolvimento integral e harmonioso da criança/aluno, sendo uma componente essencial no desenvolvimento físico (corpo e movimento), emocional e artístico (pensar e sentir), social (comunicar com os outros) e cognitivo e criativo (aprender diferentes maneiras de expressar uma ideia).

Santos (2007), dá ênfase à dança na educação em diferentes culturas, na medida em que considera que a educação dos corpos e do processo criativo e interpretativo através da dança, “possibilita ao aluno uma maior compreensão do mundo e das coisas nele contidas, sem necessariamente a negligenciar, renegar, alienar à informalidade das ruas, dos guetos e dos programas de televisão, tão pouco fazer da dança uma atividade meramente funcionalista” (p. 64).

Sendo assim e de acordo com Marques (2003):

ao contrário de uma visão histórica ingênua de que a dança não passa de ‘uns passinhos’ a mais ou a menos na vida das pessoas, hoje não podemos mais ignorar o papel social, cultural e político do corpo em nossa sociedade. E, portanto, da dança (p. 26).

Nessa perspectiva e segundo Oliveira (2001), por meio da dança, a criança evolui quanto ao seu domínio corporal, desenvolve e aprimora os movimentos, descobre novos espaços, e supera suas limitações para enfrentar novos desafios. A dança como forma de educação, deve permitir que os intervenientes consigam desenvolver as suas habilidades motoras, conheçam o seu próprio corpo, estimulem a criatividade e a sua cognição, através da aprendizagem, compreensão e integração dos seus conteúdos, princípios e conceitos.

O mesmo autor (2001), diz-nos que a dança é considerada lazer ou entretenimento, mas na educação, ela deve estar voltada para o desenvolvimento completo do indivíduo, favorecendo a sua sensibilidade e as noções espaço - temporais que são desenvolvidas e descobertas através de uma coreografia ou aula de dança.

Dessa forma e tendo em conta, estes dois autores (Marques, 2003; Oliveira, 2001), compreendemos que a dança é importante na educação, pois sendo uma linguagem de relações, tem como função primordial a comunicação através do corpo, permitindo a aquisição da consciência corporal, assim como da criatividade e do despertar do aluno para as possibilidades de movimento que o seu corpo apresenta.

Contudo, parece-nos deveras pertinente alertar que quando se aborda a importância da dança, a parte cognitiva normalmente fica esquecida e “apenas” fazem girar tudo em volta do movimento, corpo, expressão e criatividade. Porém, cremos que a dança é uma atividade (artística) muito importante na estimulação e desenvolvimento cognitivo dos seus intervenientes, nomeadamente das crianças. Através da dança, é possível que a criança/aluno transmita e comunique ideias através do movimento, envolvendo as suas aptidões cognitivas na resolução das situações-problema. Dessa forma, o aluno cria, executa e observa as danças, analisando os seus movimentos e o dos outros, desenvolvendo o pensamento crítico, imaginação e criatividade e explorando diferentes maneiras de compreender e apreciar o movimento como forma de arte, despertando a experiência do sentir, a sensibilidade estética e artística (Cone & Cone, 2005; Almeida, 2007).

Já para Verderi (2009), a dança deverá ter um papel fundamental como atividade pedagógica e por meio dessas mesmas atividades reforçar a autoestima, a autoimagem, a autoconfiança e o autoconceito. Esta afirmação, faz-nos compreender que o papel educacional da dança visa o desenvolvimento físico, emocional e sociocultural do aluno, de forma que amplie a sua visão na sociedade, tornando-o um indivíduo pensante, capaz de contribuir com essa sociedade, ou seja, a prática desta arte pode potenciar ao aluno grandes mudanças internas e externas, no que se refere ao seu comportamento, na forma de se expressar e pensar.

A criança, na escola, através da dança criativa poderá explorar as suas capacidades expressivas e criativas, expressando as suas ideias, pensamentos e conceitos pelo corpo e pelos movimentos, utilizará a imaginação para fazer diferentes movimentos e o seu corpo envolver-se-á na criação de soluções de movimentos para os problemas propostos (Keun & Hunt, 2006). Como refere Batalha (2004), com os elementos da dança criativa “(...) os alunos trabalham, manipulando e resolvendo os problemas que lhe são postos, de acordo com uma abordagem criativa e de desenvolvimento da imaginação” (p. 44).

Neste âmbito, a criatividade pode ser vista como um processo pelo qual as crianças criam ideias de movimento, expressando-as através do corpo (Almeida, 2007). Desta forma, a criança através da dança criativa relaciona-se com a invenção e a criação de novas maneiras de movimentar, sendo que a função criadora apela, por um lado, à imaginação, fator fundamental na abordagem da dança, que estimula e sugere novas respostas de movimento e por outro lado, conflui na exploração, originando a descoberta (invenção) de novas propostas de movimento (Pereira, 1994; In Leandro, 2015).

Como o movimento criativo é um processo divergente, não havendo respostas certas, o desenvolvimento da criatividade passará pela exploração de movimentos a partir da descoberta e da procura de soluções para a resolução do problema proposto, sendo que a criatividade, na dança, é vista através da variedade e da qualidade das respostas de movimento a uma tarefa (Almeida, 2007; In Leandro, 2015, p. 37).

A dança criativa (educação artística), na vertente genérica poderá ser um meio estimulante para enriquecer o processo de aprendizagem, tornando-o mais eficaz (UNESCO, 2007), melhorando a compreensão dos conteúdos das disciplinas (Matos & Ferraz, 2006; UNESCO, 2006).

Dessa forma, e segundo Shinca (1991), “a dança traz inúmeros benefícios, seja nos aspetos físicos ou sociais, tais como o desenvolvimento da coordenação motora, noções espaciais, criatividade, autoconhecimento, alinhamento do corpo, apreço por outras culturas, entre

outros” (p. 34).

Esta citação anterior está relacionada com o facto da dança (criativa) desenvolver uma série de potencialidades das pessoas, que as ajudam a descobrir-se a si próprias e a pôr à prova as suas capacidades, pois a dança como forma de educação pode e deve proporcionar ao ser humano desde pequeno, situações que lhes possibilite: desenvolver as suas habilidades de movimento, promover o autocontrolo, estimular a cognição, criatividade e a imaginação, conhecer o seu corpo e promover o sentido crítico.

Posto isto, pode-se compreender que dança é altamente significativa na educação dos indivíduos, pois por ser uma atividade completa que exercita em simultâneo o corpo, a alma e a mente, contribui de forma significativa para o desenvolvimento intelectual, assim como a atenção, a memorização, o raciocínio, a curiosidade, a observação, a criatividade e poder crítico.

Dessa forma é possível constatar que de facto, pode e deve ser uma promissora ferramenta, e servir como motor educacional de aprendizagem, porque para além de promover o desenvolvimento psicomotor, pode funcionar como força motriz do desenvolvimento afetivo, emocional, cognitivo e sociocultural que interagem e se completam, contribuindo assim significativamente para um desenvolvimento mais globalizante dos seus praticantes (Santo et al, 2001; Mallmann & Barreto, 2012).

Contudo, cremos que é de enorme relevância e pertinência referenciar que para nós a dança é muito mais que isso. Pois, sem retirar o valor e importância fundamental da área Físico-Motora, que a dança também apresenta, assim como da Educação Física, o que as diferencia é o facto de a dança ser também, e sobretudo, uma forma de expressão estética e de elaboração artística, ou seja, ela é mais que movimento, mais do que exercício.

Relativamente a esta ideologia, já há 32 anos, Gray (1989), entendia que a Dança na escola devia ser pensada de forma holística, indo além da noção de “mera atividade física”:

Dance is the pure art of body movement, the creation or reproduction of movement forms that do not necessarily serve a practical purpose yet can provide a deep sense of satisfaction and achievement. More than other activity, dance helps students realize their own visions of excellence (p.61).

Também Batalha (2004) compreende a dança em contexto educativo, “primeiramente como forma de arte, em que há criação intencional do objeto artístico, enquadrada por um movimento do pensar, assente em movimentos de transcendência e sentido” (p. 141), não descurando a herança humana ancestral que lhe assiste. Assim, para a autora, nesse contexto a dança é uma disciplina educativa artística na qual “predomina o conhecimento e a mobilização corporal, com conteúdos específicos relevantes que promovem a experiência criativa, estética, comunicativa e crítica” (Batalha, 2004, p.10), pois o corpo é o instrumento fundamental do discurso, deslizando entre a fisicalidade (expressões e movimentos espontâneos) e a corporeidade (formas organizadas de movimento com fins comunicacionais).

Seguindo essa perspectiva, Marques (2003), pondera que, “as gerações que não tiveram dança na escola muitas vezes não conseguem entender o seu significado e sentido em contexto educacional” (p.21). Sendo assim, a dança, para que seja compreendida e desfrutada corretamente nos seus aspetos estéticos e artísticos, necessita, de acordo com a autora, que haja interação com o fazer-pensar, assim será possível a educação de corpos que criem ao pensar e que possam compreender o mundo como arte, gerando compreensão diferenciada, através do sentimento cognitivo. Ou seja, através da experiência de movimento que possibilita os seus intervenientes a fazer (dançar), a sentir (observar) e a criar (inventar).

Além disso, parece-nos também de extrema pertinência referir, que para além de todos estes importantes benefícios que a dança acarreta em contexto educativo, a dança na educação (dança criativa) pode e deve ainda “desenvolver uma metodologia interdisciplinar se articularmos os conteúdos da dança com os temas/conceitos de uma área curricular” (Leandro, Monteiro & Melo, 2018, p. 25).

Relativamente a esta metodologia (interdisciplinar), Marques (2012a) diz-nos que mesmo que

a dança tenha o papel de agente condutor e sirva de ferramenta para a aquisição de conhecimentos, as crianças/alunos através da experiência que a dança pode proporcionar, ao aprenderem sobre outros assuntos e conceitos, também aprendem sobre dança (como por exemplo, sobre o corpo, o espaço, a energia e relação), desenvolvendo-se assim de forma simultânea a percepção, imaginação, criatividade, observação, e sensibilidade.

Desta forma, pensámos que a “interdisciplinaridade entre a matéria da dança, áreas curriculares genéricas e outras expressões artísticas” (Marques, 2012b, p. 68), pode ser uma metodologia de grande importância e valor na educação, pois pode contribuir de forma mais integradora e motivadora no processo-ensino aprendizagem e desenvolvimento do aluno.

2.4. A (Des)valorização da Dança no Contexto da Educação Formal

Relativamente à dança no contexto da educação formal em Portugal, é possível verificar que “o corpo na educação tem uma reduzida expressão, valorizando-se uma pedagogia intelectualista, sendo as artes sempre remetidas para segundo plano, relativamente às outras áreas curriculares mais associadas à vertente cognitiva” (Leandro, Monteiro & Melo, 2018, p. 21).

Se analisarmos o estudo de caso, levado a cabo por Alegre & Macara (2009), compreende-se que na década de oitenta e de noventa, os Professores de Educação Física justificavam a escassa inclusão da dança nas práticas educativas, por causa de problemas como o preconceito que associava a dança ao género feminino; a herança cultural de concepções de Educação Física (na sequência de haver muitos docentes ex-combatentes do Ultramar com formação militar); e ainda pela dança, denominada “nova tendência” naquela altura, ser apenas aceite por alguns professores, sobretudo se as aulas de Educação Física se destinassem ao género feminino.

Já vinte e oito anos antes, Perdigão (1981), manifesta desagrado com a inclusão das “atividades rítmicas” no programa de Educação Física nos ensinos preparatório e secundário, maximizando a polarização entre a Educação Física e a Educação Artística no que à dança diz respeito.

Torna-se evidente a duplicidade e tensão da dança existente em cenário educativo. Se por um lado na Educação Física a terminologia psicomotricista é criticada por ser excessiva, por outro lado, na Educação Artística denota-se a oposição à inclusão das atividades rítmicas no programa de Educação Física. Esta falta de consenso, provavelmente, não contribuiu para o fomento de práticas concretas de dança na escola, na década dos anos oitenta (até aos dias de hoje), tornando-a pouco presente, difusa e incompreensível em contexto escolar.

Aprofundando a problemática da dança numa vertente mais artística do que física, Robalo (1998), afirma, que a maioria dos docentes que possuía a licenciatura em Educação Física (Ciências do Desporto), não lecionava dança na escola como atividade curricular, pela pouca (ou nenhuma) formação inicial.

Já em 2004, Teixeira, corroborava com esta ideia, quando afirmava que o ensino da dança implementado através da Educação Física, tinha fraca adesão, derivado da insuficiente formação inicial e contínua dos professores, assim como, dos escassos recursos materiais, bem como da desadequação das instalações.

É no início do século XXI, através da mudança das orientações curriculares ocorridas em 2001 e sobretudo das políticas educativas implantadas entre 2005 e 2011, que se efetivaram controversas reformas no Sistema Educativo Português. Nomeadamente, a implementação da avaliação de desempenho docente, que por ser obrigatório cumprir com todos os conteúdos do programa curricular, fez com que o interesse pela Dança por parte dos professores de Educação Física aumentasse (Alegre & Macara, 2009).

Já em 2006, Márcia Strazzacappa, investigadora e docente da Universidade de Campinas, afirmou durante a sua visita à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, onde refletiu sobre esta e outras questões no “Encontro Internacional das Artes” (promovido por esta instituição anualmente), que a dança raramente está presente no ambiente escolar. A situação não melhorou ao longo da última década e meia e, nessa perspetiva, percebe-se que a dança dificilmente é valorizada na escola, porque esta área tem encontrado

problemas para ensinar tal conteúdo.

Segundo a mesma investigadora (2006), esta está contemplada nos programas do Ensino Básico, mas são inúmeras as mazelas encontradas no espaço educacional e passamos a explicar. Geralmente, a dança é encontrada como forma de espetáculo, apresentação pontual de pequenas coreografias em festas finais de ano académico, sem o reconhecimento do seu potencial enquanto recurso pedagógico de grande valia para a aprendizagem, o qual auxilia o processo de construção do conhecimento e da personalidade, através da interação entre o corpo e a mente. Contudo, pensámos ser relevante referir que embora parecida, esta é a realidade brasileira. Por outro lado, esta autora destaca essencialmente o valor instrumental da dança enquanto ferramenta para outras aprendizagens e parece-nos ficar esquecida enquanto parte integrante e por direito da educação artística.

Relativamente a esta problemática, Santos e Fernandes (2006), afirmam no seu artigo intitulado “A Prática da Dança no Ensino Básico em Viana do Castelo”, que a dança é a área mais desprezada das áreas artísticas e, com base nesse pressuposto resolveram investigar a adesão do público a espetáculos e a prática da dança em escolas do 1º ciclo. Relativamente à dança no ensino genérico, as investigadoras elaboraram um inquérito às escolas da cidade, tendo analisado separadamente as seis escolas de 1º ciclo e as quatro escolas do 2º ciclo, por considerarem diferente a sua organização curricular. No final, concluíram que “os coordenadores dos estabelecimentos de ensino conhecem as potencialidades da dança e sabem que a dança constitui um valor acrescentado na educação em geral, nomeadamente o facto de ser um espaço de encontro do corpo com a arte.” (Ibidem, p.75). Apesar disso, ficou claro que apesar de algumas escolas privadas já introduzirem o ensino da dança, ela continua a não ter espaço de forma sistemática no ensino regular, por falta de recursos humanos e físicos.

Também Macara (2006), destacou que a inexistência de oferta de dança nas escolas portuguesas, obriga a repensar as causas que têm impedido a promoção da sua prática, como uma “metodologia fortemente inclusiva, aspeto que nos parece fundamental na sociedade multicultural e plurifacetada em que vivemos” (Ibidem, p. 56).

A mesma autora (2006), afirma que apesar de hoje em dia, ser possível verificar uma evolução da dança e de esta estar muito mais integrada em Portugal, no sentido em que existem várias companhias, grupos e escolas de dança um pouco por todo o país e diversos profissionais desta área, no que diz respeito ao contexto da Educação Formal, é uma prática que se encontra inserida na área da Educação Artística na Educação Pré-escolar e 1º CEB, e surge como uma extensão da área da Educação Físico-motora no 1º, 2º e 3º CEB, constando da programação da disciplina no bloco das Atividades Rítmicas e Expressivas. Relativamente ao ensino secundário, a dança aparece de novo integrada no currículo da Educação Física, estando contemplada nas atividades do Desporto Escolar.

Tendo em conta este facto, Leandro (2015), diz-nos que a dança, durante uma década (de 2001 até 2011), foi a única expressão artística que esteve incluída em dois documentos orientadores que preconizaram diferentes conteúdos. Num com a denominação de Atividades Rítmicas Expressivas – Dança, fazendo (e faz atualmente) parte de um bloco no programa curricular da Educação Físico-Motora, Organização Curricular e Programas do 1.º Ciclo, e noutro, com a designação de Dança, foi uma área disciplinar no contexto da educação artística, no Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais.

Sabe-se então, que a Área das Expressões Artísticas e Físico-Motora é uma das componentes do currículo, envolvendo a área Físico-Motora e no âmbito artístico três áreas: Expressão e Educação-Dramática, Musical e Plástica. Cada uma delas apresenta as diretrizes do seu domínio disciplinar, englobando, também, blocos de aprendizagem, orientações pedagógicas e atividades para o desenvolvimento das suas práticas educativas. Pensámos, pois, ser extremamente pertinente e relevante referenciar que a dança é a única expressão que não tem um currículo próprio como área artística, fazendo parte da Expressão e Educação Físico-Motora (Leandro, 2015).

A mesma autora (2015), explana ainda que um modelo de ensino onde as expressões artísticas (sobretudo a dança), permanecem como a última prioridade no plano de estudos e vistas como complementos de formação, na maioria dos casos dispensável, estamos, assim, ainda muito longe de uma efetiva educação artística, pois o envolvimento de todas as disciplinas artísticas

conducente ao desenvolvimento íntegro a nível cognitivo, motor, emocional, artístico, criativo e social, estão postas em causa.

Como anteriormente já foi referido, esta confusa duplicidade (curricular), assim como a consideração de que a dança é uma atividade exclusivamente motora e o facto de nas escolas não se ensinar dança, mas sim “danças” (Monteiro, 2014), são provavelmente as principais causas (mas não só) da dança não ser considerada por tudo o que poderia contribuir para a formação das crianças e jovens, pois com a música, o teatro e as artes plásticas, não existe essa confusão ou problema.

Desta forma, não há dúvida que a massificação da dança na escola tem passado, efetivamente, pela sua inclusão nas aulas de Educação Física. Apesar de, tal como anteriormente referido, estar também contemplada, na área de Educação Artística e no Programa do Desporto Escolar, tornando-se por isso (e de uma vez por todas) necessário realizar uma contextualização diferenciada para melhor enquadramento (Alegre & Macara, 2009).

Na nossa opinião, cremos que a dança ao ser inserida no contexto da educação formal, o seu principal objetivo não é formar bailarinos, mas sim, oferecer ao aluno, uma relação mais efetiva e intimista com a possibilidade de aprender e expressar-se criativamente através do movimento. Nessa perspetiva, o papel da dança na educação (formal) é o de contribuir com o processo ensino-aprendizagem, de forma a auxiliar o aluno na construção do seu conhecimento e personalidade e no seu desenvolvimento integral e harmonioso. Contudo, deve também dar bases aos alunos acerca da sua linguagem específica, assim como a possibilidade de desenvolver a sua capacidade de criação, interpretação e apreciação. Ou seja, defendemos e apoiamos a implementação do Modelo (educacional) Intermédio de Smith Autard (1994), que valoriza não só o processo, mas também o produto e o qual já explanámos anteriormente.

Para Verderi (2009), a dança na escola deve proporcionar oportunidades para que o aluno desenvolva todos os seus domínios do comportamento humano e, por meio de diversificações e complexidades, o professor contribua para a formação de estruturas corporais mais

complexas.

Esta proposta resume-se na busca de uma prática pedagógica mais coerente com a realidade escolar, onde a dança preparará o corpo e a mente, nomeadamente a disciplina, resiliência, sensibilidade, dos alunos a fim de que se exercitem de acordo com as suas necessidades, estimulando através dos movimentos espontâneos e a precisão do gesto, o processo ensino-aprendizagem.

O facto da escola ver a dança, somente, como uma atividade motora em vez de área de conhecimento e de expressão estética e elaboração artística, da falta de um planeamento por parte do professor para com os objetivos e conteúdos específicos de dança para as suas aulas, o preconceito em relação ao género e, claro, a falta de formação específica do professor da área Físico-Motora, que resultam na pouca (e indevida) ou nenhuma experiência com dança na escola, parecem ser motivos para que a dança ainda não tenha o seu merecido reconhecimento no contexto educativo português.

Por tudo isto referido anteriormente, infelizmente a dança é pouco lecionada e explorada nas quer aulas de Educação Física, quer pelas crianças ao longo da sua vida. Embora, a dança esteja contemplada no currículo escolar, esta passa por um (já longo) processo de discriminação, uma vez que esta não é trabalhada e não tem (de todo) o mesmo espaço e prioridade comparativamente aos outros conteúdos da disciplina de EF e mesmo das outras áreas curriculares e como tal deve ser repensada de uma vez por todas, por tudo aquilo que pode e deve acarretar na educação e desenvolvimento das crianças e jovens.

Posto isto, pensámos, ser fundamental que a dança na escola, mais concretamente na Educação Física se realize através de um professor com formação qualificada para tal, e que não aplique apenas técnicas e conceitos, mas que fomente, igualmente, experiências e que seja o monitor que orienta os alunos para uma descoberta pessoal das suas habilidades motoras, cognitivas e criativas.

Contudo, pensámos ser de extrema relevância referir também, que ainda que não estejamos contra a dinamização da dança na disciplina de Educação Física (desde que esta tenha o seu espaço merecido e seja lecionada por professores específicos ou com a formação adequada), para nós o ideal seria a dança sair da Educação Física e ser incluída na área/grupo disciplinar da Educação Artística (como acontece na EPE e 1º CEB) em todos os graus de ensino até ao 9º ano de escolaridade (inclusive), e onde esta teria um currículo próprio dentro da área artística. E teria, igualmente, a merecida atenção e espaço a nível curricular. Porque, na nossa opinião, todas as expressões artísticas, mas em especial a dança, deveria ser acessível a todas as crianças e jovens ao longo do seu percurso académico, pois esta é uma atividade (artística) muito completa, abrangente e interdisciplinar, visto que auxilia em diversas áreas que são extremamente pertinentes para que o aluno construa o seu conhecimento e a sua personalidade, além do desenvolvimento dos aspetos afetivo/emocional e social, assim como do desenvolvimento ao nível motor, cognitivo, criativo e artístico-cultural, o que pode e deve proporcionar ao ser humano grandes mudanças internas e externas, no que se refere ao seu comportamento, na forma de agir, de se expressar e de pensar, contribuindo assim para a formação de melhores alunos, mais capazes e dinâmicos e de pessoas mais conscientes, informadas, cultas e ativas.

Capítulo III – METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

3.1. Seleção e caracterização da Metodologia da Investigação

Relativamente à metodologia, e tendo em conta o desenho, conceptualização e desenvolvimento do estudo, uma vez que o problema e as questões de investigação delineadas no início do estudo são a base de todas as etapas de investigação, decidimos realizar uma investigação de acordo com o paradigma qualitativo, de carácter descritivo-interpretativo, caracterizada pela aproximação ao mundo de um modo interpretativo e naturalista, ou seja, esta investigação tem como objetivo interpretar e estudar determinada questão no seu contexto natural, analisando os fenómenos com vista a compreender o contributo das pessoas nessa mesma interpretação (Mertens, 2010).

Segundo Bell, (1997), “os investigadores que adotam uma perspetiva qualitativa estão mais interessados em compreender as perceções individuais do mundo. Procuram compreensão, em vez de análise estatística” (p. 20). Ou seja, tendo em conta a perspetiva da autora, na investigação qualitativa, o objetivo deste método de investigação é descrever ou interpretar, mais do que avaliar, na medida em que o investigador não pretende alterar a realidade, mas sim, investigar e analisar os dados de forma indutiva e interpretativa, para obter a construção do conhecimento numa perspetiva holística e integral, em que o todo é mais do que a soma das partes, e permitindo assim, uma profunda compreensão acerca da temática em estudo.

Freixo (2012), corrobora com este pensamento ao explicitar, que a utilização do paradigma qualitativo tem lugar quando existe uma preocupação por parte do investigador, em relação à existência de uma compreensão absoluta e ampla do fenómeno em estudo. O investigador procede à observação, descrição, interpretação e apreciação do meio e do fenómeno tal como se apresentam, sem procurar controlá-los. Sendo assim, o “(...) objetivo desta abordagem de investigação utilizada para o desenvolvimento do conhecimento é descrever ou interpretar, mais do que avaliar.” Dessa forma, é possível compreender a importância da compreensão do investigador (qualitativo) e dos intervenientes no processo de investigação (Ibidem, p. 173).

Segundo Bogdan & Biklen (1994), a investigação qualitativa, apresenta cinco características principais:

| | |
|---|---|
| Principais características da investigação qualitativa | 1. A recolha dos dados sucede-se no ambiente natural, através de um contacto direto onde o investigador representa o agente principal na recolha de dados; |
| | 2. Os resultados obtidos são apresentados de forma descritiva; |
| | 3. O investigador tem como principal preocupação o processo em detrimento do resultado ou produto final da investigação; |
| | 4. O investigador tende a interpretar e analisar os resultados de forma indutiva, construindo as suas hipóteses ao longo do estudo; |
| | 5. O investigador qualitativo reflete uma grande preocupação em interpretar as diferentes perspetivas do seu estudo, atribuindo pertinência à importância do significado, ou seja, ao “porquê e ao “quê”. |

Tabela 1. Principais características da investigação qualitativa (Bogdan e Biklen, 1994).

Relativamente às etapas do processo de investigação qualitativa, Freixo, (2012, p. 177), diz-nos que as principais etapas dessa abordagem qualitativa são:

| | |
|---|--|
| Etapas do processo de investigação qualitativa | a) Formulação de um problema geral de investigação a partir de uma situação concreta que comporta um fenómeno que pode ser descrito e compreendido, segundo as significações atribuídas pelos participantes aos acontecimentos, ou também partindo de um conceito; |
| | b) Enunciado de questões precisas com vista a explorar os elementos estruturais, as interações e os processos que permitem descrever o fenómeno e elaborar o conceito; |
| | c) Escolha dos métodos de colheita de dados (observação, entrevistas, registos); |
| | d) Escolha de um contexto social e de uma população (amostragem teórica); |

| | |
|--|---|
| | e) Colheita de dados e a análise de onde é tirada uma descrição detalhada dos acontecimentos relatados pelos participantes que viveram tal situação ou experiência; |
| | f) Elaboração de hipóteses interpretativas a partir dos conhecimentos obtidos, com vista a dar uma significação à situação; |
| | g) Reformulação interativa do problema, das questões ou modificações e a integração do conceito à medida que se juntam novos dados. |

Tabela 2. Etapas do processo de investigação qualitativa (Fonte: Freixo, 2012, p. 177)

Nessa linha de pensamento, existem alguns pressupostos que devem ser considerados no desenvolvimento da pesquisa qualitativa, nomeadamente: os investigadores qualitativos recolhem os dados pessoalmente, utilizando um instrumento ou protocolo, (por exemplo, a entrevista, como é o nosso caso); os investigadores qualitativos criam os seus próprios padrões, as suas próprias categorias e os seus próprios temas; ao longo de um processo de pesquisa qualitativa, o investigador mantém o foco na aprendizagem do significado que os participantes dão ao problema ou à questão; o processo de pesquisa qualitativa é emergente e, por isso, o plano inicial para a pesquisa não pode ser prescrito de forma demasiado rígida; e a pesquisa qualitativa é uma forma de investigação interpretativa, que não pode ser desligada da sua origem, procurando, no entanto, estabelecer visões que dela possam emergir (Creswell, 2009).

De forma sucinta, este paradigma (qualitativo ou interpretativo) é caracterizado pela sua finalidade de investigação em compreender, interpretar, descobrir significados e hipóteses de trabalho, em que a relação entre o investigador e o investigado, é marcada por uma dependência mútua, inter-relacionada e com uma implicação direta do investigador (Coutinho, 2014).

Posto isto, e tendo em conta o que acabamos de referir, estas revelaram-se fortes razões para concluir que esta metodologia (qualitativa) seria a mais adequada ao estudo que realizamos. Nesse sentido, o método que adotámos face ao problema declarado foi o descritivo-

interpretativo, uma vez que permite a compreensão e descrição dos fenómenos globalmente considerados, pretendendo-se compreender o problema a investigar de forma a arranjar-se possíveis soluções para o mesmo.

3.1.1. Caraterização do método selecionado

Os estudos descritivos procuram especificar as propriedades, as caraterísticas e os perfis importantes de pessoas, grupos, comunidades ou qualquer outro fenómeno que se submeta à análise. Eles medem, avaliam ou coletam dados sobre diversos aspetos, dimensões ou componentes do fenómeno a ser pesquisado. O objetivo consiste em descrever situações, acontecimentos e feitos, isto é, dizer como é e como se manifesta determinado fenómeno (Hernández Sampieri, Hernández Collado & Baptista Lucio, 2006).

Segundo Freixo (2012), o método descritivo-interpretativo assenta em estratégias de pesquisa para observar, descrever e compreender comportamentos, incluindo a identificação de fatores que possam estar relacionados com um fenómeno em particular. Os métodos descritivos respondem a questões sobre o comportamento, tais como: Quem, o quê, onde e quando?; Quem se envolve num determinado comportamento?; Que fatores ou eventos parecem estar associados a esse comportamento?; Onde esse comportamento ocorre?; Quando esse comportamento ocorre?; Com que frequência?.

Sendo assim, a finalidade principal do método descritivo é assim fornecer uma caracterização precisa das variáveis envolvidas num fenómeno ou acontecimento. É possível que a caraterização das variáveis em estudo sugira eventuais relações entre elas, mas ao método descritivo não compete determinar qual a natureza de tal relação.

Apesar das suas limitações, os métodos descritivos são frequentemente usados no início do estudo de uma nova área do saber ou mesmo em áreas já bastante estudadas, mas onde não é possível, por razões éticas ou devido à natureza dos fenómenos estudados, recorrer a métodos mais rigorosos e precisos (Freixo, 2012).

Uma vez que esta investigação se enquadra num paradigma qualitativo, no qual parte do pressuposto que o estudo de um fenómeno e os seus resultados se obtêm através das experiências pessoais dos envolvidos, pretende-se “compreender os significados e as ações do mundo pessoal dos sujeitos, ao tentar saber como interpretam as diversas situações e que significado tem para eles” (Coutinho, 2008, p. 7), a que Moura (2003), apelida de método antropológico que “vive, vê e compreende o que se vai estudar” (pág. 5).

Nesse sentido, pretendeu-se fazer uma reflexão que tem como objetivo conhecer uma determinada realidade, “compreender situações e fenómenos” (Cohen et al. 2000, p. 28), com o fim de encontrar práticas que permitam alterá-la e agir sobre essa mesma realidade, revelando-se fundamental o papel do investigador enquanto agente construtor de conhecimento (Coutinho, 2008).

Pensámos, porém, ser de grande relevância explicitar que inicialmente era nossa intenção realizar uma observação participante numa escola, contudo, como tal não foi possível devido à pandemia da covid-19 que estamos a vivenciar, optámos então por fazer um estudo com um enfoque mais teórico e epistemológico plasmado na apresentação de uma proposta pedagógica, e selecionando por isso o método descritivo-interpretativo, que de facto, por todas as razões já anteriormente mencionadas, nos pareceu o mais adequado no presente contexto.

3.2. Definição da Amostra do Estudo

Num estudo qualitativo a amostra é uma unidade de análise ou grupo de pessoas, contextos ou factos, sobre os quais se recolhem os dados, sem que necessariamente sejam representativos do universo ou da população que se estuda, e quando o universo é demasiado grande para ser observado na totalidade, deve-se proceder à seleção de elementos pertencentes a esse universo, que representam a população na totalidade (Hernández Sampieri, Hernández Collado & Baptista Lucio, 2006).

Já Freixo (2012), diz-nos que uma amostra é composta por um conjunto de sujeitos retirados de uma população, consistindo a mesma “num conjunto de operações que permitem escolher

um grupo de sujeitos ou qualquer outro elemento representativo da população estudada” (Ibidem, p. 210-211).

Nesse sentido, foi o que sucedeu nesta investigação, tendo sido selecionada uma amostra que fosse representativa, não só pelo facto de envolver profissionais da Educação Pré-Escolar, mas também por fazerem parte da amostra, sujeitos que representam a Autarquia e profissionais da área da dança, o que contribuiu para melhor conhecer e analisar o rumo e a situação da dança no contexto escolar (EPE) no Concelho de Viana do Castelo.

Sendo assim, e de forma a serem atingidos as finalidades desta investigação, analisar e interpretar a situação da dança como prática educativa e conhecimento, no contexto escolar de Educação Pré-escolar e do Ensino Básico e desenhar uma proposta de dança, pedagógica, para um contexto de ensino pré-escolar, de crianças entre os 5 e os 6 anos, foi pensada uma amostra pertinente para que de facto, tanto essas finalidades como a própria investigação pudessem ser bem-sucedidas.

Tendo em conta o que foi anteriormente explanado, foi selecionada a seguinte amostra:

- Uma docente coordenadora da Educação Pré-Escolar e 1º CEB do Agrupamento de Escolas da Abelheira;
- Duas Educadoras de Infância, do Jardim de Infância de Vila Nova de Anha e do Jardim de Infância de Monserrate, respetivamente;
- Uma professora de dança e diretora da Escola de dança “Open Dance School”;
- Uma Professora Universitária da área da dança; e
- Uma autarca do executivo da Câmara Municipal de Viana do Castelo;

Mais adiante faremos uma identificação mais detalhada e personalizada da presente amostra.

3.3. Instrumentos de Recolha de Dados e sua caracterização

Segundo Carmo e Ferreira (1998), na investigação qualitativa o principal instrumento de recolha de dados é o próprio investigador, uma vez que a fiabilidade e validade dos dados dependem muito da sua experiência, conhecimento e sensibilidade. Seguindo essa ideia de pensamento, Moura (2003) diz-nos que a principal finalidade da recolha de dados é registar exhaustivamente todo o processo de investigação, de forma a ser possível refletir e avaliar continua e sistematicamente sobre o que nela aconteceu.

Nesse sentido, a recolha de dados consiste na descrição detalhada e completa das atividades, situações, interações, imagens, atitudes, crenças e emoções observadas, sejam particulares ou coletivas. Por sua vez, o seu objetivo (da recolha de dados), é obter o máximo de informação dos indivíduos e/ou sociedades, em profundidade nas palavras, definições ou termos dos indivíduos no seu contexto (Hernández Sampieri, Hernández Collado & Baptista Lucio, 2006).

Uma vez que pretendíamos registar os diversos testemunhos das personalidades previamente selecionadas, acerca da problemática e finalidades deste estudo, decidimos utilizar as entrevistas e notas de campo, como instrumentos de recolha. Acreditámos que este conjunto de instrumentos e sua posterior análise permitiu compreender e sustentar a validade e pertinência da investigação que realizámos.

3.3.1. Entrevistas

A entrevista “é uma técnica de recolha de dados através da qual o investigador se coloca frente ao investigado, formulando perguntas com o objetivo de recolher dados que lhe servirão de orientação” (Ferreira, 2010, p. 36), com a intenção deliberada de procurar saber o que os outros “sabem, acreditam, esperam, sentem, desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram” (Ibidem 2010, p. 36).

Utilizada “para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito” (Bogdan e Biklen,

1994, p. 134), a entrevista deve refletir de forma válida e segura as informações recolhidas.

Segundo Bell (1997) referindo-se a este instrumento de investigação, a grande vantagem da entrevista é a sua adaptabilidade, no sentido em que a forma de “determinada resposta é dada (o tom de voz, a expressão facial, a hesitação, etc.) pode transmitir informações que uma resposta escrita nunca revelaria” (p.137).

A autora (1997), apresenta-nos este instrumento de investigação como sendo “(...) uma técnica altamente subjetiva, havendo sempre o perigo de ser parcial (...)” (p.146). Para além desta desvantagem, acrescenta-se o facto de implicar muito tempo quer na realização das entrevistas, quer posteriormente na transcrição quer na revisão de apontamentos.

Segundo Bogdan & Biklen (1994), “As boas entrevistas produzem uma riqueza de dados, recheados de palavras que revelam as perspetivas dos respondentes (...)” (p.136), resultando num conjunto de informações que se vai acumulando com o somar de entrevistas favorecendo o estudo, ou seja, completando-o.

Para Freixo (2012), a entrevista, como técnica de recolha de dados, apresenta algumas vantagens e limitações. Relativamente às vantagens: existe flexibilidade, no sentido em que o entrevistador pode repetir ou esclarecer perguntas; oferece oportunidade para avaliar atitudes e condutas, podendo-se observar o entrevistado naquilo que diz e como diz; dá a oportunidade para a obtenção de dados relevantes e que não se encontram em fontes documentais; e há possibilidade de conseguir-se informações mais concretas, podendo as discordâncias serem comprovadas de forma imediata. Por outro lado, também apresenta algumas limitações, assim como: a dificuldade de expressão e comunicação de ambas as partes; a incompreensão, por parte do entrevistado, em relação às perguntas questionadas, o que pode levar a uma falsa interpretação; a possibilidade de o entrevistado ser influenciado, seja de que forma for, pelo entrevistador, pelo seu aspeto físico, atitudes, ideias ou opiniões; retenção e indisponibilidade do entrevistado em facultar informações e dados pertinentes, por receio que a sua identidade seja revelada e; ocupa muito tempo, além que é difícil de ser realizada.

Tendo em conta essas vantagens e limitações, é importante ter em consideração o planeamento da entrevista, assim como o conhecimento prévio do entrevistado, a marcação com antecedência para se assegurar de que será recebido, garantir ao entrevistado sigilo e proteção dos dados recolhidos e ainda, organizar o guião (no caso de existir um) (Freixo, 2012).

Segundo Hernández Sampieri, Hernández Collado & Baptista Lucio (2006), existem três tipos de entrevistas: estruturadas, semiestruturadas ou abertas, sendo o grau de flexibilidade a principal diferença entre elas. Nesse sentido, considerámos que para a nossa investigação, as entrevistas realizadas deveriam ser do tipo semiestruturadas, garantindo assim que o grupo de entrevistados responde às mesmas questões, assegurando por isso, o acesso ao mesmo tipo de informação por todos os entrevistados, sem, no entanto, seguir uma ordem demasiado rígida.

As entrevistas semiestruturadas têm por isso a vantagem de permitir obter dados comparáveis entre os vários sujeitos entrevistados. De salientar também, que na realização de entrevistas semiestruturadas, além de existir alguma flexibilidade, é importante para a sua execução a existência de um guião, guião esse que pretende garantir que o grupo de entrevistados aborda os mesmos assuntos, mas não deixando de servir a dinâmica de conversação que a entrevista deve proporcionar. É, portanto, um guião que não exige uma ordem rígida nas questões, já que o desenvolvimento da entrevista se vai adaptando ao entrevistado, e mantém um elevado grau de flexibilidade na exploração das questões. Contudo, é importante que no guião exista uma clarificação e definição dos objetivos e dimensões que a entrevista comporta (Bogdan & Biklen, 1994).

Tendo em conta o que acabámos de explanar, através destas entrevistas (via zoom, pág. 138-164), a figuras pertinentes (descritas mais abaixo) acerca desta problemática, nomeadamente, figuras da Autarquia, das escolas e profissionais de dança, pretendíamos saber a opinião das entrevistadas acerca da educação artística e em especial, da dança no contexto escolar enquanto prática educativa e conhecimento, analisando não só numa perspetiva genérica, mas também tendo em conta um alcance comunitário e um olhar global sobre a situação local. Ou seja, através dos guiões que elaborámos (pág. 136-137), pretendíamos descobrir o que os entrevistados acham que é a dança e como a definem, se consideram que a mesma é importante

a nível escolar e porquê, se está e tem estado presente nas escolas, se tem sido praticada nas escolas, se sentem que é valorizada ou se existe algum tipo de discriminação, o que têm feito para promover a dança nas escolas e no concelho, se existem condições nas escolas para a prática e ensino da dança e se acham que a dança deve ser implementada na Educação Pré-escolar e porquê.

Relativamente ao conjunto de personalidades que seleccionámos entrevistar:

- Das Escolas, a Coordenadora da Educação Pré-Escolar e 1º CEB do Agrupamento de Escolas da Abelheira, Dr^a Fernanda Sá; a Educadora de Infância do Jardim de Infância de Vila Nova de Anha, Educadora Manuela Cameira de Sousa; e a Educadora de Infância do Jardim de Infância de Monserrate; Educadora Graça Cavaleiro;
- Dos Profissionais de Dança, a professora de dança e diretora da Escola de dança “Open Dance School”, Marta Cavaleiro e também uma Professora Universitária (não quis revelar o nome), da área da dança; e
- Da Autarquia de Viana, a Sr^a Vereadora com os pelouros da Coesão Social, da Juventude, do Voluntariado, dos Serviços Urbanos e Património, e mais recentemente também dos equipamentos culturais, Carlota Borges.

3.3.2. Notas de Campo

Através do uso das notas de campo numa investigação qualitativa, torna-se possível, na opinião de Bogdan e Biklen (1994), ver, ouvir, experienciar e meditar acerca daquilo que nos rodeia.

O registo das notas de campo poderá assumir diferentes níveis: descrição, através de transcrições e observações detalhadas dos comportamentos ou das atividades e da descrição das atividades desenvolvidas pelo investigador ou dos seus comportamentos (Cohen & Manion, 2000) e reflexão, acerca das observações realizadas, das descrições e dos métodos

utilizados na recolha de dados e ainda acerca de aspetos a clarificar (Bogdan & Biklen. 1994). Trata-se, portanto, de um instrumento de carácter pessoal, uma vez que nele estarão registados os momentos de reflexão que o investigador fará após as atividades, registando não só o que vê, mas também o que sente e as suas apreensões e dúvidas.

3.4. Análise de dados

Para analisar os dados recolhidos através das seis entrevistas realizadas, recorreremos à análise de conteúdo, definida por Bardin (2008) como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens” (p. 42). Consiste, portanto, numa técnica que possibilita ao investigador apreender determinado fenómeno a partir do que os participantes da investigação lhe declaram no seu discurso, ou através da exploração de documentos escritos, por meio da descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto (Vala, 1986). Esta, permite ao investigador efetuar inferências interpretativas a partir dos conteúdos expressos, uma vez desmembrados em “categorias” e “subcategorias” (no nosso caso), com vista à explicação e compreensão dos mesmos (Amado, Costa & Crusoé, 2014).

Nesse sentido, nos estudos qualitativos, assim como na presente investigação, a análise de conteúdo revela-se fundamental na medida em que permite não só efetuar o tratamento da informação recolhida através de entrevistas (no nosso caso), assim como permite, também, conferir “inteligibilidade aos factos e aos fenómenos sociais e humanos” (Esteves, 2006, p. 106).

Sendo assim e segundo Bardin (2008), o processo de análise de conteúdo comporta três fases essenciais: a pré-análise; a exploração do material; e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação, etapas que passamos a explicitar no contexto desta investigação.

Em relação, à etapa da pré-análise, após a seleção do(s) documento(s) a analisar, no nosso

caso, após a audição dos registros orais de cada uma das respectivas entrevistadas, seguiu-se a sua transcrição obedecendo às regras¹ (exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência) que regulam as técnicas de análise de conteúdo sugeridas por Bardin (2008). Ainda nesta etapa, iniciou-se a definição das regras para as operações de exploração do material, quanto à referenciação dos índices e elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação, por meio de recortes de texto, à categorização das unidades por índice temático e à codificação, para registro dos dados. É de salientar que no nosso caso, as duas categorias presentes se desdobraram em subcategorias para as quais estabelecemos as respectivas unidades de registro e unidades de contexto, informação que organizámos no formato de tabelas de síntese. Este processo permitiu-nos sistematizar e organizar os dados para a elaboração da análise e apresentação dos dados (capítulo V).

De seguida, na segunda etapa, procedeu-se à exploração do material, realizando-se a aplicação das operações de codificação, em função das regras previamente formuladas (Bardin, 2008). Por fim, executámos o tratamento categorial dos dados e propusemos as inferências e interpretações, a partir da triangulação dos dados provenientes das diversas fontes e da sua análise comparada.

3.5. Conceção do desenho do estudo e Plano de Ação

Freixo (2012), diz-nos que o processo de investigação científica é composto por três fases principais: a) fase concetual; b) fase metodológica e; c) fase empírica. “Cada uma dessas fases, integra diferentes etapas segundo uma sequência de desenvolvimento lógico” (Freixo, 2012, p. 183), sendo que na primeira fase, na fase concetual, escolhe-se e formula-se um problema de investigação; realiza-se a revisão de literatura (Estado da Arte), elabora-se um quadro de referência; enunciase o objetivo e formula-se as hipóteses de investigação. Na segunda fase, na fase metodológica, escolhe-se o desenho de investigação; define-se a população e a

¹ Regra da exaustividade: todos os elementos do corpus ou conjunto de documentos submetidos aos procedimentos analíticos devem ser usados. Regra da representatividade: a amostra deve ser parte representativa do universo. Regra da homogeneidade: os documentos retidos devem obedecer a critérios precisos de escolha. Regra de pertinência: os documentos retidos devem corresponder ao objetivo que suscita a análise.

amostra; identifica-se, classifica-se e operacionaliza-se as variáveis; escolhe-se os métodos de colheita e de análise de dados e considera-se as questões éticas a ter no estudo. Por fim, na terceira e última fase, na fase empírica, colhem-se os dados; apresentam-se os dados; interpretam-se os resultados e comunicam-se os resultados (Freixo, 2012).

Tendo em conta estas fases e suas respectivas etapas, o nosso estudo decorreu em várias fases, após aprovação inicial da viabilidade e implementação da investigação. A distribuição das diferentes fases relacionadas com o estudo, foram divididas em várias etapas, nomeadamente design de intervenção e revisão de literatura, que correspondem à fase concetual; o desenho da investigação que corresponde à fase metodológica e por fim, trabalho de campo, análise e interpretação dos dados e ainda as conclusões que correspondem à última fase, a fase empírica.

Mais se acrescenta que esta investigação “normalmente” decorreria durante seis meses (1 semestre), contudo devido à pandemia da covid-19 e suas consequências, foi necessário a solicitação de uma prorrogação de três meses, totalizando assim 9 meses. Sendo assim, a presente investigação teve início em setembro de 2020 e fim em maio de 2021.

A calendarização das atividades a executar das respectivas fases da investigação (Plano de Ação), encontram-se organizadas na seguinte tabela:

| Atividades | Set | Out | Nov | Dez | Jan | Fev | Mar | Abr | Mai |
|---|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
| Apresentação do tema | X | X | X | | | | | | |
| Estado da Arte | | | X | X | X | X | | | |
| Desenho da Investigação | | | | | | X | X | | |
| Trabalho de Campo | | | | | | | X | X | |
| Análise e interpretação dos dados e as conclusões | | | | | | | | X | X |

Tabela 3. Calendarização das atividades a executar na investigação (Plano de Ação).

3.6. Considerações Éticas

No contexto de investigação, as questões éticas ocupam um lugar de relevo, principalmente quando esta envolve o ser humano, de forma a garantir que os direitos das pessoas que participam na investigação são assegurados.

Segundo Freixo, M. J. (2012), “a ética apresenta-se como o conjunto de permissões e interdições que assumem especial valor e significado na conduta dos indivíduos em que estes se inspiram para guiar a sua conduta na comunidade onde se integram” (p. 205-206).

Deste modo, como investigadores, procurámos respeitar os princípios éticos ao longo do nosso estudo, nomeadamente, o consentimento informado do estudo, sua pertinência e motivação, do destino da informação recebida, da liberdade de escolha deste quanto à sua participação ou não e quanto ao direito de imagem e da informação que me prestar; informando com clareza as instituições acerca do objetivo desta investigação, pedindo autorização para as mencionar no trabalho de investigação, bem como para usar, se necessário, imagens ilustrativas do trabalho de campo; e ainda desenvolver a dissertação com fiabilidade, autenticidade e sustentação, recorrendo a autores pertinentes para a nossa investigação e mencionando-os convenientemente.

CAPÍTULO IV – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

4.1. Análise de Conteúdo

Após as seis entrevistas efetuadas (três profissionais de educação, duas profissionais de dança e uma representante da Autarquia, que se encontram em anexo nas p. 138-164), e de se realizar as devidas transcrições das respetivas entrevistas, procedeu-se a uma primeira leitura e análise de cada uma das seis entrevistas a analisar. Como anteriormente já foi referido (no capítulo III), para realizarmos a análise de dados das respetivas entrevistas, recorreremos à técnica da análise de conteúdo por nos permitir produzir inferências sobre o texto objetivo, tendo-nos baseado e sustentado sobretudo em Bardin (2008), mas também em autores como Amado, Costa e Crusoé (2014); Esteves (2006) e Vala (1986). Posteriormente, na fase da exploração do material e da seleção das unidades de análise (ou unidades de significados) e tendo em conta as normas de uma análise de conteúdo (Bardin, 2008), efetuámos as respetivas codificações (classificações, agregações e categorizações) de trechos de cada uma das entrevistas transcritas, que passamos a apresentar, mais abaixo, em forma de tabelas.

De acordo com as indicações próprias da análise de conteúdo, importa também acrescentar e explicar, que na coluna “Categoria” foram agregados os dois grandes temas das respetivas entrevistas: em primeiro lugar, “Educação Artística (EA)” e em segundo, “Dança”. Já na coluna da “Subcategoria, foram agrupadas temáticas respetivas a cada categoria e a cada entrevista, no sentido que foram elaborados três guiões de entrevista diferentes, um para as três profissionais de educação, um para as duas profissionais de dança e um para a representante da Autarquia. Sendo assim, existem subcategorias que coexistem a todas as entrevistadas, outras apenas ao seu grupo de profissão.

| CATEGORIAS | |
|--|--|
| Educação Artística (EA) | Dança |
| SUBCATEGORIAS | |
| “Conceito de EA”; | “Definição e significado de dança”; |
| “Perceção acerca do acesso das crianças à EA”; | “Papel da dança no Jardim de Infância” (apenas para as profissionais de educação); |
| “Abordagem da EA na Educação Pré-escolar e escolas”. | “Papel da dança no Jardim de Infância e escolas” (apenas para as profissionais de dança e a representante da Autarquia); |
| | “Valorização da dança no currículo e nas instituições educativas” (apenas para as profissionais de educação); |
| | “Lugar da dança na escola e oferta curricular” (apenas para as profissionais de educação); |
| | “Dinamização de atividades de dança no percurso profissional” (apenas para as profissionais de educação); |
| | “Dinamização de dança em contexto escolar durante o percurso profissional” (apenas para as profissionais de dança); |
| | “Condições das escolas para oferecerem a dança” (apenas para as profissionais de dança e a representante da Autarquia); |
| | “Esforços da instituição para promover a dança”; |
| | “Introdução da dança na Educação Pré-escolar”. |

Tabela 4. Categorias e Subcategorias das entrevistas.

Desta forma, e tendo em conta o que anteriormente se acaba de referir, na coluna “Unidade de Registo” encontram-se os fragmentos de texto que se tomam por indicativo de uma característica (no nosso caso, categoria e subcategoria). Por fim, na coluna “Unidade de Contexto” encontram-se os fragmentos do texto que englobam a unidade de registo e que, assim sendo, contextualizam a respetiva unidade de registo no decurso da entrevista (Amado, Costa & Crusoé, 2014; Bardin, 2008; Esteves, 2006; Vala, 1986).

Entrevista 1 – Profissional de Educação 1

| Categoria | Subcategoria | Unidade de registo | Unidade de contexto |
|-----------------------------------|---|--|---|
| 1. Educação Artística (EA) | Conceito de EA | Educar através das expressões artísticas. | Educação através da arte; todas as expressões que envolvam os órgãos dos sentidos e a criatividade. |
| | Perceção acerca do acesso das crianças à EA | Têm acesso; Jogo simbólico; Atividades lúdicas, dinâmicas e incentivadoras; Desenvolvimento integral através da EA. | As de Jardim de Infância tem; estão numa idade em que o desenvolvimento delas passa muito pelo jogo simbólico; desenvolvimento de todo o tipo de expressões artísticas; |
| | Abordagem da EA na Educação Pré-escolar e escolas | Abordagem abrangente, interligada e interdisciplinar. | abordagem com uma grande amplitude; tudo passa pela criatividade e pela exploração de atividades de expressão; de uma forma interdisciplinar, articulada e harmoniosa. |

| Categoria | Subcategoria | Unidade de registo | Unidade de contexto |
|------------------|--------------------------------------|---|--|
| 2. Dança | Definição e significado de dança | Forma de arte; Parte musical; Expressão de sentimentos; | componente de expressão artística e corporal; tem de se interiorizar e ter uma certa musicalidade e exprimir com sentimento o que lhe vai na alma. |
| | Papel da dança no Jardim de Infância | Pertinente; Desenvolve o | É muito importante; a criança pode exprimir o que lhe vai na alma; |

| | | | |
|--|--|---|---|
| | | <p>movimento lacto e a destreza fina;</p> <p>Exterioriza sentimentos;</p> <p>Contemplar a dança em todo o ensino formal.</p> | <p>pode desenvolver toda a parte de movimento lacto e até mais específico; acho que é bom contemplar a dança no Jardim de Infância e todo o ensino-aprendizagem.</p> |
| | <p>Valorização da dança no currículo e nas instituições educativas</p> | <p>Presença da dança nas orientações curriculares;</p> <p>Educadores é que devem valorizar e dinamizar a dança;</p> | <p>A dança está nas orientações curriculares;</p> <p>cada Educador é que tem que valorizar.</p> |
| | <p>Lugar da dança na escola e oferta curricular</p> | <p>Projeto curricular de grupo;</p> <p>Projeto educativo na área da música para o Pré e 1º ciclo do EB. 1 vez por semana;</p> <p>Exploração da música com movimentos.</p> | <p>tem alguma liberdade de escolha daquilo que vai desenvolver com o grupo de crianças;</p> <p>temos uma parceria com a Câmara Municipal e com a Escola de Música;</p> <p>há uma professora de música que trabalha muito as músicas, com danças e com a expressão corporal.</p> |
| | <p>Dinamização de atividades de dança no percurso profissional</p> | <p>Atualmente não tem grupo de crianças;</p> <p>Dinamização e exploração da música;</p> <p>Felicidade;</p> <p>Valoriza as artes como coordenadora.</p> | <p>se não fosse a dança propriamente dita, pelo menos a música;</p> <p>acho que cativa muito, a dança e a música; torna as pessoas mais felizes.</p> |

| | | | |
|--|---|--|---|
| | Esforços da instituição para promover a dança | Associação da dança à música e expressão dramática; Existência de grupo de dança no Desporto Escolar, no 2º e 3º ciclo do EB. | a dança só por si não, a música com dança sim; a dança está sempre associada a uma expressão; nos outros ciclos sim, há um grupo só mesmo de dança. |
| | Introdução da dança na Educação Pré-escolar | Dança presente nos Jardins de Infância; Funciona de forma interligada e abrangente. | a dança para mim já está no Pré-escolar, mas de forma interligada, interdisciplinar. |

Entrevista 2 – Profissional de Educação 2

| Categoria | Subcategoria | Unidade de registo | Unidade de contexto |
|-----------------------------------|---|--|--|
| 1. Educação Artística (EA) | Conceito de EA | Veia artística; Deve-se explorar habilidades artísticas de cada um; Expressar sentimentos; Novas experiências; Forte influência no sentido cognitivo; Educação através das expressões artísticas; Acarreta benefícios a vários níveis. | penso que toda a gente tem a sua veia artística, portanto em pequeninos devemos cultivar isso; papel muito importante a esse nível, no exteriorizar de emoções; estão sempre a experimentar, porque eles são muito ativos; educação artística é o educar através da arte; apoia o desenvolvimento global da criança. |
| | Perceção acerca do acesso das crianças à EA | Acesso desigual; Existência de pouca oferta fora da cidade; | os miúdos daqui da cidade tem mais acesso; na aldeia há mais condicionalismos, não |

| | | | |
|------------------|---|--|---|
| | | Diferentes realidades; Associação de pais oferece dança como atividade extracurricular. | há tanta oferta; a dança é uma iniciativa da Associação de Pais. |
| | Abordagem da EA na Educação Pré-escolar e escolas | Quando é conveniente; A EA integra as Orientações Curriculares; Abordagem interdisciplinar; Aprendizagem através da ação. | A abordagem penso que é sempre que é necessário; faz parte das Orientações Curriculares da Educação Pré-escolar; oportunidade das temáticas que nós abordamos serem abordadas de uma maneira mais lúdica. |
| Categoria | Subcategoria | Unidade de registo | Unidade de contexto |
| 2. Dança | Definição e significado de dança | Vertente artística; Arte que utiliza o movimento como expressão/comunicação. | A dança é uma forma de arte; forma de exprimir sentimentos também, através do movimento. |
| | Papel da dança no Jardim de Infância | Subdomínio das OCEPE; Veículo interdisciplinar; Desenvolvimento de várias competências. | é uma ferramenta e uma estratégia de trabalho; há muitos conteúdos que podemos desenvolver através da dança e todas as áreas se interligam; através de uma dança podemos desenvolver muitas coisas. |
| | Valorização da dança no currículo e nas instituições educativas | Existe valorização da dança por parte dos educadores; A dança está presente na planificação dos respetivos educadores. | neste momento acho que sim, sobretudo pelos educadores; temos de fazer uma planificação e ela está sempre contemplada. |

| | | | |
|--|--|---|--|
| | <p>Lugar da dança na escola e oferta curricular</p> | <p>Na sala de aula, ginásio ou ao ar livre;</p> <p>Sempre que oportuno;</p> <p>Oferta de dança como atividade extracurricular.</p> | <p>- Se for espontâneo pode ocorrer na sala de atividade, mas temos sempre o ginásio;</p> <p>- Temos de ter imaginação para adequar a dança ao espaço e ao momento;</p> <p>- Existe a oferta de dança por parte da Associação de Pais e é uma grande mais valia para a escola.</p> |
| | <p>Dinamização de atividades de dança no percurso profissional</p> | <p>Inclusão de atividades de dança, sempre que possível;</p> <p>Danças de roda;</p> <p>Observação das sessões de dança no prolongamento;</p> <p>Iniciativa de incluir passos de Hip-Hop que observa, em contexto de aula;</p> <p>Ensino interligado e interdisciplinar.</p> | <p>tento meter de longe a longe uma atividade de dança;</p> <p>As mais recorrentes são as danças de roda;</p> <p>muitas vezes observo e também tento incluir alguns passos de Hip-Hop;</p> <p>articula a dança com aprendizagem do corpo humano ou nas dramatizações.</p> |
| | <p>Esforços da instituição para promover a dança</p> | <p>Folclore;</p> <p>Associar a dança à tradição;</p> <p>Raízes;</p> <p>Danças tradicionais portuguesas;</p> | <p>acho que é uma coisa muito interessante, apostar no folclore também.</p> <p>buscar um bocadinho da tradição também associada à dança que é muito importante;</p> |
| | <p>Introdução da dança na Educação Pré-escolar</p> | <p>A dança integra as OCEPE;</p> <p>Dança deveria ser uma área artística autónoma;</p> <p>Acesso desigual;</p> <p>Condicionalismos;</p> <p>Exploração e</p> | <p>Na Educação Pré-escolar ela não está esquecida à partida;</p> <p>Como há a Educação Física, poderia haver a dança;</p> <p>há muitas crianças que gostariam de ter acesso e não podem por determinadas razões;</p> |

| | | | |
|--|--|---|--|
| | | <p>estimulação do sentido cognitivo;</p> <p>Protocolo de dança, como existe o de música;</p> <p>Diferenças entre a dinamização dos Educadores e de profissionais especializados nessa área.</p> | <p>atividades que trabalhem a concentração e a parte cognitiva e nisso a Educação Artística em geral é ótima</p> <p>penso que poderia haver um protocolo desse género com a dança; penso que nós nos esforçamos, mas não é a mesma coisa do que ter pessoas formadas nessa área.</p> |
|--|--|---|--|

Entrevista 3 – Profissional de Educação 3

| Categoria | Subcategoria | Unidade de registo | Unidade de contexto |
|-----------------------------------|---|--|--|
| 1. Educação Artística (EA) | Conceito de EA | <p>Conceito complexo;</p> <p>Exploração do sentido criativo;</p> <p>Experimentação;</p> <p>Educar através das expressões artísticas.</p> | <p>conceito muito abrangente e uma componente trabalhada diariamente no Jardim de Infância;</p> <p>Educação artística é desenvolver a criatividade;</p> <p>educar e desenvolver através das artes.</p> |
| | Perceção acerca do acesso das crianças à EA | <p>No Jardim de Infância têm acesso;</p> <p>De forma extracurricular, acesso desigual;</p> <p>Diferentes realidades.</p> | <p>No Jardim de Infância penso que sim;</p> <p>agora claro que nem todas tem as mesmas condições;</p> |
| | Abordagem da EA na Educação Pré-escolar e escolas | <p>Área valorizada pelos educadores;</p> <p>Abordagem</p> | <p>área muito desenvolvida e que se valoriza imenso;</p> <p>podem daí depois partir</p> |

| | | | |
|--|--|---|--|
| | | interdisciplinar; Ensino-aprendizagem funciona como um só, tudo interligado. | para outras áreas; está sempre tudo articulado. |
|--|--|---|--|

| Categoria | Subcategoria | Unidade de registo | Unidade de contexto |
|------------------|---|--|---|
| 2. Dança | Definição e significado de dança | Forma de arte; Movimento; Expressão e liberdade; Atividade prazerosa; Desenvolvimento integral. | é uma expressão artística de movimento e de liberdade; área muito importante no desenvolvimento das crianças. |
| | Papel da dança no Jardim de Infância | Muito pertinente; Desenvolvimento integral das crianças através da dança; Órgãos dos sentidos; Sentido criativo e cognitivo; Motricidade; Socialização. | é algo que é inerte nas crianças; ajudar muito a que a criança se desenvolva imenso através dessa área. |
| | Valorização da dança no currículo e nas instituições educativas | Recente reformulação das OCEPE; Existência do domínio da Educação artística; A dança é um dos subdomínios da Educação artística. | existe na Área de Conteúdo da Expressão e Comunicação, o domínio da Educação Artística; a dança e as restantes artes foram incluídas; neste momento é mais valorizada a nível curricular. |
| | Lugar da dança na escola e oferta curricular | A dança faz parte do currículo; | A dança faz parte do domínio da Educação Artística; costumamos trabalhar a |

| | | | |
|--|---|---|--|
| | | <p>Ensino articulado e interdisciplinar;</p> <p>Projeto educativo na área da música.</p> <p>Protocolo entre a CMVC e a Academia de Música de Viana.</p> | <p>dança e as restantes artes no nosso dia-dia; existe é um projeto, mas na área da música;</p> <p>trabalhando a parte musical, instrumental e também uma parte corporal.</p> |
| | Dinamização de atividades de dança no percurso profissional | <p>Ensino articulado, interligado e interdisciplinar;</p> <p>Canção dos bons dias.</p> | <p>na Educação Pré-escolar, tudo funciona de forma articulada;</p> <p>eles iniciam logo o dia com movimento, a dançar e a cantar.</p> |
| | Esforços da instituição para promover a dança | <p>Projeto educativo na área das artes; 1º ciclo do EB;</p> <p>Ensino-aprendizagem através das artes;</p> <p>Artes como veículo de integração e inclusão;</p> | <p>No nosso Agrupamento, na Escola Zaida Garcês, existe um projeto artístico;</p> <p>podem não ser muito bons a matemática ou a português, mas podem ser bons nas artes;</p> <p>existe uma grande comunidade cigana.</p> |
| | Introdução da dança na Educação Pré-escolar | <p>Totalmente de acordo;</p> <p>Área motivadora às aprendizagens;</p> <p>Idade importante no desenvolvimento integral das crianças.</p> | <p>É quando as crianças estão predispostas para as expressões artísticas; é a idade crucial no seu desenvolvimento motor, criativo, cognitivo e social.</p> |

Entrevista 4 – Profissional de Dança 1

| Categoria | Subcategoria | Unidade de registo | Unidade de contexto |
|-----------------------------------|---|---|--|
| 1. Educação Artística (EA) | Conceito de EA | Educação através das expressões artísticas. Dança, teatro, música e artes plásticas. | Diria que é educar através da arte. |
| | Perceção acerca do acesso das crianças à EA | Pouco acesso e desigual; Desvalorizada. | ainda é muito restrito e muito pouco valorizado. |
| | Abordagem da EA na Educação Pré-escolar e escolas | Iniciativas quer por parte dos educadores ou de uma Associação de Pais; Se não partir da vontade dos educadores, a EA não vai acontecer nem irá acontecer. | já se vê iniciativa para que as coisas apareçam; parte sempre pela iniciativa ou de uma Educadora, ou de uma Associação de Pais; ainda não parte de um meio superior; é uma questão de sorte. |

| Categoria | Subcategoria | Unidade de registo | Unidade de contexto |
|------------------|--|---|--|
| 2. Dança | Definição e significado de dança | Forma de arte; Corpo e movimento; Expressão; Uma vida dedicada à dança. | A dança é uma expressão artística que utiliza o corpo e o movimento como forma de expressão; eu trabalhei e dediquei uma vida inteira a esta forma de arte. |
| | Papel da dança no Jardim de Infância e escolas | A dança pode ser muito importante nas escolas; Desenvolvimento a vários níveis: motor, | a dança pode ter um papel fundamental no contexto escolar; pode e deve ter um papel no desenvolvimento integral das crianças; |

| | | | |
|--|--|---|---|
| | | cognitivo, criativo, social, emocional; Carater interdisciplinar; | complemento/ferramenta à formação curricular das crianças, havendo uma interdisciplinaridade. |
| | Dinamização de dança em contexto escolar durante o percurso profissional | Várias experiências e contextos; Abordagem interdisciplinar; Dança como forma de entretenimento; Maioria das experiências em contexto de Educação Pré-escolar e como atividade extracurricular. | Já ensinei um ano letivo inteiro, como já ensinei aulas esporádicas; tentava encontrar atividades e exercícios que articulassem a dança a esses mesmos temas; a professora vai a uma escola, entretém as crianças e vai-se embora; Cheguei a lecionar no 1º ciclo, mas maioria foi mesmo em Infantários. |
| | Condições das escolas para oferecerem a dança | Desconhecimento da realidade de todas as escolas do concelho; Considera que dentro das condições que existem, é exequível; Maioria das escolas tem os recursos físicos necessários; Necessidade de financiamento e de pessoal docente qualificado. | Não conheço todas as escolas, mas de uma forma geral penso que sim, que é perfeitamente viável; Quase todas as escolas têm um pavilhão, um aparelho de som; acho que só falta apoios e recursos humanos. |
| | Esforços da instituição para promover a dança | Existem esforços e iniciativas para promover a dança; Participação em dias especiais, como o Dia Mundial da Criança; | Nós tentámos sempre levar a dança ao contexto escolar ou mesmo à cidade; nós estamos sempre disponíveis para levar a |

| | | | |
|--|---|--|--|
| | | <p>Voluntariado;</p> <p>Mostras coreográficas;</p> <p>Espectáculos;</p> <p>Competições nacionais e internacionais;</p> <p>Dinamização de workshops e formações.</p> | <p>dança a toda a gente;</p> <p>damos a conhecer a nossa escola e a nossa cidade a nível nacional e mesmo internacional;</p> <p>tentámos ser muito dinâmicos e fazemos diversas ações para divulgar a dança.</p> |
| | Introdução da dança na Educação Pré-escolar | <p>Totalmente de acordo;</p> <p>Desenvolvimento integral das crianças;</p> <p>Tornar a dança acessível a todas as crianças, o que atualmente não acontece;</p> <p>Idade crucial no desenvolvimento das crianças.</p> | <p>Sem dúvida que sim, porque a dança é um fator de globalização; acho que só traria benefícios e vantagens se as crianças tivessem acesso à dança; seria uma forma de dar acesso a todas as crianças de participar e usufruir desta atividade tão enriquecedora; é nessas idades que tudo começa;</p> |

Entrevista 5 – Profissional de Dança 2

| Categoria | Subcategoria | Unidade de registo | Unidade de contexto |
|------------------|---------------------|---|---|
| | Conceito de EA | <p>A educação artística é uma vertente da educação, e numa educação ideal, não haveria esta diferença;</p> <p>Educação através das correntes artísticas;</p> <p>Pensamento divergente</p> | <p>numa educação ideal não haveria esta distinção entre educação artística e “educação académica”</p> <p>educação artística representa uma educação que trabalha as áreas culturalmente mais próximas do que são trabalhadas na arte;</p> |

| | | | |
|-----------------------------------|---|--|--|
| 1. Educação Artística (EA) | | e criatividade; Visão abrangente, várias perspetivas. | a educação artística promove um pensamento diferenciado da outra formação |
| | Perceção acerca do acesso das crianças à EA | EA posta em segundo plano no contexto escolar; Sobrevalorização da música, nomeadamente da parte instrumental, em relação às restantes artes; Como se acha que toda a gente sabe dançar, mais ou menos bem, não se procura a técnica; Uma dança criativa que abrangesse todas as artes, deveria ser implementada no currículo, como forma de desenvolvimento integral das crianças. | a educação artística está um bocado fora da escola formal e está um bocadinho mais nas atividades extracurriculares; música que é aquela arte que está mais desenvolvida; dança, é o parente pobre, é a que está menos desenvolvida como é um comportamento inato, toda a gente acha que sabe dançar; como existe a noção de haver a Educação Física, eu acho que a dança criativa serve as artes. |
| | Abordagem da EA na Educação Pré-escolar e escolas | Pouco conhecimento acerca do funcionamento da escola formal; A dança já começa a ser mais bem vista pela sociedade e mesmo pela própria cultura; A dança apesar de estar mais presente nas escolas do que no passado, ainda não está centrada nos processos criativos e de criação, mas sim nos processos mais técnicos. | o conhecimento que tenho é esporádico, tenho mais conhecimento do ensino artístico especializado; contribuiu a cultura democratizar mais um pouco a dança, antigamente era mais elitista; está mais acessível do que era há alguns anos; ainda está muita pressa às técnicas e à aprendizagem da técnica. |

| Categoria | Subcategoria | Unidade de registo | Unidade de contexto |
|------------------|--|--|---|
| 2. Dança | Definição e significado de dança | <p>É uma forma de arte;</p> <p>Comportamento inato;</p> <p>Corpo e movimento;</p> <p>Expressão/comunicação;</p> <p>Atividade multifacetada e com diversos benefícios, a vários níveis;</p> | <p>entendo a dança como uma atividade muito completa;</p> <p>atividade humana com uma perspetiva em que pode assumir-se como uma perspetiva artística, uma perspetiva mais de bem-estar;</p> <p>trabalha muitas competências, tanto pessoais como de desenvolvimento pessoal.</p> |
| | Papel da dança no Jardim de Infância e escolas | <p>Pode e deve ter um papel muito importante na educação;</p> <p>Ligação entre o corpo e o pensamento;</p> <p>A dança é uma atividade abrangente;</p> <p>Traz muitos benefícios: coordenação, qualidade de movimento, organização, consciencialização corporal;</p> <p>Pode ter um carácter interdisciplinar, ajudando através do corpo e do movimento, a compreender-se determinados conceitos. A dança é transversal a todas as idades e a todas as pessoas.</p> | <p>O facto de desenvolver um pensamento divergente é importante; traz muitos aportes; a dança tem uma capacidade de abranger toda a gente;</p> <p>utilizando a dança podemos ter no concreto através do nosso corpo, conceitos que são desenvolvidos mais abstratamente;</p> <p>a dança ao ter práticas de grupo, pode ser adaptada qualquer idade.</p> |
| | Dinamização de dança em contexto escolar durante o percurso profissional | <p>Várias experiências e contextos;</p> <p>Nunca teve uma experiência em que teve de cativar os</p> | <p>lecionei workshops pontuais e dei algumas formações a professores;</p> <p>a estudantes foram</p> |

| | | | |
|--|---|---|--|
| | | <p>intervenientes, foi sempre a pessoas que já dançavam;</p> <p>Lecionação de várias formações a professores, quer docentes do 1º ciclo, quer docentes de Educação Física;</p> <p>Os professores destinatários das respetivas formações, tem muitas dificuldades em pôr em prática os conteúdos e conceitos da dança numa aula.</p> | <p>poucos e foi sempre a pessoas que já tinham muita vontade em fazer dança;</p> <p>por exemplo a professores do 1º ciclo que querem dar dança;</p> <p>existe essa dificuldade da demonstração e existe a dificuldade de organizar os conteúdos, como transmitir esses conteúdos.</p> |
| | Condições das escolas para oferecerem a dança | <p>A maioria das escolas portuguesas tem condições para a prática da dança, mas não as condições ideais;</p> <p>Espaços amplos, música, são algumas das condições mínimas; Deveria haver formação de professores e recursos humanos qualificados;</p> <p>Existência de uma espécie de base dados, em que no mesmo estivesse incluído o CV e métodos utilizados dos respetivos professores de várias áreas artísticas e os quais poderiam consultar os perfis uns dos outros</p> | <p>Não acho que tenham as condições adequadas, acho que têm as condições mínimas;</p> <p>eu diria que é necessário, formação.</p> <p>ter como se fosse um banco de dados, como já alguns países têm, e de certo modo o currículo estar consubstanciado em matérias diferenciadas;</p> <p>mesmo que não tivessem uma formação altamente especializada numa área, conseguiriam tocar todas as áreas artísticas, não só a dança neste caso.</p> |
| | Esforços da instituição para promover a dança | Embora a situação atualmente esteja melhor do que já foi, a dança ainda é desvalorizada nesta instituição; | <p>Na minha instituição não há esforço nenhum;</p> <p>o desporto é altamente valorizado e a dança é tratada um bocadinho</p> |

| | | | |
|--|--|---|---|
| | | <p>O desporto é sobrevalorizado em detrimento da dança;</p> <p>O grupo disciplinar de dança, tem desenvolvido algumas iniciativas para promover a dança, mas poucas ou nenhuma teve real sucesso;</p> <p>A investigação em dança tem evoluído aos poucos;</p> <p>Os projetos que existem são todos pontuais;</p> <p>As pessoas que procuram esta instituição a nível de dança, procuram por interesse próprio e não tanto através das iniciativas que vão surgindo para divulgar a dança;</p> | <p>como um corredor à parte;</p> <p>existimos por existir;</p> <p>Já houve intenções, houve iniciativas, mas na realidade não há nenhuma que tenha conseguido vingar;</p> <p>penso quem nos procura é quem tem interesse e normalmente são pessoas que já fazem dança.</p> <p>no início entram porque querem ser e querem ter conhecimentos que acham que são científicos para conseguirem ser melhores performers.</p> |
| | <p>Introdução da dança na Educação Pré-escolar</p> | <p>Embora a dança esteja mais ou menos presente na EPE, acontece de forma informal e deveria ser de forma formal;</p> <p>Todas as crianças e jovens deveriam ter acesso à dança, em contexto escolar, pois traz diversos benefícios;</p> <p>Saber usar o corpo e ter contacto com o corpo dos outros é essencial.</p> | <p>ela já existe nessa altura informalmente, e deveria ser formal;</p> <p>há muito poucas atividades onde as crianças e os jovens possam ter contacto uns com os outros;</p> <p>na dança é uma riqueza enorme.</p> <p>usar o corpo para se exprimir e não só verbalmente.</p> |

Entrevista 6 – Representante da Autarquia

| Categoria | Subcategoria | Unidade de registo | Unidade de contexto |
|--|--|--|---|
| <p>1. Educação Artística (EA)</p> | <p>Conceito de EA</p> | <p>A EA em geral, atualmente está mais presente e é mais valorizada do que antigamente;</p> <p>EA aborda temas e conceitos que de outra forma, não seriam abordados;</p> <p>Considera que a EA não tem uma definição concreta;</p> <p>A EA deve ser acessível a todas as crianças, de forma gratuita e de forma igual para todos;</p> | <p>A educação artística a meu ver, é um pilar fundamental na educação de qualquer criança e agora nem tanto, mas durante muitos anos foi posta de lado;</p> <p>é sensibilizar, é abrir os horizontes das crianças e dos jovens para determinadas temáticas que na educação e nas disciplinas habituais, eles nunca teriam acesso a elas;</p> <p>não vejo que haja um conceito que defina educação artística;</p> <p>devem-lhes ser dadas oportunidades, para que mesmo que não tenham recursos económicos consigam ter acesso à arte;</p> |
| | <p>Perceção acerca do acesso das crianças à EA</p> | <p>O acesso à EA não é igual para todos;</p> <p>Existência de um projeto educativo na área da música, entre a CMVC e a Academia de Música de Viana;</p> <p>Devido a este projeto de música, o acesso a esta área artística já é mais acessível e mais igual em todo o concelho vianense;</p> <p>Já o acesso à dança, é desigual e mais</p> | <p>O acesso das crianças à Educação Artística, depende dos Municípios;</p> <p>temos o ensino articulado de música, temos uma parceria com a Academia de Música, ou seja, o acesso pelo menos em termos de música já acaba por ser muito igual para todas as crianças;</p> <p>se falarmos por exemplo na educação da dança,</p> |

| | | | |
|--|--|---|--|
| | | <p>acessível a uma elite que tem mais possibilidades;</p> <p>Existência de diferentes realidades, contextos e possibilidades;</p> <p>No concelho de Viana do Castelo, de uma forma geral, o acesso à música já é mais igual para todas as crianças, mas nas restantes áreas artísticas isso ainda não acontece.</p> | <p>não considero que o acesso seja igual para todos;</p> <p>as crianças ou os jovens não vão ter o mesmo acesso que uma família que tem essas possibilidades;</p> <p>Na música já é, nas outras expressões artísticas ainda não é.</p> |
| | <p>Abordagem da EA na Educação Pré-escolar e escolas</p> | <p>Existência de alguns projetos artísticos nas escolas do concelho;</p> <p>Um dos projetos, na área da dança e da música, feito com um forte caráter social, tinha como principal objetivo, a integração da comunidade cigana e de alunos com dificuldades;</p> <p>Apesar da existência de alguns projetos, a realidade é que ainda são poucas escolas a dinamizar este tipo de projetos e sobretudo a dança, não está presente nas escolas;</p> <p>Já a música através do protocolo que existe, quer as artes visuais a nível curricular, estão mais presentes nas escolas.</p> | <p>Já existem algumas escolas que tem tido alguns projetos;</p> <p>o objetivo é a integração da comunidade cigana e que tenho o conhecimento dos mesmos por terem sido realizados no âmbito da área social;</p> <p>A verdade é que são ainda poucas, a dança não está presente diariamente nas escolas;</p> <p>as outras expressões artísticas, considero que sim, a música pela oferta que existe e as artes visuais através da disciplina que há nas escolas a nível curricular.</p> |

| Categoria | Subcategoria | Unidade de registo | Unidade de contexto |
|------------------|---|---|--|
| 2. Dança | Definição e significado de dança | <p>Forma de arte;</p> <p>Corpo e movimento;</p> <p>Integração e contacto uns com os outros;</p> <p>Ritmo e boa disposição;</p> <p>Área artística que permite a expressão de sentimentos, ao contrário de outras áreas.</p> | <p>a dança pode ser integração;</p> <p>A dança é ritmo, é alegria, é proximidade, é amizade;</p> <p>É uma arte que pode despertar uma série de sentimentos que outras áreas não o farão certamente.</p> |
| | Papel da dança no Jardim de Infância | <p>A dança nas escolas do concelho de Viana do Castelo, pode ter uma grande importância no que diz respeito ao ensinamento e partilha dos costumes e tradições que fazem parte das raízes e da cultura vianense;</p> <p>A maioria das crianças não têm acesso ao folclore, nem nunca tiveram a oportunidade de dançar as danças tradicionais portuguesas;</p> <p>Dança como veículo para o desenvolvimento integral das crianças.</p> | <p>acho que o papel da dança nas escolas, no concelho de Viana do Castelo, pode até ter uma preponderância muito grande na área cultural e tradicional daquilo que são as nossas raízes em Viana do Castelo;</p> <p>não tem acesso àquilo que é o folclore, nunca experimentaram dançar o folclore;</p> <p>pode ter um papel preponderante naquilo que é a integração;</p> <p>acho que a nível da formação dos mais pequeninos, a dança poderia ter aqui um papel preponderante.</p> |
| | Esforços da instituição para promover a dança | <p>Atualmente, os concelhos de Viana do Castelo têm várias escolas de dança;</p> <p>A Autarquia vianense tem apoiado as escolas de dança, através da</p> | <p>existem muitas escolas de dança no nosso concelho;</p> <p>o papel da Autarquia tem sido muito de facilitador e de apoiar, nomeadamente a nível</p> |

| | | | |
|--|--|--|--|
| | | <p>cedência de espaços, como o Teatro Sá de Miranda e o Centro Cultural, para as mesmas fazerem os seus espetáculos;</p> <p>Disponibilidade por parte da Autarquia para ouvir as escolas de dança e para as ajudar assim que é necessário;</p> <p>Reinvenção e constante evolução da Autarquia, no que diz respeito à promoção de espetáculos;</p> <p>Dança como ferramenta motivadora e integradora em projetos educativos e sociais;</p> <p>Organização de espetáculos de dança e nomeadamente o Festival de Dança de Viana do Castelo;</p> <p>Apoio aos Ranchos Folclóricos do concelho, a todos os níveis.</p> | <p>de cedência de espaços;</p> <p>estamos sempre disponíveis para conversar, para reunir, para apoiar monetariamente quando surge uma situação mais complicada;</p> <p>acho que a Autarquia se tem tentado reinventar um bocado, quer a nível de espaços quer a nível de promoção de espetáculos nas nossas redes;</p> <p>nestas atividades que vamos fazendo de integração, nas áreas mais desfavorecidas do nosso concelho, temos ido buscar muito a dança para nos ajudar muito nessa vertente social;</p> <p>Organizámos também, o Festival de Dança de Viana do Castelo; nós apoiámos em tudo que podemos, quer na compra de fatos, quer no apoio da renda das sedes.</p> |
| | <p>Condições das escolas para oferecerem a dança</p> | <p>O parque escolar do concelho vianense tem sido sujeito a constantes requalificações, tornando as escolas cada vez com melhores condições;</p> <p>Relativamente aos recursos necessários para a prática da dança, existem três campos essenciais: espaços</p> | <p>as escolas estão realmente com muito boas condições, portanto no que respeita a equipamentos, é talvez o menor dos problemas</p> <p>Termos bons professores, que não tenho dúvida nenhuma que temos, e é termos equipamentos a nível de pavilhões e a nível de som.</p> |

| | | | |
|--|---|--|---|
| | | amplios, recursos humanos qualificados e equipamento técnico. | |
| | Introdução da dança na Educação Pré-escolar | <p>A dança está mais presente na EPE do que no 1º ciclo do Ensino Básico;</p> <p>A dança é fundamental para o desenvolvimento integral das crianças desta idade;</p> <p>Dança ajuda e ensina as crianças a expressarem sentimentos, além de ser uma atividade com grande carácter integrador e inclusivo;</p> <p>Como existem projetos educativos na área da música e dos desportos náuticos, poderia existir um na área da dança e o mesmo poderia auxiliar o desenvolvimento dessas crianças e jovens.</p> | <p>A ideia que eu tenho é que a partir do 1º, 2º, 3º e 4º ano de escolaridade, isso não acontece tanto como na Educação Pré-escolar;</p> <p>considero que é fundamental;</p> <p>pelo despertar de sentimentos e pela educação das crianças a nível da entreajuda, da parceria, da inclusão, do olhar para todos como seres iguais;</p> <p>da mesma forma que a música ou que o desporto náutico é importante, a dança também poderia ser um eixo muito importante no desenvolvimento dos nossos jovens.</p> |

4.2. Interpretação dos dados e apresentação dos resultados

Tendo em vista que o investigador numa análise de dados qualitativa quer apreender “algo a partir do que os sujeitos da investigação lhe confiam” (Amado, 2000), as tabelas acima apresentadas, construídas a partir dos objetivos traçados, das perguntas lançadas pelo entrevistador e de recortes dos testemunhos das entrevistadas, permitiu-nos numa etapa seguinte, interpretar os dados recolhidos, os quais apresentaremos de seguida os seus respetivos resultados, consoante cada categoria e subcategoria analisada.

Sendo assim, em relação à primeira categoria “Educação Artística” e respetiva subcategoria “Conceito de EA”, é possível compreender através da análise das entrevistas efetuadas que ainda que a representante da Autarquia (formada em direito e responsável pelos pelouros da Coesão Social, da Juventude, do Voluntariado, dos Serviços Urbanos e Património, e mais recentemente também dos equipamentos culturais) nos tenha dito que considera que não haja propriamente uma definição para o conceito referido, todas as entrevistadas são da opinião que o conceito de educação artística poderá ser definido como educação ou educar através da arte, ou seja, através das expressões artísticas como a dança, a música, a expressão dramática e as artes plásticas.

Para além disso, a profissional de educação 1 explicita-nos ainda que a educação artística estimula e desenvolve a criatividade e o órgão dos sentidos, sendo a profissional de educação 3 da mesma opinião, e acrescentando que a EA é um conceito complexo e abrangente. Já a profissional de educação 2, diz-nos que na sua opinião todos os indivíduos nascem com uma veia artística que deve ser estimulada desde cedo e que a educação artística faz com que as crianças explorem e expressem sentimentos e que se possam desenvolver de forma global. Por outro lado, a profissional de dança 2 diz-nos que numa educação ideal, não haveria distinção entre a “educação académica” e a educação artística, e a qual é também da opinião que a EA promove um pensamento diferenciado da outra formação que não a artística, graças à exploração do pensamento divergente, da criatividade e de uma visão abrangente, que são precisamente características da educação artística. Por fim, a representante da Autarquia, apesar de considerar que EA não tem uma definição concreta, tal como anteriormente referimos, ainda assim corrobora com a ideia de que ao ter que se definir EA, esta poderá ser definida como a educação através das artes, educação essa que considera ser um pilar fundamental na educação de qualquer criança e jovem e que considera igualmente que é sensibilizar, consciencializar e abrir horizontes para certas temáticas que nas disciplinas habituais, as crianças nunca teriam acesso e que por isso mesmo, devem ser dadas oportunidades às crianças para que mesmo sem recursos económicos, consigam ter acesso à arte, neste caso através das escolas públicas.

Relativamente à segunda subcategoria correspondente à categoria “Educação Artística”, mais

concretamente a “Perceção acerca do acesso das crianças à EA”, é possível constatar que neste aspeto as opiniões já são mais divididas, contudo todas as entrevistadas creem que mais ou menos dinamizada, a EA está presente nos Jardins de Infância, pois como neste tipo de ensino a aprendizagem funciona de forma muito articulada e interdisciplinar, acaba-se sempre por incluir as expressões artísticas como ferramenta de trabalho, porém a mesma depende de cada educador e depende também das ofertas curriculares da própria escola, já que se não for através da educação formal, muitas crianças não têm possibilidades para aceder a este tipo de educação e atividades artísticas de forma extracurricular.

Nesse sentido, a profissional de educação 1 explana-nos que na sua opinião, as crianças da EPE têm acesso à EA, pois nessas idades o desenvolvimento delas passa muito pelo jogo simbólico e pelo desenvolvimento de todo o tipo de expressões artísticas. Já a profissional de educação 2, explicita-nos que o acesso à EA, de forma extracurricular, é desigual, pois as crianças da cidade têm mais acesso do que as da aldeia, pois existem mais condicionalismos, menos possibilidades e não existe tanta oferta. A profissional de educação 3, corrobora com esta opinião, considerando que no Jardim de Infância, as crianças têm contacto com a EA, umas mais que outras, dependendo do educador, mas que de forma extracurricular, efetivamente nem todas têm as mesmas condições. Por outro lado, ambas as profissionais de dança concordam e pensam que o acesso à EA ainda é pouco. Sendo que a profissional de dança 1, nos diz que o acesso ainda é pouco e desigual, no sentido em que considera que a EA ainda é muito restrita e muito pouco valorizada, e a profissional de dança 2, explicita-nos que acha que a EA é posta em segundo plano no que ao contexto escolar concerne, tendo em conta que considera que a EA está mais presente nas atividades extracurriculares do que na educação formal. Para além disso, ainda nos acrescenta que igualmente considera que a música é a arte mais desenvolvida e pelo contrário, a dança é a que está menos desenvolvida, denominando-a mesmo como o “parente pobre” da EA, pelo facto da dança ser um comportamento inato e por causa disso, muita gente achar que sabe dançar e não procurar a técnica. Na sua opinião, como existe a EF, a dança criativa serve as artes. Já a representante da Autarquia, crê que o acesso das crianças à EA, depende não só dos educadores, mas também dos Municípios. Sendo que O Município de Viana do Castelo, em parceria com a Academia de Música de Viana, oferece a todas as crianças e alunos do concelho de Viana do

Castelo, de forma gratuita e no horário da educação formal, uma aula de música, uma vez por semana. Devido a esta oferta, a representante da Autarquia, diz-nos que atualmente o acesso à música já acaba por ser muito igual para todas as crianças, porém por outro lado, considera que o acesso à dança e às restantes expressões artísticas não são de todo iguais, pois é da opinião que as crianças que não têm possibilidades financeiras, não têm o mesmo acesso à arte das que têm essas possibilidades.

Em relação à terceira e última subcategoria da categoria “Educação Artística”, nomeadamente a “Abordagem da EA na Educação Pré-escolar e escolas”, é possível verificar que as três profissionais de educação são da opinião que a abordagem da EA na EPE é bastante abrangente e funciona de forma bastante articulada e interligada, tendo por isso um forte carácter interdisciplinar.

Sendo assim, a profissional de educação 1, diz-nos que a abordagem de EA na EPE tem uma grande amplitude, no sentido em que tudo passa pela criatividade e pela exploração de atividades de expressão, de uma forma interdisciplinar, articulada e harmoniosa. Corroborando com esta perspetiva, a profissional de educação 2, explicita que a abordagem de EA na EPE acontece sempre que é necessário, alertando que a EA faz parte das OCEPE e que por isso, a mesma surge naturalmente, sendo esse momento uma oportunidade das temáticas planificadas serem abordadas de uma forma mais lúdica e interdisciplinar, pois considera que nestas idades a aprendizagem acontece através da ação, neste caso através das expressões artísticas. A profissional de educação 3, é da mesma opinião das anteriores, ou seja, considera que a EA é uma área muito desenvolvida na EPE e a qual se valoriza imenso, pois através da mesma pode-se partir para outras áreas, corroborando com a ideia de que na EPE, de facto, as aprendizagens acontecem sempre de uma maneira articulada e interdisciplinar.

Por outro lado, ambas as profissionais de dança, têm outro tipo de opinião acerca desta temática. No caso da profissional de dança 1, pensa que apesar de já se começar a ver iniciativa para que as “coisas” surjam, ou essa iniciativa parte das respetivas educadoras ou de uma Associação de Pais, que oferece alguma atividade artística de forma extracurricular, ou

efetivamente a Educação artística não acontece na EPE nem nas escolas, considerando por isso que é uma questão de sorte e que depende das educadoras e da oferta das próprias escolas. Por outro lado, a profissional de dança 2, apesar do pouco e esporádico conhecimento que tem acerca do funcionamento e abordagem da educação formal, pois tem mais conhecimento do ensino artístico especializado e em especial da dança em geral, diz-nos que a EA e a dança em específico, está mais acessível do que era há alguns anos atrás, sendo da opinião que no caso da dança, esta já começa a ser mais bem vista, pela sociedade e pela própria cultura, contudo considera que a mesma, no contexto da educação formal, ainda está muito pressa às técnicas e à aprendizagem da técnica, enquanto que deveria estar mais centrada nos processos criativos e de criação.

Por fim, a representante da Autarquia, diz-nos que já têm existido alguns projetos artísticos nas escolas do concelho de Viana do Castelo, sendo que muitos deles têm um forte caráter social e de integração de crianças mais desfavorecidas. Conta-nos que existiu um projeto numa escola na freguesia de Darque, a Escola Básica Zaida Garcez, na área da dança e da música, que tinha precisamente como principal objetivo, a integração da comunidade cigana e de alunos com dificuldades, quer financeiras quer de aprendizagem. Contudo, é da opinião, que ainda são poucas escolas que dinamizam e oferecem este tipo de projetos às crianças, considerando que a dança mais especificamente, não está presente diariamente nas escolas do concelho. Já a música e as artes visuais, considera que sim, a primeira através do protocolo que existe entre a CMVC e a Academia de Música de Viana no contexto da EPE e do 1º CEB, e a segunda, através da disciplina que existe a nível curricular.

No que à segunda categoria “Dança” e mais concretamente na sua subcategoria “Definição e significado de dança” concerne, verifica-se que todas as entrevistadas corroboram que a dança poderá ser definida como uma forma de arte que utiliza o corpo e o movimento como forma de expressão. A profissional de educação 1, diz-nos que a dança é uma componente de expressão artística e corporal, a qual tem uma certa musicalidade e a qual permite os seus intervenientes a exprimirem sentimentos através do movimento. Sendo a profissional de educação 2 e 3 e ainda a profissional de dança 1, totalmente de acordo, e dizendo-nos exatamente o mesmo. A profissional de educação 3, acrescenta apenas que considera que também considera a dança como uma expressão de liberdade e uma área muito importante no

desenvolvimento, enquanto que a profissional de dança 1, acrescenta que para ela a dança faz parte do seu ser, pois trabalhou e dedicou uma vida inteira a esta forma de arte e de vida. Por outro lado, a profissional de dança 2, entende a dança como uma atividade muito completa, uma atividade humana essencialmente com duas perspectivas, uma perspectiva artística e outra mais de bem-estar. Considera ainda que a dança é uma forma de arte que através do corpo e do movimento, trabalha muitas competências tanto pessoais como de desenvolvimento pessoal e acarreta muitos benefícios, pois esta consegue com que os seus intervenientes façam uma ligação entre o corpo e a mente, promovendo as aprendizagens consideradas essenciais: apropriação e reflexão, interpretação e comunicação e experimentação e criação. Por fim, a representante da Autarquia, diz-nos que na sua opinião, a dança é ritmo, alegria, proximidade, e que pode e deve ser integração. Considera ainda que a dança é uma forma de arte que permite a expressão de uma série de sentimentos que na formação das crianças e jovens, outras áreas não o farão.

No que diz respeito, à subcategoria “Papel da dança no Jardim de Infância”, a qual apenas responderam as profissionais de educação, é possível compreender que todas as entrevistadas são da opinião de que a dança pode e deve ter um papel essencial na educação e desenvolvimento integral das crianças e jovens. Tendo em conta esta perspectiva, a profissional de educação 1, explicita-nos que a dança tem um papel muito importante no JI, pois as crianças podem exprimir o que lhes vai na alma e desenvolver toda a parte de movimento lúcido e até mais específico, e por isso, considera que é bom contemplar a dança na EPE e em todo o ensino. Seguindo esta linha de pensamento, a profissional de educação 2, diz-nos que a dança integra as OCEPE, sendo um subdomínio da área da Educação Artística. Na sua opinião, a dança é importante, pois é uma ferramenta e uma estratégia de trabalho, na medida em que há muitos conteúdos que podem ser desenvolvidos através da dança, de uma forma interligada e interdisciplinar. E ao mesmo tempo que se está a trabalhar a dança e os conteúdos abordados, também se consegue desenvolver várias competências das crianças. A profissional de educação 3, corrobora com esta opinião, acrescentando apenas que a dança é algo que é inerte nas crianças e que pode ajudar muito a que as crianças se desenvolvam imenso, através desta área artística. Como por exemplo, a nível motor, cognitivo, criativo e social. Ou seja, na opinião das três profissionais de educação, a dança tem um papel muito importante no

desenvolvimento e aprendizagens das crianças desta idade.

Numa subcategoria semelhante à anterior, mas mais abrangente, ou seja, “Papel da dança no Jardim de Infância e escolas”, à qual responderam as profissionais de dança e a representante da Autarquia, todas são da opinião que a dança tem um papel crucial no que ao contexto escolar concerne. A profissional de dança 1, considera que a dança tem um papel fundamental no contexto escolar, no sentido que pode e deve ter um papel de relevo no desenvolvimento integral das crianças e jovens e também, porque a dança pode e deve ser um complemento/ferramenta à formação curricular dos alunos, havendo uma interdisciplinaridade. Já a profissional de dança 2, é da opinião que realmente a dança traz muitos aportes aos seus intervenientes, considerando que dois dos principais, são o facto de desenvolver um pensamento divergente, o qual é muito importante, e também o facto de a dança poder ter um carácter interdisciplinar, ajudando através do corpo e do movimento, a compreender-se determinados conceitos que são desenvolvidos mais abstratamente. Para além disso, a dança tem também, ou pode ter, a capacidade de abranger toda a gente, graças às suas práticas de grupo, independentemente da sua idade ou condição física. Por fim, a representante da Autarquia, num olhar mais local e comunitário, explana que para além do desenvolvimento global das crianças, o papel da dança nas escolas do concelho de Viana do Castelo, pode ter uma preponderância muito grande na área cultural e tradicional, daquilo que são as raízes e tradições vianenses. Nomeadamente o folclore, que é dançado, e o qual as crianças, a não ser que tenham algum familiar num Rancho Folclórico, não têm nem nunca tiveram a oportunidade de experimentar dançar as danças tradicionais portuguesas e ter conhecimento deste património cultural. Além disso, considera que a dança pode e deve ter, ainda, um papel preponderante na integração das crianças e jovens, de uma forma lúdica, dinâmica e incentivadora.

Em relação à subcategoria “Valorização da dança no currículo e nas instituições educativas”, à qual apenas as profissionais de educação responderam, todas as entrevistadas explicitam que a dança faz parte das Orientações Curriculares da Educação Pré-escolar, estando integrada dentro da Área de Conteúdo da Expressão e Comunicação, sendo um subdomínio do domínio da Educação Artística, e que por isso acreditam que atualmente a dança está mais valorizada

na EPE. Contudo, são também da opinião de que depende do educador e que o mesmo é que deve valorizar e dinamizar a dança, consoante a sua planificação.

Relativamente, a outra subcategoria à qual também apenas as profissionais de educação responderam, o “Lugar da dança na escola e oferta curricular”, todas as profissionais de educação abordaram a existência de um projeto educativo e artístico, mas na área da música, que acontece fruto de um protocolo entre a CMVC e a Academia de Música. Onde uma vez por semana, todas as crianças da EPE e do 1º CEB do concelho de Viana do Castelo, tem uma sessão de música, onde a mesma é composta por uma parte musical, outra parte instrumental e uma outra parte corporal. Para além disso, a profissional de educação 1, diz-nos que a dança tem lugar quando o próprio educador decide, no sentido em que os educadores têm alguma liberdade de escolha acerca daquilo que vai desenvolver com o grupo de crianças. Já a profissional de educação 2, explicita que se for espontâneo a dança pode ocorrer na sala de atividade ou ao ar livre, contudo na sua escola existe o ginásio onde a dançar pode ser dinamizada. Considera que os educadores é que têm de ter imaginação para adequar a dança ao espaço e ao momento. Contudo, explana-nos que na sua escola existe a oferta de dança como atividade extracurricular durante o prolongamento de horário, promovida pela Associação de Pais da instituição e a qual considera ser uma grande mais-valia para as crianças e para a escola. Por fim, a profissional de educação 3, corroborando com as duas profissionais anteriores, acrescenta apenas que na sua escola costumam trabalhar a dança e a restantes artes no dia-dia.

No que à subcategoria “Dinamização de atividades de dança no percurso profissional” concerne, à qual também apenas responderam as profissionais de educação, a profissional de educação 1, diz-nos que atualmente não têm grupo de crianças, por ser coordenadora da EPE e 1º CEB de um Agrupamento de escolas, contudo, durante a o seu percurso profissional, quando estava a desempenhar a função de educadora, se não dinamizasse dança propriamente dita, dinamizava a música. Pois, considera que tanto a dança como a música cativam muito as crianças e tornam as pessoas mais felizes, acrescentando ainda que como coordenadora valoriza muito as artes em contexto escolar. Por outro lado, a profissional de educação 2, explicita-nos que na atuação da sua atividade profissional, tenta incluir sempre que possível,

uma atividade de dança, tentando igualmente, articular a dança com as aprendizagens dos outros conteúdos, sendo as mais utilizadas as danças de roda. Diz-nos também, que para além disso, costuma observar as sessões de dança do prolongamento de horário, anotando alguns passos de Hip-Hop, que posteriormente, em contexto de sala de aula, tenta incluir quando dinamiza uma atividade de dança, pois como algumas das crianças já estão habituadas, aderem muito bem e gostam muito. Por fim, a profissional de educação 3, diz-nos que na EPE tudo funciona de forma articulada, sendo que as crianças iniciam logo o dia com a canção dos bons dias, uma canção de movimento, em que dançam e cantam. E que para além disso, tenta também, assim como as restantes profissionais de educação entrevistadas, articular a dança com outros conteúdos, sempre que possível.

Relativamente a uma subcategoria semelhante à anterior, “Dinamização de dança em contexto escolar durante o percurso profissional”, à qual somente responderam as profissionais de dança, a profissional de dança 1, diz-nos que no seu percurso profissional já teve a experiência de lecionar dança em contexto escolar, público e privado, durante um ano letivo inteiro, assim como já lecionou apenas aulas esporádicas. Sendo que a maioria das suas experiências foram em contexto de EPE e como atividade extracurricular. Contudo, teve uma experiência num projeto de dança durante um ano letivo, em contexto de EPE, em que lecionou dança a crianças de uma aldeia com poucas possibilidades financeiras, e esse projeto foi enquadrado dentro do horário normal de funcionamento do JI. Mais acrescenta, que na sua opinião e tendo em conta todas as suas experiências, e apesar da sua iniciativa e interesse em tentar saber que conteúdos as crianças estavam a abordar, de forma a conseguir sempre que possível, articular a dança a esses mesmos conteúdos, considera que nas escolas, a dança é apenas uma atividade, em que a professora de dança se desloca a uma escola, entretém as crianças e vai-se embora, não sendo tendo a atividade a utilidade que poderia e deveria ter, se fosse mais valorizada, mais apoiada e se houve a tal interdisciplinaridade. Por outro lado, a profissional de dança 2, explica que durante o seu percurso profissional e no que ao contexto escolar concerne, apenas lecionou workshops pontuais e deu algumas formações a professores. Nunca teve uma experiência em que tivesse de cativar os intervenientes, pois foram sempre a pessoas que já dançavam e/ou que tinham interesse, sendo sempre do 3º CEB ou do Secundário. Relativamente à lecionação de formação a professores, diz-nos que deu algumas formações

tanto a professores do 1º CEB como a professores de EF que queriam dar dança, e que considera os mesmos têm dificuldade em ter o conhecimento mais didático, ou seja, o conhecimento que permite saber como ensinar os passos de dança e sente que é esse conhecimento que faz falta, assim como têm, igualmente, dificuldade em organizar os conteúdos e em transmitir esses conteúdos, o que é muito importante quando se quer lecionar dança.

Em relação à subcategoria “Condições das escolas para oferecerem dança”, à qual apenas foi respondida pelas profissionais de dança e também pela representante da Autarquia, todas as entrevistadas são da opinião, que de uma forma geral, todas as escolas tem condições para se oferecer e dinamizar a prática de dança neste contexto. A profissional de dança 1, diz-nos que apesar de não conhecer todas as escolas do concelho vianense, pensa que é perfeitamente exequível a prática de dança nas escolas, pois a maioria das escolas têm um pavilhão ou espaço amplo e um aparelho de som. Considerando por isso, que apenas faltam apoios e recursos humanos para que a dança possa ser dinamizada em contexto escolas. Já na opinião da profissional de dança 2, não acha que as escolas, de uma forma geral, não têm as condições ideais, mas sim as mínimas, ou seja, têm espaços amplos e música, mas não têm por exemplo, chão revestido com linóleo, nem todas tem espelho e um ecrã de projeção. Considera que é necessário e deveria haver, formação de professores, criando-se uma espécie de base de dados, em que na mesma, estivesse o CV e métodos utilizados dos respetivos professores, de várias áreas artísticas, não apenas de dança, e os quais mesmo que não tivessem uma formação altamente especializada numa área, conseguiriam tocar todas as áreas artísticas e tornar o ensino muito mais enriquecedor. Por outro lado, e num olhar mais local, a representante da Autarquia, considera que as escolas do concelho vianense, devido a algumas requalificações que existiram no parque escolar do concelho, têm boas condições e que por isso, no que respeita a equipamentos e recursos físicos, esse é talvez o menor dos problemas atualmente. Relativamente aos recursos necessários para a prática da dança nas escolas, considera que existem três campos essenciais, nomeadamente existir espaços amplos, recursos humanos qualificados e equipamento técnico adequado.

Relativamente à subcategoria “Esforços para promover a dança na instituição”, cada

entrevistada abordou esta questão consoante a sua instituição e o seu respetivo contexto. Sendo assim, a profissional de educação 1, diz-nos que na sua instituição a dança só por si não acontece, mas sim a música com dança, na medida em que considera que a dança está sempre associada a uma expressão. Contudo, no 3º CEB, existe um grupo de dança no desporto escolar. A profissional de educação 2, explicita-nos que para além da aprendizagem interdisciplinar da qual a dança faz parte, e também da oferta curricular de dança que existe na sua instituição por parte da Associação de Pais, existe por vezes, por parte de algumas educadoras, uma aposta no folclore, onde se associa a dança à tradição e a qual considera ser muito interessante e importante. Por outro lado, a profissional de educação 3, relata que no seu agrupamento de escolas, num contexto de 1º CEB, existe um projeto artístico, através das artes e em especial da dança e da música, que pretende ajudar na integração de uma grande comunidade cigana e também de crianças desfavorecidas, em que estes podem não ser muito bons alunos a matemática ou a português, mas podem ser bons nas artes, e nesse sentido, através deste projeto, os alunos têm a oportunidade de desenvolver várias competências através da arte.

Noutra perspetiva, a profissional de dança 1, diz-nos que na sua instituição, escola de dança, existem vários esforços e iniciativas para promover a dança, quer no contexto escolar quer no contexto da cidade e do concelho vianense. Acrescenta ainda, que têm disponibilidade e vontade de levar a dança a toda a gente, assim como dar a conhecer a sua escola e a cidade a nível nacional e internacional, através da participação em competições de dança. Nesse sentido, considera que na sua instituição tentam ser muito dinâmicos e fazer diversas ações para divulgar a dança, como mostras coreográficas, espetáculos de dança, dinamizando workshops e formações e fazendo voluntariado. Uma opinião contrária, tem a profissional de dança 2, quando nos diz que na sua instituição de ensino superior, não existe esforço nenhum para promover a dança, pois o desporto é sobrevalorizado em detrimento da dança. Contudo, considera que a situação já foi pior do que é atualmente. Para além disso, diz-nos que mais concretamente os docentes do grupo disciplinar de dança, têm desenvolvido algumas iniciativas para promover a dança, mas poucas ou nenhuma tem conseguido vingar e ter sucesso. Acrescenta ainda, que as pessoas que procuram a sua instituição a nível de dança, procuram por interesse próprio e não tanto através das iniciativas que vão surgindo para

divulgar a dança. Por fim, a representante da Autarquia, explicita que atualmente, o concelho de Viana do Castelo tem várias escolas de dança e que a Autarquia vianense tem apoiado essas escolas, através da cedência de espaços, como o Teatro Municipal Sá de Miranda e o Centro Cultural, para as mesmas fazerem os seus espetáculos. Além disso, tem disponibilidade para ouvir essas escolas e para as ajudar assim que é necessário. Por outro lado, diz-nos também, que tem existido uma reinvenção e constante evolução da Autarquia, no que diz respeito à promoção e dinamização de espetáculos de dança, organizando inclusive o Festival de Dança de Viana do Castelo. Acrescenta por fim, que se falar somente de dança em si, mas também se incluir o folclore, a Autarquia tem apoiado todos os Ranchos Folclóricos do concelho, a todos os níveis.

Por fim, na última subcategoria “Introdução da dança na Educação Pré-escolar”, a opinião é unânime, sendo todas as entrevistadas da opinião que apesar de considerarem que a dança está mais ou menos presente na EPE, seria fundamental introduzir-se a dança de uma forma mais formal e específica, no sentido que seria importante tornar o acessível o acesso à dança a todas as crianças, pois esta é uma atividade muito completa. Na opinião da profissional de educação 1, a dança está presente na EPE, mas de forma interligada e interdisciplinar. Corroborando com esta ideologia, a profissional de educação 2, diz-nos que na EPE, a dança não está esquecida à partida, pois faz parte das OCEPE, contudo considera que como há a EF, poderia haver a dança, pois além de esta ser muito importante na parte cognitiva e no desenvolvimento integral das crianças, existem muitas crianças que gostariam de ter acesso à dança e não podem por determinadas e diversas razões e desta forma seria uma oportunidade de todas as crianças poderem aceder a esta expressão artística. Ou pelo menos, existir um projeto de dança, como existe um de música na sua instituição, pois também é da opinião que apesar das educadoras poderem gostar e de se esforçarem, não é a mesma coisa as crianças terem dança dinamizada por profissionais da área com a formação adequada, sendo que seria uma grande mais-valia para a escola, assim como é a música. Já na opinião da profissional de educação 3, a dança deveria ser introduzida na EPE, porque considera que é quando as crianças estão predispostas para as expressões artísticas, sendo estas idades cruciais no seu desenvolvimento global, quer a nível motor, criativo, cognitivo ou social.

Seguindo a mesma linha de pensamento, a profissional de dança 1, não tem qualquer dúvida que a dança deveria ser introduzida na EPE, pelo facto da dança ser um fator de globalização, e a qual só traria benefícios e vantagens se as crianças tivessem acesso à mesma. Até porque seria uma forma de dar acesso a todas as crianças de participar e usufruir de uma atividade tão enriquecedora, especialmente a crianças desta idade, porque é nessas idades que tudo começa. Corroborando com esta opinião, a profissional de dança 2, considera que a dança já existe nestas idades, mas informalmente e na sua opinião, deveria ser de forma formal, pois não só traz diversos benefícios, assim como considera existirem muito poucas atividades onde as crianças podem ter contato umas com as outras e na dança é uma riqueza, pois podem aprender a usar o corpo para se exprimirem e não apenas verbalmente. Por fim, a representante da Autarquia, é da opinião que a dança no 1º CEB e nos graus de ensino mais acima não acontece tanto como na EPE, contudo considera que esta é fundamental, pelo despertar de sentimentos e pela educação das crianças a nível da entreaajuda, da parceria, inclusão, e desenvolvimento integral das crianças. Considerando também, que da mesma forma que os projetos educativos na área da música ou mesmo do desporto náutico são importantes, a dança também poderia ser um eixo muito importante no desenvolvimento e educação de todas as crianças e jovens.

CAPÍTULO V – PROPOSTA PEDAGÓGICA

5.1. Introdução

Como já anteriormente referimos, pensámos ser pertinente e de carácter urgente, não só investigar, analisar e compreender, mas também e sobretudo, encontrar soluções práticas viáveis, que permitam finalmente, e de uma vez por todas, reconhecer e implementar a dança, como área de conhecimento e prática educativa integrante e enriquecedora da escola, o que sem dúvida, acreditámos que poderá contribuir para um maior e melhor desenvolvimento do aluno, de forma mais abrangente, inclusiva, integradora e motivadora.

Nesse sentido, pensámos e desenhámos uma proposta pedagógica, composta por objetivos, conceitos, atividades/estratégias, materiais/recursos e respetiva avaliação, direcionada para crianças da Educação Pré-escolar com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos idade, por sermos da opinião não só que estas primeiras idades são idades cruciais no desenvolvimento integral e harmonioso das crianças, mas também por ser o ciclo de estudos de transição para o 1º ciclo, ciclo onde apesar de ainda assim existirem mazelas (como já referimos anteriormente), a dança está contemplada. Ou seja, optámos por selecionar e enquadrar esta proposta a crianças destas idades, por estas se encontrarem num período pré-operacional, mais concretamente na fase motora fundamental, onde as crianças, ainda que em estágios diferentes consoante a sua idade (3 anos, estágio inicial, 4-5 anos, estágio elementar e 6 anos, estágio maturo) processam as informações do meio com e pelo corpo, englobando as habilidades motoras básicas com padrões mais específicos que mais tarde servirão de base para o pensamento abstrato (Barreiros, Cordovil & Neto, 2014; Becker, 2013; Cone & Cone, 2005; Griss, 1998). E também por pensarmos ser muito importante iniciar esta prática nestas primeiras idades, não só por todos os benefícios que pode acarretar (quer a nível motor, criativo, afetivo, emocional, cognitivo, técnico, rítmico, relacional/social, estético-cultural, sensorial e interdisciplinar), mas também por pensarmos fazer sentido realizar uma espécie de preparação para a transição para o 1º ciclo (obrigatório), onde ainda que pouco presente e pouco dinamizada, a dança está contemplada e onde lhe deve ser atribuída essa valorização e reconhecimento, e conseqüente atenção e espaço curricular, por tudo que pode e deve

acarretar para a formação e conhecimento dos alunos.

Sendo assim, esta proposta inovadora foi baseada, inspirada e sustentada na perspetiva de Laban (1990), que defende que todas as pessoas devem ter acesso à dança, dentro e fora da educação, independentemente da habilidade de cada uma, ou seja, que a dança é para todos sem exceção, e também no Modelo Intermédio da Arte da Dança na Educação de Smith-Autard (1994), a qual adotou uma metodologia centrada em três linhas de ação: interpretar, criar e observar, assim como também nas Orientações curriculares da Educação Pré-escolar (2016), nomeadamente tendo em conta as suas Áreas de Conteúdo (Área de Formação Pessoal e Social, a Área de Expressão e Comunicação - vários domínios, e a Área do Conhecimento do Mundo), de forma a conseguirmos, sempre que possível, conjugar e articular os conceitos da dança com os conceitos das outras áreas curriculares.

Dessa forma, através desta proposta propomos a ideia de que através das experiências e atividades de dança, sobretudo dança criativa, mas também outras formas de dança (como o Ballet, o Hip-Hop, as Danças Tradicionais Portuguesas, Europeias e Internacionais) e outras formas de arte articuladas com a dança (Expressão Dramática, Artes Circenses, Expressão Visual/Plástica e Expressão Musical), que incluam o fazer, o criar, o interpretar, o sentir e o apreciar, numa vertente de formação artística genérica, se poderá contribuir para a formação da personalidade das crianças, assim como desenvolver determinadas e variadas competências, fomentar o conhecimento e a capacidade de compreensão diferenciada, assim como de expressão e comunicação e ainda potenciar e fomentar o desenvolvimento da capacidade cognitiva (nomeadamente em relação ao conhecimento dos diversos conceitos/elementos, mas não só), criativa e também da imaginação.

Relativamente às atividades que compõem esta proposta, e apesar da dança criativa, tal como já explicitámos, ser a base desta proposta e de estar sempre presente nas sessões, considerámos e decidimos alargar e explorar diferentes formas de dança e até diferentes formas de arte ainda que articuladas com a dança (por exemplo exercícios de exploração de movimento através da visualização de um quadro ou da técnica “Body painting”), pelo facto de sermos da opinião que desta forma, esta proposta se torna muito mais abrangente, completa e enriquecedora na

formação e educação e conhecimento das crianças intervenientes, na medida em que os alunos não só poderão vir a desenvolver uma panóplia de competências através da dança criativa e não só, mas também poderão vir a ter a oportunidade de enriquecer ainda mais a sua formação e conhecimento, ao conhecer, explorar e desenvolver outras formas de dança e de arte, nomeadamente e a título de exemplo, as Danças Tradicionais Portuguesas, que são características e fazem parte das raízes, tradições, história e cultura do povo português e de Portugal.

Assim, a nossa ideia com esta proposta, é que cada grupo da Educação Pré-Escolar possa vir a ter uma sessão de dança (cerca de 40/45 minutos), uma vez por semana, no horário de funcionamento normal curricular (em coadjuvação com a Educadora Titular), em que além de se explorar/estimular/desenvolver diversas competências, conceitos e estímulos através da dança criativa, haja uma etapa/parte da aula em que todos os meses tem uma temática (forma de dança ou de arte) diferente, e a qual as crianças poderão vir a conhecer e explorar a mesma, quer através de exercícios/atividades específicos dessa mesma temática, quer através da visualização e apreciação de espetáculos, vídeos ou até visitando museus e/ou exposições, de forma presencial ou virtual, sobre essa mesma temática, ou através da convivência e observação direta de “agentes artístico-culturais” dessa mesma temática (por exemplo, a convite, alguns membros de um Rancho Folclórico, irem à sessão falar com as crianças acerca do Folclore, das músicas, danças, roupas, costumes e tradições e de lhes mostrar, e se possível ensinar, uma dança característica da sua região ou doutra região portuguesa).

O nosso objetivo, com a inclusão de outras formas de dança e de arte (estratégias de alguma contaminação e relação que possa existir entre distintas formas de expressão artística), é não só enriquecer ainda mais esta proposta, como anteriormente referimos, mas também incutir e fomentar nos alunos desde pequeninos a diversidade cultural existente e tentar que eles (aos poucos) possam ter a oportunidade de conhecer mais formas de dança e de arte, e que ao longo do processo comecem a conseguir identificar, reconhecer e distinguir essas diversificadas e diferentes formas de dança e de arte, fazendo até (se possível) associações a cada uma delas (por exemplo, associar que o Hip-Hop vem da rua, que o Ballet é do tempo dos reis ou que o “Vira” é uma dança característica da região do Minho). Pensámos, porém, ser muito

importante referir que quando falamos na dinamização destas diferentes formas de dança, a nossa intenção não é ensinar a dançar Ballet, Hip-Hop e etc., mas sim, que as crianças destas idades tenham a oportunidade de conhecer, explorar e iniciar os fundamentos, bases e princípios de movimento dessas diferentes formas de dança e de desenvolverem diversas competências através das mesmas.

Além disso, pode e deve acarretar ainda uma componente extremamente importante, de integração e inclusão, em que um grupo que eventualmente tenha crianças de outras nacionalidades ou até da comunidade cigana, poder-se-á e dever-se-á explorar as danças, tradições e culturas dessas mesmas crianças, estando assim a intervir de forma lúdica e educativa, no sentido em que se poderá não só ajudar essas crianças na sua integração e educação, mas também conjugar a dança com a Área do Conhecimento do Mundo, fomentando as crianças para a diversidade cultural existente, para o respeito por todas as raças e culturas e para olharmos uns para os outros como seres iguais, em que todos temos os mesmos direitos e deveres e todos conseguimos fazer as mesmas coisas. Por outro lado, com este aspeto também se pode e deve trabalhar a questão fundamental da fruição.

Nesse sentido, e tendo em conta a ideia da presente proposta, o ensino da dança deverá passar primeiro pelo conhecimento e consciencialização do corpo, onde começa por surgir a parte expressiva e criativa, contribuindo para o desenvolvimento e formação das crianças, e na qual também está implícita a interpretação, apreciação e sensibilidade estética e artístico-cultural. Ou seja, a dança e a arte, para que sejam compreendidas e desfrutadas corretamente nos seus aspetos estéticos e artísticos, necessitam, que haja interação com o fazer-pensar e com o fazer-sentir, assim será possível a educação de corpos que criem ao pensar e que possam compreender o mundo como arte, gerando compreensão diferenciada, através do sentimento cognitivo, possibilitando os seus intervenientes a fazer (dançar), a criar (inventar) e a sentir (apreciar) (Marques, 2003).

Assim, para além da exploração e conhecimento dos fatores de movimento e elementos fundamentais da dança (corpo, espaço, energia – tempo e dinâmica, e relação) e seus subelementos, pretende-se ainda que as crianças possam desenvolver capacidades de resposta

não-verbal apropriadas à expressão/comunicação nesta área. As metodologias mais comuns e utilizadas neste projeto para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem da dança, enquanto forma de educação artística, apontam para uma integração equilibrada da experimentação, composição, interpretação e apreciação de dança (e não só), no sentido em que se deve dar às crianças/alunos, hábitos, rotinas e ferramentas não só para desenvolverem o corpo, o movimento, as capacidades motoras e saberem fazer, executar e interpretar, mas também para saberem construir e apreciar. Ou seja, não tem que ver apenas com a educação artística das crianças em si, mas também com a educação e expressão estética, essencialmente com o desenvolvimento do sentido cognitivo, expressivo e crítico que deve ser fomentado e desenvolvido nas crianças desde cedo, de forma a que mais tarde possam vir a ser espetadores e cidadãos ativos, conscientes, informados e cultos, que possam ter autonomia e fazer a diferença e possam perceber e saber do que estão a falar e ainda compreenderem e apreciarem o que estão a ver. O que implica que trabalhar a dança tem necessariamente de passar por se abordarem conceitos, porque há saberes e conhecimento específicos de dança que se pretende que os alunos experienciem e aprendam.

Posto isto, acreditámos e defendemos que esta proposta, assim como o Modelo Intermédio de Smith-Autard (1994), valoriza não só o processo, mas também o produto, no sentido em que não valoriza apenas o desenvolvimento das diversas competências pretendidas ao longo do processo, mas também valoriza o produto, ao dar condições físicas e técnicas (e também algumas noções teóricas adequadas à idade) para que as crianças possam vir apresentar e interpretar pequenas coreografias ao longo do ano letivo. O que poderá fazer com que a dança e esta proposta em específico, ao aliarem o melhor de dois mundos, contribuam, assim, esperamos nós, para o desenvolvimento integral e harmonioso da criança/aluno, sendo uma componente essencial no desenvolvimento físico (corpo e movimento), emocional e artístico (pensar e sentir), social e relacional (comunicar com os outros) e cognitivo e criativo (aprender diferentes maneiras de expressar uma ideia).

Esperámos ainda que esta proposta pedagógica, possa ser testada e implementada muito brevemente e que venha, de facto, a revelar-se uma mais valia, tal como considerámos que poderá vir a revelar-se, podendo fazer a diferença, contribuir de forma positiva no

desenvolvimento das crianças e em todas as pessoas envolvidas (no sentido em que também se deverá dar uma formação inicial às respetivas Educadoras de Infância e estas estarão sempre presentes nas sessões, além de que também os profissionais de dança terão a oportunidade de se desenvolver, aprimorar e aprender através e com este proposta) e vir a ser uma solução prática viável que consiga assim, reconhecer e implementar a dança e a educação artística nas escolas de educação formal e torná-la acessível a todas as crianças e jovens, pois na sua grande maioria, se não for através de propostas/projetos deste género, tal não é possível, pois (infelizmente) nem todas as crianças e famílias tem possibilidades para aceder de forma extracurricular a este tipo de atividades, estando as mesmas atualmente acessíveis apenas a uma elite.

5.2. Objetivos

Tendo em conta o que acabámos de explanar na introdução, e atendendo às três importantes linhas de ação adotadas nesta proposta: interpretar, criar e apreciar, delineámos os objetivos, que pretendemos atingir, uns gerais, outros mais específicos.

5.2.1. Objetivos Gerais:

- Explorar o movimento e a linguagem corporal como meio de expressão pessoal, de sentimentos e ideias e definição de conceitos/ideias, através da exploração do movimento, de estímulos e jogos de movimento;
- Promover a consciencialização e controlo corporal e postural;
- Estimular a capacidade criativa e cognitiva, e promover o “Eu” como agente criativo;
- Desenvolver o sentido rítmico e a relação do corpo com o espaço e com os outros;
- Desenvolver as relações interpessoais, o trabalho em equipa e o respeito pelas regras;

- Contribuir para a formação da personalidade e promover a autonomia;
- Desenvolver o sentido estético e artístico e sentido crítico;
- Fomentar a dança como uma linguagem universal, através da interceção de diversas culturas, estimulando o respeito pela diversidade cultural;
- Desenvolver competências motoras, criativas, estéticas, técnicas, rítmicas, relacionais, culturais, sensoriais e cognitivas, tendo como centro o aluno, o pensamento, a sociedade e a cultura;
- Adequar as metodologias e as técnicas à dinâmica do grupo de trabalho;
- Incentivar a seleção e criação do material adequado para a interpretação de personagens, cenas e projetos coreográficos.

5.2.2. Objetivos específicos

| Educação Pré-escolar | | |
|--|--|---|
| Interpretação | Criação | Apreciação |
| <ul style="list-style-type: none"> • Adquirir e desenvolver competências motoras básicas (skills técnicos) assim como: coordenação, equilíbrio, flexibilidade, força, resistência, agilidade e controlo postural; • Conhecer e desenvolver vocabulário específico de dança criativa, mas também de outras formas de dança como o Ballet, o Hip-Hop e as Danças Tradicionais Portuguesas; | <ul style="list-style-type: none"> • Estimular e explorar o sentido criativo e cognitivo; • Explorar movimentos, ações, emoções e qualidades rítmicas; • Explorar estímulos: visuais, auditivos, táteis, olfativos e cinestésicos; • Conseguir utilizar a capacidade criativa para combinar movimentos, de forma a expressar a sua | <ul style="list-style-type: none"> • Observar e apreciar o desempenho dos outros; • Visualizar através de vídeo e se possível presencialmente outras formas de dança e de arte; • Conhecer, identificar e distinguir diferentes formas de dança e de arte; • Compreender alguns conceitos de dança e das Áreas de Conteúdo, |

| | | |
|---|---|--|
| <ul style="list-style-type: none"> • Adquirir e desenvolver competências (skills) espaciais, temporais e dinâmicas; • Dançar com fluidez; • Dominar as variações rítmicas; • Desenvolver a linguagem corporal. | <p>sensibilidade a temas sugeridos;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Improvisar a partir de histórias, imagens, conceitos ou situações simples dadas pelo professor ou criadas pelos alunos; • Compreender e interpretar a música, ideias e temas; • Desenvolver e explorar a imitação, o contato-improvisação, a pergunta/resposta e criação de sequências coreográficas; • Participar na criação de pequenas sequências de frases de movimento. | <p>através do movimento;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apreciar e refletir sobre dança, desenvolvendo o sentido crítico. |
| Aspetos Sociais/Afetivos/Relacionais | | |
| <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a motivação para a prática de atividades artísticas; • Desenvolver a metodologia de trabalho; • Desenvolver a capacidade de integração e inclusão; • Relacionar-se e comunicar com os outros; • Respeitar os colegas, o professor e as regras; • Adquirir estratégias de comunicação, de relações interpessoais, de trabalho de equipa, de resolução de problemas e de tomadas de decisão. | | |

Tabela 5. Objetivos Específicos da Proposta Pedagógica.

5.3. CONCEITOS E PRINCÍPIOS DE MOVIMENTO

Relativamente aos conteúdos da presente proposta pedagógica, e tendo em conta autores como Cone e Cone (2005), estes estão interligados a quatro elementos fundamentais, sendo eles os fatores de movimento da linguagem de Laban (1990): corpo, espaço, energia e relação, e

podendo ser interpretados nas seguintes questões:

O corpo – o quê? Que movimentos pode o corpo fazer?

O espaço – onde? Onde pode o corpo dançar?

A energia – como? Que modos, qualidades ou dinâmicas pode o corpo descobrir e assumir?

A relação – com quem, com quê e em que ambiência? Como é que o corpo se relaciona consigo próprio quando dança sozinho, como se relaciona com o corpo ou corpos de outros quando dança em grupo?

(Portugal, Ministério da Educação - Departamento da Educação Básica, 2007, p.188).

Nesse sentido, e tendo em conta que a “relação” é também a relação com todos os fatores do movimento, propomos conceitos com base nestes elementos e nos seus subelementos, que permitam o desenvolvimento de atividades ricas em situações de exploração e experimentação, normalmente de caráter lúdico e didático, que visem a apropriação de um vocabulário motor básico capaz de suportar e estimular uma crescente consciência e domínio do corpo, suas possibilidades de deslocamentos pelo espaço, de relação com objetos e de comunicação com os outros.

Sendo assim, os conceitos/princípios de movimento da nossa proposta são:

CORPO (Elemento)

Subelementos:

- Trabalhar o corpo físico - postura, tónus, consciencialização corporal, alongamento da coluna, apoios, respiração, flexibilidade, força, coordenação, agilidade, fluidez, antecipação rítmica, ataque;
- Trabalhar o corpo expressivo - foco, postura, início/finalização do gesto, amplitude/qualidade do gesto, linhas corporais;

- Desenvolvimento dos movimentos locomotores básicos (implicam deslocamento) - andar, marchar, correr, saltar, saltitar, galopar, virar, rodopiar/piruetas, rastejar, gatinhar, cair;
- Desenvolvimento dos movimentos não locomotores básicos (sem deslocamento/Ações com partes do corpo) - balançar, inclinar, fletir, contrair, estender, alongar, empurrar, puxar, torcer, tremer, elevar, baixar, alongar, pressionar, sacudir, chicotear;
- Dissociação da parte superior e inferior do corpo e lateralização (direita/esquerda);
- Explorar diferentes formas com o corpo: linear, redonda/curva, simétrica/assimétrica, angular;
- Explorar a transferência de peso e equilíbrio/desequilíbrio.

ESPACO (Elemento)

Desenvolvimento de consciência espacial e diferentes formas de evolução de movimento no espaço, diversificando e explorando os seguintes subelementos:

- Distância – perto/longe, afastar/aproximar;
- Foco – direção do olhar;
- Planos – horizontal, frontal, profundo, diagonais;
- Níveis – inferior, médio e superior;
- Direções – cima/baixo, esquerda/direita, frente/trás, diagonais;
- Trajetórias – linear, curvilínea/circular, angular, espiral, zig zag;
- Linhas – desenho corpo, linear, curvilínea/circular, angular;
- Volume – Tamanho do interior do espaço;

- Dimensões (tamanho do movimento) - grande/pequeno, comprido/curto, largo/ estreito.

ENERGIA (Elemento)

O Tempo e a Dinâmica dão-nos a Energia do Movimento, em que se pretende explorar estes subelementos:

- Tempo – rápido/lento, acelerado/desacelerado, repentino, suster, pausa;
- Duração – tempo longo ou curto;
- Peso – leve/pesado, forte/fraco;
- Ritmo – harmonia das acentuações: forte/fraco, rápido/lento; diferentes compassos;
- Fluência – fluente/suave, contido/controlado.

RELACÃO (Elemento)

A Relação implica conectar, envolver, liderar, seguir, encontrar/juntar, cruzar, dobrar, por cima, por baixo, através/passar, frente, trás, ao lado, à volta, entre, dentro, fora. A relação deve ser explorada com base nos presentes elementos:

- Consigo próprio - individual;
- Com objetos;
- Com o outro - par;
- Com outros - grupo;
- Com “ambientes”;
- Com os outros fatores de movimento.

Para além da exploração e conhecimento destes elementos e conteúdos essenciais e básicos da dança, pretende-se ainda que as crianças possam desenvolver capacidades de resposta não-verbal apropriadas à comunicação nesta área artística.

Sendo assim, as perspetivas mais usuais para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem da dança, enquanto educação artística, apontam para uma integração equilibrada das funções ou papéis da dança: interpretação, criação e apreciação.

Interpretação

- Imitação/jogo simbólico, através do movimento de: animais, profissões, situações da vida quotidiana, histórias, canções, lengalengas;
- Aprendizagem/reprodução de movimentos/sequências de movimentos sugeridos pelo professor e/ou colega (s);
- Aprendizagem de vocabulário específico (passos básicos), história (breves noções teóricas/associações) e algumas sequências de movimento das diferentes formas de dança: Hip-Hop, Ballet, Danças Tradicionais Portuguesas, Danças Tradicionais Europeias e Danças Tradicionais Internacionais, etc.;
- Combinar movimentos com orientação espacial (rodas, linhas espirais, quadrados);
- Explorar diferentes formas e atitudes corporais;
- Coordenar movimento com som;
- Capacidade de articular o movimento a diferentes ritmos musicais;
- Explorar, individual e coletivamente, diferentes níveis, orientações no espaço e formas de locomoção;

- Utilização de diferentes dinâmicas ao nível do movimento;
- Dançar atitudes, intenções e ações.

Criação

- Exercícios lúdicos de exploração de dança/movimento onde se trabalhe os vários níveis, formas de locomoção, as dinâmicas, as partes do corpo, a coordenação, o equilíbrio, o ritmo, a fluidez;
- Improvisação de sequências de movimentos a partir de vários estímulos: visuais, auditivos, táteis, olfativos e cinestésicos;
- Criação/recriação de movimentos e sequência de movimentos a partir de temáticas e personagens;
- Construção de combinações de frases de movimentos locomotores e não locomotores para expressar a sensibilidade individual face a temas sugeridos pelo professor (estímulos, imagens, sensações, emoções, histórias, canções, conceitos);
- Realizar improvisações a partir de histórias, conceitos/temas ou situações simples dadas pelo professor ou criadas pelos alunos;
- Participar na criação/aprendizagem de pequenas sequências de movimento.

Apreciação

- Apreciação de pequenas danças e frases de movimento, em contexto de sala de aula, alternando as funções de intérprete e de observador;

- Apreciação de diferentes formas de dança e de arte, em diferentes contextos: presencial, televisivo e cinematográfico (séries, filmes) e digital (Internet/DVD);
- Convivência e observação direta de “agentes artístico-culturais” de diferentes formas de dança e de arte, conforme a temática da sessão.

5.4. ATIVIDADES /ESTRATÉGIAS

5.4.1. Planificação/estrutura das sessões de dança

Na nossa planificação (que é apenas uma sugestão, um ponto de partida e uma hipótese de trabalho), as sessões foram pensadas e estruturadas por (diferentes) percentagens de tempo que distribuímos pelas respetivas partes da sessão (e não em minutos), e divididas em cinco momentos essenciais: apresentação da aula; aquecimento; aprendizagem/desenvolvimento; apreciação e por fim, conclusão da sessão.

Assim, as sessões de dança que sugerimos, seguiriam a seguinte estrutura:

| |
|--|
| <ul style="list-style-type: none"> • Título/tema da aula: • Data: • Duração total: • N° de alunos: • Identificação do (a) professor/educador (a): |
|--|

| |
|--|
| 1º - Apresentação da aula (10% da sessão) |
| Primeira etapa da aula, onde acontece a apresentação dos conceitos a trabalhar na aula. Por exemplo: através de uma caixa ² , onde as crianças cantam e dançam uma canção para a caixa abrir e ficarem a saber o que vão trabalhar. |

² Adaptado de Leandro, Monteiro e Melo (2018).

2º - Aquecimento (20% da sessão)

Etapa fundamental destinada à ativação cardiopulmonar e à mobilização articular, que deve acontecer antes de qualquer exercício físico, para prevenir lesões, através de mobilização articular e de jogos de movimento, mas que devem ser conducentes com o tema/conceitos propostos para a aula.

3º - Aprendizagem / Desenvolvimento**(Experimentação/Criação/interpretação/comunicação não-verbal) (40 %)**

Etapa com maior duração, em que incidirá mais no saber-fazer, no saber-sentir, no criar e no imaginar, através da exploração do jogo simbólico/faz de conta, através do movimento, assim como da improvisação, do contato-improvisação e ainda, da aprendizagem de sequências de movimento. Para além disso, é também nesta etapa que se irá desenvolver e dar a conhecer vocabulário específico de dança criativa e de diferentes formas de dança e de arte, tentando sempre articular a estes conceitos, conceitos/temas que as crianças estejam a trabalhar com as respetivas Educadoras de Infância, de forma que o ensino aprendizagem dos alunos seja mais completo, dinâmico e prazeroso.

4º - Apreciação (20 % da sessão)

Etapa em que os alunos terão a oportunidade em contexto de sala de aula, de observar e refletir alternando as funções de intérprete e de observador. Para além disso, pretende-se também que possam visualizar outras formas de dança e de arte e que se comecem a familiarizar aos poucos com as mesmas.

5º - Conclusão da sessão (10 % da sessão)

Etapa fundamental, em que através de alongamento se pretende fazer com que o corpo volte à sua situação de funcionamento normal, ou seja, à calma inicial, e que deve acontecer no fim de qualquer atividade física. Para além disso pretende-se também, que se relembrem os conceitos explorados na sessão.

5.4.2. Desenvolvimento e atividades por cada etapa

Pensámos ser importante referir, antes de explanar e esmiuçar as cinco etapas, que as sessões foram pensadas e estruturadas por diferentes percentagens de tempo que distribuámos pelas respetivas partes da sessão (de 0 a 100% e não em minutos), por sermos da opinião que se for por minutos, nada nos garante que todos os interessados que queiram implementar esta proposta, consigam ter o mesmo tempo de sessão, pois existem sempre imprevistos. Contudo, ainda assim, pensámos que as sessões para estas idades, deverão ter cerca de 40/45 minutos.

Sendo assim, na primeira etapa, a apresentação, propomos que a sessão se inicie proporcionando-se a apresentação dos conceitos a trabalhar em cada sessão de uma forma original, dinâmica, lúdica e motivadora. Essa apresentação deverá acontecer no início da sessão, logo após o primeiro contacto com as crianças, onde deverá existir uma “pequena conversa” acerca da sessão (em diferentes formas espaciais, como a roda e as filas, como for mais adequado), e onde se poderá recorrer e utilizar, por exemplo, uma caixa, onde as crianças devem cantar e dançar uma canção para que a mesma se abra e fiquem assim a saber quais os conceitos a trabalhar na sessão, ou também utilizar uma imagem, um objeto ou um “brainstorming” das crianças acerca da temática da presente sessão.

Pensámos ser importante que os conteúdos/conceitos a serem trabalhados nas sessões não sejam apenas conceitos de dança criativa, mas também de diferentes formas de dança e de arte e que possam ainda ser conducentes às Áreas de Conteúdo previstas nas Orientações Curriculares da Educação Pré-escolar (2016), nomeadamente a Área de Formação Pessoal e Social; a Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Educação Motora, Domínio da Educação Artística (Dança, Música, Dramatização e Artes Visuais), Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e Domínio da Matemática; e por fim, a Área do Conhecimento do Mundo. Ou seja, que através da dança e da exploração do movimento se possa não só desenvolver capacidades motoras, cognitivas, criativas, sociais, afetivas, relacionais, sensoriais e etc., mas também conhecer e desenvolver-se conceitos específicos de dança e sobre a dança, no sentido que as crianças/alunos através da experiência que a dança pode proporcionar, ao aprenderem conceitos teóricos e práticos de uma determinada forma de

dança, também aprendem sobre dança e seus elementos (como por exemplo, sobre o corpo, o espaço, a energia e relação), e que para além disso também se consiga promover a dança enquanto ferramenta para a aprendizagem de outras áreas de conteúdo, nomeadamente ao se articular esses conceitos de dança com os conceitos que as Educadoras das respetivas crianças tem planificados/programados e tem desenvolvido ao longo das aulas (por exemplo, ensinar uma dança sobre as cores, sobre o corpo humano, sobre as contagens, ou ensinar uma dança de um país ou região diferente), de forma a que aprendizagem dos alunos seja o mais abrangente, completa e interdisciplinar possível.

Na segunda etapa, o aquecimento, em que se pretende preparar o corpo para o movimento e para a dança, de uma forma educativa, lúdica e divertida, pretende-se atingir um aumento progressivo do fluxo sanguíneo em todas as partes do corpo, e respetiva dilatação dos tecidos das articulações e ainda um aumento do ritmo respiratório, de modo a obter uma melhor oxigenação sanguínea e maior saída dos produtos exalados.

Sendo assim, na presente etapa, poder-se-á utilizar exercícios de ativação cardiopulmonar e mobilização articular (em diferentes formas espaciais, como a roda e as filas, como for mais adequado), com início na cabeça, pescoço e ombros, seguindo-se os membros superiores, anca e terminando nos membros inferiores ou por outro lado, pode-se também promover uma ativação geral de todo o corpo através de movimentos globais e não uma abordagem analítica, parte por parte (do corpo).

Deve-se também ter a consideração e a particularidade de tentar desde o início trabalhar de acordo com a temática da aula, encarando-se a respetiva sessão como uma totalidade, numa lógica de articulação entre si, ou seja, incluir e desenvolver o tema da sessão em todas as respetivas etapas/partes que constituem a sessão.

Desta forma, e resumindo, nesta fase, deve-se preparar e trabalhar uma disponibilidade a nível físico, psicológico/mental, motivacional e expressivo, preparando o corpo e a mente para a fase seguinte, desenvolvendo capacidades percetivas e motoras, através da estimulação e fragmentação de estímulos (conducentes com o tema da sessão), que permitam desenvolver e

aprimorar a atenção seletiva e a percepção discriminativa, as quais são muito importantes para o desenvolvimento da mente, neste caso das crianças, e que são fundamentais na etapa seguinte da sessão. Assim, no aquecimento não só se deve trabalhar a mobilização articular (corpo), mas também, a mente, através exploração de jogos de movimento e de vários estímulos, trabalhando-se não só capacidades motoras, mas também a memória, o raciocínio e a concentração, de uma forma lúdica, motivadora e divertida.

| Quadro Síntese: Jogos de movimento e seus objetivos | |
|--|---|
| Nome do Jogo/Situação: | Objetivos: |
| Jogo da Estátua | <ul style="list-style-type: none"> • Explorar o jogo simbólico, o faz de conta e a improvisação; • Estimular a capacidade criativa, cognitiva e a imaginação; |
| Jogo das Cores | <ul style="list-style-type: none"> • Explorar o jogo simbólico, o faz de conta e a improvisação; • Estimular a capacidade criativa, cognitiva e a imaginação; • Conhecimento das diversas e diferentes cores existentes. |
| Jogo do “Rei Manda” | <ul style="list-style-type: none"> • Explorar o jogo simbólico, o faz de conta e a improvisação; • Estimular a capacidade criativa, cognitiva e a imaginação; • Desenvolver competências motoras, explorando o corpo, o espaço, o tempo, a dinâmica e as relações. |
| Jogo dos Arcos | <ul style="list-style-type: none"> • Estimular a capacidade cognitiva e psicomotora. |

Tabela 5. Quadro Síntese: Jogos de movimento e seus objetivos.

Jogos de Movimento (Explicação):

| | |
|------------------------------|---|
| Nome do Jogo/Situação | Jogo da Estátua |
| Duração total | 5 min |
| Explicação/descrição | Ao som de música (ou tocando instrumentos musicais) os alunos têm que se mover e dançar pela sala, e quando o professor parar a música, têm que ficar imóveis como estátuas, sendo que essas estátuas podem representar poses (livres, caretas, emoções), animais (gato, cão, leão), ações (com frio, espreguiçar, etc.). |
| Organização Espacial | Espalhados pela sala |
| Recursos/materiais | Música ou instrumentos musicais para marcar o tempo (pandeireta, bombo, maracas ou cájon). |
| Objetivos | <ul style="list-style-type: none">• Explorar o jogo simbólico, o faz de conta e a improvisação;• Estimular a capacidade criativa, cognitiva e a imaginação; |

Tabela 6. Explicação do Jogo da Estátua.

| | |
|------------------------------|---|
| Nome do Jogo/Situação | Jogo das Cores |
| Duração total | 5 min |
| Explicação/descrição | Jogo semelhante ao jogo da estátua, com a diferença que quando a música pára, em vez de terem que ficar imóveis, o professor diz uma cor, e os alunos têm que procurar essa cor e com um dedo tocar nessa mesma cor, não podendo tocar na própria roupa. Há ainda uma outra versão possível, que em vez de o professor pronunciar a cor e as crianças terem de tocar nessa mesma cor, associar-se uma das cores pronunciadas/mostradas num cartão, a um movimento locomotor ou não locomotor e as crianças terem de realizar esse movimento (correr, saltar, gatinhar, etc.). |
| Organização Espacial | Espalhados pela sala |
| Recursos/materiais | Cartão/cartolina de uma cor diferente (vermelho, azul, preto, branco, verde, rosa, laranja, roxo, cinzento, castanho), em que em cada respetivo cartão posteriormente no decorrer da atividade, se associará um respetivo movimento/ação. |

| | |
|------------------|---|
| Objetivos | <ul style="list-style-type: none"> • Explorar o jogo simbólico, o faz de conta e a improvisação; • Estimular a capacidade motora, criativa, cognitiva e a imaginação; • Conhecimento das diversas e diferentes cores existentes. |
|------------------|---|

Tabela 7. Explicação do Jogo das Cores.

| | |
|------------------------------|--|
| Nome do Jogo/Situação | Jogo do “Rei Manda” |
| Duração total | 5 min |
| Explicação/descrição | O professor ou um aluno à escolha, faz de conta que é o Rei e manda os alunos fazer determinadas tarefas, como por exemplo: andar rápido, andar em câmara lenta, andar de bicos de pés, imitar um idoso, imitar um canguru, imitar um bebê, imitar uma cobra, saltar, etc., e eles têm de lhe obedecer. Após esta versão, podem fazer o mesmo a pares: andar de mãos dadas, de costas com costas, etc. |
| Organização Espacial | Espalhados pela sala |
| Recursos/materiais | Nenhum. |
| Objetivos | <ul style="list-style-type: none"> • Explorar o jogo simbólico, o faz de conta e a improvisação; • Estimular a capacidade criativa, cognitiva e a imaginação; • Desenvolver competências motoras, explorando o corpo, o espaço, o tempo, a dinâmica e as relações. |

Tabela 8. Explicação do Jogo do “Rei Manda”.

| | |
|------------------------------|--|
| Nome do Jogo/Situação | Jogo dos Arcos |
| Duração total | 5 min |
| Explicação/descrição | Jogo idêntico ao jogo das cadeiras, sendo que a diferença é que em vez de existirem cadeiras existem arcos. Ou seja, o professor coloca no chão em roda, um arco por aluno, e cada aluno encontra-se dentro desse arco. Quando começa a música, os alunos têm de sair do arco e dançar em roda no sentido dos ponteiros do relógio, sem ultrapassar ninguém, sendo que a meio desse momento, o professor retira um dos arcos e pára a música. O aluno que ficar de fora (sem arco), vai para o meio da roda e continua o jogo no meio da roda. |

| | |
|-----------------------------|---|
| Organização Espacial | Espalhados pela sala |
| Recursos/materiais | Arcos (um arco por aluno); Música ou instrumentos musicais para marcar o tempo (pandeireta, bombo, maracas, clavas ou cájon). |
| Objetivos | • Estimular a capacidade cognitiva e psicomotora. |

Tabela 9. Explicação do Jogo dos Arcos.

Na terceira e maior etapa, a Aprendizagem/Desenvolvimento (experimentação/criação/interpretação/comunicação não-verbal), devem desenvolver-se atividades de dança em que os conceitos delineados para cada sessão sejam explorados ao nível expressivo, criativo e cinético através dos elementos e subelementos da dança. Pretende-se que seja também nesta etapa que se possa desenvolver e dar a conhecer vocabulário específico de dança criativa e de diferentes formas de dança e de arte (ainda que articuladas com a dança), tentando sempre articular a estes conceitos de dança e educação artística, conceitos/temas que as crianças estejam a trabalhar com as respetivas Educadoras de Infância, nomeadamente das Áreas de Conteúdo, de forma a que o ensino aprendizagem dos alunos seja mais completo, dinâmico, abrangente e motivador.

Nesse sentido, e tendo em conta que trabalhar no âmbito da dança criativa é trabalhar a exploração e transformação do movimento que pode ser iniciado por jogos de expressão dramática, jogos de movimento, de linguagem, de outros estímulos, nomeadamente de expressão plástica, de expressão musical, de outras formas de dança ou até de situações do quotidiano, e de forma a enriquecer ainda mais esta proposta, como anteriormente já explicitámos, pretende-se nesta etapa, incutir e fomentar nos alunos desde pequeninos a diversidade cultural existente e tentar que eles (aos poucos) comecem a conhecer mais formas de dança e de arte (e não apenas a dança criativa que é a base desta proposta).

Dessa forma, e resumindo os objetivos desta etapa são: desenvolver as capacidades motoras; explorar a capacidade criativa e a imaginação; estimular a concentração, memorização e raciocínio; explorar estímulos, conceitos, ações e emoções e conhecer e desenvolver vocabulário específico de dança criativa, mas também de diferentes formas de dança como o Ballet, o Hip-Hop e as Danças Tradicionais Portuguesas, Europeias e Internacionais. Assim,

e tendo em conta estes objetivos que acabámos de explicitar, propomos as seguintes atividades de aprendizagem/desenvolvimento (experimentação/criação/interpretação/comunicação não-verbal):

| Quadro Síntese: Atividades de Dança Criativa e seus objetivos | |
|--|---|
| Nome do Jogo/Situação: | Objetivos: |
| “Imagina que é...” c/objetos | <ul style="list-style-type: none"> • Explorar e estimular a capacidade criativa e a imaginação; • Desenvolver a capacidade cognitiva e a expressão/comunicação. |
| “Vamos imaginar que...” (Linguagem não verbal) | <ul style="list-style-type: none"> • Explorar e estimular a capacidade criativa e a imaginação; • Desenvolver a linguagem a linguagem não verbal, através de gestos e movimento; • Desenvolver a capacidade cognitiva e a expressão/comunicação. |
| “Vamos inventar uma história” | <ul style="list-style-type: none"> • Explorar o jogo simbólico, o faz de conta e a improvisação; • Estimular a capacidade criativa, cognitiva e a imaginação; • Desenvolver competências motoras, explorando o corpo, o espaço, o tempo, a dinâmica e as relações. |
| Procura o som | <ul style="list-style-type: none"> • Explorar e estimular o sentido auditivo e perceptivo; • Desenvolver a capacidade cognitiva e a expressão/comunicação; • Explorar a memorização. |
| Jogo dos números | <ul style="list-style-type: none"> • Explorar e estimular o raciocínio; • Desenvolver os movimentos locomotores e não locomotores. |
| Dança com balão | <ul style="list-style-type: none"> • Explorar e estimular as relações interpessoais e o trabalho em par; • Desenvolver o movimento e a coordenação. |
| Espelho | <ul style="list-style-type: none"> • Estimular e desenvolver a concentração; |

| | |
|---|--|
| | <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver o movimento; • Explorar as relações interpessoais e o trabalho em par. |
| Voz | <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver o aparelho vocal e a dicção; • Explorar e estimular a capacidade criativa. |
| Jogo do Acrescenta | <ul style="list-style-type: none"> • Estimular a memória e raciocínio; • Explorar a capacidade criativa; • Desenvolver o movimento e a coordenação rítmica. |
| Telefone Estragado | <ul style="list-style-type: none"> • Explorar e estimular a concentração e raciocínio. |
| Aprendizagem/reprodução de movimentos/seqüências de movimentos sugeridos pelo professor e/ou colega (s) | <ul style="list-style-type: none"> • Explorar e estimular a concentração, memória e raciocínio; • Coordenar movimento com som; • Expressar e interpretar temáticas sugeridas pelo professor e/ou colega(s). |
| Exercícios de Improvisação | <ul style="list-style-type: none"> • Explorar e estimular a capacidade criativa e a imaginação; • Explorar e desenvolver o movimento e as possibilidades dos gestos do seu corpo e do dos colegas. |
| Aprendizagem de “danças das áreas de conteúdo” | <ul style="list-style-type: none"> • Explorar e estimular a memória, concentração e raciocínio; • Desenvolver a capacidade de coordenação com som. |
| Contacto-Improvisação | <ul style="list-style-type: none"> • Explorar e estimular o movimento e a capacidade criativa; • Desenvolver as relações interpessoais; • Consciencialização do corpo e de seus possíveis movimentos. • Trabalhar os níveis e dinâmicas, o equilíbrio, a coordenação, a fluidez. |

Tabela 10. Quadro Síntese: Atividades de Dança Criativa e seus objetivos.

Atividades de Dança Criativa (Explicação):

| | |
|------------------------------|--|
| Nome do Jogo/Situação | “Imagina que é...” c/objetos ³ |
| Duração total | 5 min |
| Explicação/descrição | O professor distribui um objeto a cada aluno, e cada um deles deve explorar o jogo simbólico e o faz de conta, imaginando que aquele objeto é uma outra “coisa” qualquer, fazendo alguma ação/sequência de movimento com ele. (Por exemplo, que um lápis é uma varinha mágica ou que o lápis é uma pistola. A imaginação é um mundo infinito.) |
| Organização Espacial | Sentados em roda, de frente para o centro. Um de cada vez vai ao meio. |
| Recursos/materiais | Objetos. |
| Objetivos | <ul style="list-style-type: none">• Explorar e estimular a capacidade criativa e a imaginação;• Desenvolver a capacidade cognitiva e a expressão/comunicação. |

Tabela 11. Explicação do Jogo/Situação - “Imagina que é...” c/objetivos.

| | |
|------------------------------|---|
| Nome do Jogo/Situação | “Vamos imaginar que...” (Linguagem não-verbal) |
| Duração total | 5 min |
| Explicação/descrição | O professor(a) através de uma “poção mágica”, a qual os alunos bebem (de forma imaginária), faz com que eles não consigam falar. Posteriormente, distribui a cada menino uma ação e eles terão de interpretar sem som, apenas com gestos, de forma que o professor e os restantes colegas percebam o que a criança “quer dizer”. Quando todos acabarem, podem e devem ser os próprios alunos a pensarem na ação que vão representar. (Por exemplo, tem fome/sede, tem frio/calor, etc.) |
| Organização Espacial | Sentados em roda, de frente para o centro. Um de cada vez vai ao meio. |
| Recursos/materiais | Nenhum. |
| Objetivos | <ul style="list-style-type: none">• Explorar e estimular a capacidade criativa e a imaginação; |

³ Pode ser com objetos, mas também com personagens, profissões, animais ou outros conceitos.

| | |
|--|---|
| | <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a linguagem a linguagem não verbal, através de gestos e movimento; • Desenvolver a capacidade cognitiva e a expressão/comunicação. |
|--|---|

Tabela 12. Explicação do Jogo/Situação - “Vamos imaginar que...” (Linguagem não-verbal).

| | |
|------------------------------|--|
| Nome do Jogo/Situação | “Vamos inventar uma história” |
| Duração total | 5 min |
| Explicação/descrição | O professor pede a cada aluno que diga uma palavra, e através dessas palavras, em conjunto, criam uma história, que se pode, posteriormente, transformar em gesto ou movimento(s). |
| Organização Espacial | Sentados em roda, de frente para o centro. |
| Recursos/materiais | Nenhum. |
| Objetivos | <ul style="list-style-type: none"> • Explorar e estimular a capacidade criativa e a imaginação; • Desenvolver a linguagem oral; • Desenvolver a capacidade cognitiva e a expressão/comunicação. |

Tabela 13. Explicação do Jogo/Situação - “Vamos inventar uma história”.

| | |
|------------------------------|---|
| Nome do Jogo/Situação | Procura o som |
| Duração total | 5 min |
| Explicação/descrição | O professor seleciona um aluno para ir para o meio da roda e venda-lhe os olhos. De seguida, distribui alguns instrumentos musicais, por alguns meninos que estão sentados na roda e à vez, pede-lhes para que toquem o seu instrumento musical. Depois, seleciona um instrumento e pede ao aluno que tem esse instrumento para que o toque, para que o aluno que está no meio o ouça e o tente memorizar. De seguida, pede a todos os alunos que tem os instrumentos para que toquem os seus instrumentos, e o aluno do meio deve procurar (de gatas) e tentar encontrar o instrumento que o professor lhe pediu para encontrar/memorizar. Por fim, e antes de o aluno retirar a venda, o professor, deve-lhe perguntar qual era o instrumento |

| | |
|-----------------------------|---|
| | musical em questão. Devem ir ao meio todas as crianças e todas devem tocar os diferentes e respetivos instrumentos. Pode-se e deve-se também realizar este jogo, com outros objetos sem serem instrumentos musicais e perceber como essa situação pode suscitar uma resposta de movimento. (Por exemplo, um livro a ser folheado, um fecho de casaco a abrir e fechar, etc.) |
| Organização Espacial | Sentados em roda, de frente para o centro. Um de cada vez vai ao meio. |
| Recursos/materiais | Instrumentos musicais. Venda. Objetos. |
| Objetivos | <ul style="list-style-type: none"> • Explorar e estimular o sentido auditivo e perceptivo; • Desenvolver a capacidade cognitiva e a expressão/comunicação; • Explorar a memorização. |

Tabela 14. Explicação do Jogo/Situação - Procura o som.

| | |
|------------------------------|--|
| Nome do Jogo/Situação | Jogo dos números |
| Duração total | 5 min |
| Explicação/descrição | O professor pede aos alunos que se movimentem pela sala (por exemplo: corram, saltem, dancem só com os braços, etc.), e quando o professor dizer um número, os alunos devem juntar-se com colegas perfazendo esse mesmo número. (Por exemplo: se dizer nº2, os alunos devem juntar-se a pares; se dizer nº 5 devem juntar-se em grupos de 5, se dizer nº1, não se devem agrupar). Se preferir, o professor pode tocar algum instrumento musical ou colocar música e quando a música parar, diz o número. |
| Organização Espacial | Espalhados pela sala. |
| Recursos/materiais | Nenhum ou música/instrumento musical (opcional). |
| Objetivos | <ul style="list-style-type: none"> • Explorar e estimular o raciocínio e a velocidade de reação; • Desenvolver os movimentos locomotores e não locomotores e a qualidade de movimento. |

Tabela 15. Explicação do Jogo/Situação dos números.

| | |
|------------------------------|---|
| Nome do Jogo/Situação | Dança com balão |
| Duração total | 5 min |
| Explicação/descrição | Os alunos são divididos em pares. Dá-se um balão a cada par. De seguida, ao som de música, os alunos devem dançar com o balão entre a sua cabeça e a do colega, sem o dançar cair. Em primeiro, dançam de forma livre, de seguida devem-se movimentar sob orientação do professor. (Por exemplo, para a direita, para baixo, etc.). Podem e devem-se trocar de pares. |
| Organização Espacial | Espalhados pela sala. |
| Recursos/materiais | Balões. (1 balão por 2 crianças). |
| Objetivos | <ul style="list-style-type: none"> • Explorar e estimular as relações interpessoais e o trabalho em par; • Desenvolver o movimento e a coordenação. |

Tabela 16. Explicação do Jogo/Situação – Dança com balão.

| | |
|------------------------------|--|
| Nome do Jogo/Situação | Espelho |
| Duração total | 5 min |
| Explicação/descrição | Em primeiro lugar, os alunos formam duas ou três filas, em que todos estão de pé e virados de frente para o professor, o professor move-se lentamente fazendo alguns gestos, e os alunos devem imitar o professor como se fossem o seu espelho. É importante que todos consigam ver o professor e que estão sincronizados. Posteriormente o professor seleciona outro (s) aluno (s) para ocupar o seu lugar, e /ou fazem o mesmo exercício, mas a pares. |
| Organização Espacial | Filas, a pé, virados para o professor. / Espalhados pela sala (a pares). |
| Recursos/materiais | Música (opcional). |
| Objetivos | <ul style="list-style-type: none"> • Estimular e desenvolver a concentração; • Desenvolver o movimento; • Explorar as relações interpessoais e o trabalho em par. |

Tabela 17. Explicação do Jogo/Situação - Espelho.

| | |
|------------------------------|--|
| Nome do Jogo/Situação | Voz |
| Duração total | 5 min |
| Explicação/descrição | O professor solicita aos alunos que produzam vários sons, fechando ou abrindo mais a boca, dizendo as vogais, palavras, ações do cotidiano (rir, chorar, risonar, espirrar, chamar alguém que está muito longe, assustar-se, etc.) ou imitem a voz de vários animais. (Por exemplo, cão, gato, cavalo, grilo, vaca, lobo, pato, burro, abelha, porco, leão ou sapo, etc.). Após os alunos, imitem a voz dos respectivos animais, pode e deve-se pedir-lhes que juntem a voz do animal ao seu movimento, ou seja, como se movem ou o que costumam fazer esses animais, além do som. |
| Organização Espacial | Em roda, de pé, virados para o centro. |
| Recursos/materiais | Nenhum |
| Objetivos | <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver o aparelho vocal e a dicção; • Explorar e estimular a capacidade criativa. |

Tabela 18. Explicação do Jogo/Situação - Voz.

| | |
|------------------------------|--|
| Nome do Jogo/Situação | Jogo do Acrescenta |
| Duração total | 5 min |
| Explicação/descrição | Em roda, todos, lado a lado uns dos outros, inclusive o professor. O professor começa a fazer um movimento/gesto. O aluno seguinte (a esquerda ou direita do professor) faz o mesmo movimento do professor e acrescenta um. O aluno seguinte faz o movimento do professor, do colega e acrescenta mais um, e assim sucessivamente, até chegar ao último aluno e criarem assim, uma sequência de movimentos. Devem estar todos em silêncio. |
| Organização Espacial | Em roda, em pé, virados para o centro. |
| Recursos/materiais | Música (opcional). |
| Objetivos | <ul style="list-style-type: none"> • Estimular a memória e raciocínio; • Explorar a capacidade criativa; • Desenvolver o movimento e a coordenação rítmica. |

Tabela 19. Explicação do Jogo/Situação do Acrescenta.

| | |
|------------------------------|--|
| Nome do Jogo/Situação | Telefone Estragado |
| Duração total | 5 min |
| Explicação/descrição | Em roda, todos, lado a lado uns dos outros, inclusive o professor. O professor diz uma pequena frase ao ouvido do aluno seguinte (a esquerda ou direita do professor). Esse aluno diz essa mesma pequena frase ao ouvido do colega do lado e assim sucessivamente, até chegarem ao último aluno que deverá reproduzir em voz alta o que lhe foi dito. Devem estar todos em silêncio. |
| Organização Espacial | Em roda, em pé, virados para o centro. |
| Recursos/materiais | Música (opcional). |
| Objetivos | <ul style="list-style-type: none"> • Explorar e estimular a concentração e raciocínio. |

Tabela 20. Explicação do Jogo/Situação - Telefone Estragado.

| | |
|------------------------------|--|
| Nome do Jogo/Situação | Aprendizagem/reprodução de movimentos/seqüências de movimentos sugeridos pelo professor e/ou colega (s) |
| Duração total | 10 min |
| Explicação/descrição | Em roda, todos, lado a lado uns dos outros, inclusive o professor. O professor diz uma pequena frase ao ouvido do aluno seguinte (a esquerda ou direita do professor). Esse aluno diz essa mesma pequena frase ao ouvido do colega do lado e assim sucessivamente, até chegarem ao último aluno que deverá reproduzir em voz alta o que lhe foi dito. Devem estar todos em silêncio. |
| Organização Espacial | Em duas ou três filas (dependendo do nº de alunos), de pé, virados para o professor |
| Recursos/materiais | Música. |
| Objetivos | <ul style="list-style-type: none"> • Explorar e estimular a concentração, memória e raciocínio; • Coordenar movimento com som; • Expressar e interpretar temáticas sugeridas pelo professor e/ou colega(s). |

Tabela 21. Explicação do Jogo/Situação - “Aprendizagem/reprodução de movimentos/seqüências de movimentos sugeridos pelo professor e/ou colega (s)”.

| | |
|------------------------------|---|
| Nome do Jogo/Situação | Exercícios de improvisação |
| Duração total | 5 min |
| Explicação/descrição | Improvisar a partir de histórias, imagens, música, conceitos ou situações simples dadas pelo professor ou criadas pelos alunos. Por exemplo, o educador(a) põe uma música à sua escolha e pede para as crianças dançarem ao som da música, dançando livremente e/ou dançando apenas com diferentes partes do corpo; ou por exemplo, o educador(a) mostra uma imagem de um quadro surrealista às crianças e pedem para que estas façam movimentos “destorcidos” como na imagem; ou ainda, por exemplo, o educador(a) conta/lê uma história e as crianças enquanto o educador(a) está a ler tem de tentar representar/interpretar essa história através de gestos e movimentos. |
| Organização Espacial | Em roda, em pé, virados para o centro ou espalhados pela sala. |
| Recursos/materiais | Música. |
| Objetivos | <ul style="list-style-type: none"> • Explorar e estimular a capacidade criativa e a imaginação; • Explorar e desenvolver a qualidade de movimento e as possibilidades dos gestos do seu corpo e o dos colegas. |

Tabela 22. Explicação do Jogo/Situação - “Exercícios de improvisação”.

| | |
|------------------------------|--|
| Nome do Jogo/Situação | Aprendizagem de “danças das áreas de conteúdo” |
| Duração total | 10 min |
| Explicação/descrição | Aprendizagem/reprodução de movimentos/sequências de movimentos sugeridos pelo professor, em função dos conteúdos das Áreas de Conteúdo, de forma a trabalhar tanto os conceitos de dança como os conceitos das outras áreas curriculares, em função do tema/conceitos que na altura estiverem a ser trabalhados (como por exemplo: uma dança sobre o corpo humano, uma dança sobre as cores, uma dança sobre o mundo, etc.) Nestas idades é mais fácil ensinar coreografias com músicas portuguesas que retratem precisamente o tema em questão. Assim pode-se (ou não) coreografar a música, palavra a palavra. |

| | |
|-----------------------------|--|
| Organização Espacial | Duas ou três filas (dependendo do nº de alunos), de pé e virados de frente para o professor. |
| Recursos/materiais | Música que aborde uma determinada temática. |
| Objetivos | <ul style="list-style-type: none"> • Explorar e estimular a memória, concentração e raciocínio; • Desenvolver a capacidade de coordenação com som. |

Tabela 23. Explicação do Jogo/Situação - Aprendizagem de “danças das áreas de conteúdo”.

| | |
|------------------------------|--|
| Nome do Jogo/Situação | Contato-improvisação |
| Duração total | 5 min |
| Explicação/descrição | Exercícios a pares, em pequenos grupos ou em grande grupo, de contacto-improvisação ⁴ (técnica de dança), para uma melhor consciência do seu corpo e do dos outros. É uma técnica em que existe muito o toque e que quando adaptado a crianças destas idades, pode ser muito interessante e importante, no sentido que as pode ajudar a ter uma maior e melhor consciencialização do corpo e dos movimentos que o corpo pode fazer. |
| Organização Espacial | A pares, em pequenos grupos ou em grande grupo. |
| Recursos/materiais | Música. |
| Objetivos | <ul style="list-style-type: none"> • Explorar e estimular o movimento e a capacidade criativa; • Desenvolver as relações interpessoais; • Consciencialização do corpo e de seus possíveis movimentos; • Trabalhar os vários elementos e subelementos da dança. |

Tabela 24. Explicação do Jogo/Situação – Contato-improvisação.

Na penúltima e quarta etapa, a apreciação, as crianças em pequenos grupos devem apresentar e observar os movimentos criados e/ou aprendidos, sendo uma parte importante, onde os mesmos tem a oportunidade de mostrar as composições dançadas criadas e/ou aprendidas na etapa anterior e também de apreciar os colegas, de forma a analisarem os mesmos, alternando

⁴ Contato-improvisação é uma técnica de dança que através de improvisação e exploração se pretende explorar o contacto, nomeadamente, o corpo e a relação.

as funções de intérprete e de observador, de forma a refletirem, relembrem e reforçarem o conhecimento dos conteúdos e conceitos planeados para essa sessão de dança. Para além disso, nesta etapa, os conceitos/temas devem ser conducentes com os da etapa anterior (e da aula inteira), de forma a que em algumas sessões se proceda (conforme a planificação da aula) à visualização e apreciação de espetáculos (presencialmente ou digitalmente) e de vídeos de diferentes formas de dança e de arte, de maneira a que ao longo do processo (do ano letivo), os alunos comecem a conseguir identificar, reconhecer e distinguir essas diversificadas e diferentes formas de dança e de arte, desenvolvendo o sentido crítico e fazendo até (se possível) associações a cada uma delas (associando por exemplo, que o Hip-Hop vem da rua, que o Ballet é do tempo dos reis ou que as Artes Circenses pertencem ao circo).

Por fim, na quinta e última etapa, a conclusão da sessão, os alunos devem formar uma roda ou espalhar-se pela sala, conforme orientação do professor(a), e ao som de música (relaxante/calma) ou em silêncio, procede-se ao alongamento e relaxamento dos músculos e articulações de todo o corpo, obtendo uma dilatação dos tecidos dessas regiões e um aumento do fluxo de sangue, de forma a prevenir lesões, começando sempre pela cabeça e terminando nos pés, assim como à exploração corporal e expressiva. Pode-se ainda, se houver tempo para tal, ou se o professor achar que as crianças naquele dia, estão mais agitadas, realizar-se exercícios de relaxamento de forma que o corpo volte à calma inicial. Por último, as crianças devem-se sentar no chão de frente para o professor e proceder-se a um momento de relembrar uma vez mais os conceitos desenvolvidos na sessão. Sugerimos que sempre que adequado, se mantenha esta estrutura, contudo a mesma deverá ser adaptada em função de cada sessão.

Atividades de alongamento:

(Nota: Importante referir que cada exercício de alongamento deve ser feito com um tempo de pelo menos 30'' em cada posição, de forma fluida, calma, gentil, e onde é muito importante trabalhar-se a respiração durante a execução de cada exercício.)

- Exercícios de mobilização da cabeça, dos membros superiores, anca e membros inferiores;
- “Borboleta”: Sentar no chão, juntar a palma do pé esquerdo à palma do pé direito. De

seguida, segurar ambos os tornozelos, e movimentar ambas as pernas ao mesmo tempo (para cima e para baixo), fazendo um movimento semelhante às asas de uma borboleta;

- Esticar/alongar as pernas, uma de cada vez e depois, as duas ao mesmo tempo, tentando sempre chegar com as duas mãos ao pé ou pés, respetivamente;
- “Bolinha”: De joelhos no chão, sentar o rabo nos pés, braços junto ao corpo e testa toca no chão. De seguida, sem sair da posição, ambos os braços esticam para a frente o máximo que conseguirem;
- Levantar devagarinho e esticar o corpo/espreguiçar;
- “Sacudir formigas nos membros”: Executar o movimento de sacudir, sacudindo o corpo todo e acabando a abanar o corpo todo.

5.4.3. Estratégias a utilizar nas sessões de Dança

Embora a presente proposta ainda não tenha sido testada nem implementada, e por isso não sabermos ao certo quais as condições e respetivas condicionantes que na prática poderão vir a existir, pensámos ainda assim em determinadas estratégias recomendáveis que poderão ser utilizadas ao longo das sessões de forma que esta proposta possa ser bem-sucedida.

Assim, a primeira aula deve servir para conhecer os alunos, e fazer jogos de apresentação/integração, e onde deverá existir uma grande preocupação do enquadramento específico dos alunos, com conhecimento dos contextos de cada um, eventual realidade de outras nacionalidades, culturas e realidades sociais, para que se possa ter em atenção a parte da integração e da inclusão que são muito importantes.

As aulas devem ser progressivas e sequenciais, quer em termos de exigência corporal quer no desenvolvimento das atividades. Deve-se ainda ter em consideração a sensibilização e responsabilização para os cuidados a ter com o corpo como instrumento de “trabalho” e ainda

realizar diariamente atividades de aquecimento e experimentação/criação/interpretação, com progressiva dificuldade, individualmente, a pares, em pequenos grupos e em grande grupo, fomentando e desenvolvendo capacidades motoras, criativas, cognitivas e sociais, tendo em conta a exploração dos elementos e subelementos da dança, de forma a que o desenvolvimento seja gradual e o mais abrangente e global possível.

É pertinente ainda, acrescentarmos e explanarmos como nota final e em forma de resumo, que a dança ao ser inserida no contexto escolar, através desta proposta, o seu principal objetivo não é formar bailarinos, mas sim, oferecer ao maior número de crianças/alunos possível, uma relação mais efetiva e intimista com a possibilidade de aprender e expressar-se criativamente através do movimento.

Nessa perspetiva, o papel da dança na educação (formal) e neste projeto em particular, é o de contribuir com o processo ensino-aprendizagem, de forma a auxiliar o aluno na construção do seu conhecimento e personalidade e no seu desenvolvimento integral e abrangente ao longo do projeto (processo). Contudo, deve e pretende também, dar bases e ferramentas às crianças acerca de linguagem específica, nomeadamente dando conhecimento de diferentes formas de dança e de arte, que resulte na possibilidade de desenvolverem e explorarem a sua capacidade de interpretação, criação e apreciação ao longo do ano letivo, conseguindo adquirir vocabulário para criarem e interpretarem pequenas coreografias (produtos). Incluindo e articulando sempre que possível ao longo de todo o processo, os conceitos e elementos da dança com os conceitos/temáticas das outras áreas curriculares, de forma que a educação seja a mais completa, abrangente, integradora e motivadora possível.

Mais se acrescenta que a presente proposta, assim como todas as componentes que a constituem, são apenas sugestões que poderão permitir opções e levar quem estiver interessado a apropriar-se e desenvolver na sua sala de aula ou nos seus projetos. É importante também esclarecer que não existe apenas uma forma de fazer e desenvolver as diversas e diferentes atividades que sugerimos ao longo da nossa proposta. As mesmas poderão e deverão ser desenvolvidas e adaptadas conforme for mais adequado, sendo que foi nossa intenção desde o início de tentar criar uma proposta que fosse o mais flexível e abrangente

possível e que permitisse efetivamente que pudesse ser adaptada como for mais conveniente.

5.5. RECURSOS / MATERIAIS

5.5.1. Instalações

- Espaço amplo que permita deslocamentos, mas na falta do mesmo poderá adaptar-se a sala de aula;
- Ginásio/sala, com ar condicionado e/ou com bom arejamento;
- Espaço sem obstáculos e chão regular;
- Solo em madeira ou se possível, forrado a linóleo;
- Espaço que disponha de um espelho a toda a largura da sala, mas com a possibilidade de ter uma cortina para quando se pretenda prescindir dele;
- Um quadro branco onde se possa escrever, desenhar;
- Um placard para se poder afixar desenhos, imagens, palavras, etc.

5.5.2. Vestuário

- Fatos de treino ou roupa larga, confortável e adaptada à temperatura da sala/ginásio, que permita uma movimentação extensa, de preferência sem aplicações como fechos e botões que magoem ao ser executado o movimento;
- Meias com alguma aderência ao chão de forma a ser possível deslizar quando necessário, mas sem escorregar em demasia.

5.5.3. Acompanhamento musical

- Coluna portátil ou leitor de CD/pen.
- Instrumentos musicais para acompanhamento (pandeireta, maracas, bombo, cájon, clavas, triângulo, etc.).

5.6. AVALIAÇÃO

| Avaliação – Check List | | |
|--|------------|------------|
| Competências Pessoais e Sociais | Sim | Não |
| • Participa nas aulas e nas atividades propostas; | | |
| • Demonstra interesse e dedica-se nos trabalhos propostos; | | |
| • Demonstra respeito pelo espaço, pelas regras e pelo trabalho dos colegas; | | |
| • Demonstra ter consciencialização do seu corpo e do dos outros; | | |
| • Demonstra ter consciencialização do seu corpo e do dos outros; | | |
| Interpretação | Sim | Não |
| • Desenvolve competências motoras básicas assim como: coordenação, equilíbrio, flexibilidade, força, resistência, agilidade e controlo postural; | | |
| • Demonstra ter adquirido competências (skills) espaciais, temporais e dinâmicas; | | |
| • Dominar as variações rítmicas; | | |

| | | |
|---|------------|------------|
| • Expressa através do movimento, emoções e sentimentos, em diferentes situações e contextos; | | |
| • Realiza movimentos locomotores e não locomotores básicos, de forma coordenada e equilibrada, utilizando o corpo no espaço, no tempo e com diferentes dinâmicas; | | |
| • Consegue dançar e mover-se de forma equilibrada e fluída; | | |
| • Constrói e recria movimentos a partir de temáticas e personagens (objetos, animais, situações do quotidiano, etc.), com fluidez, coordenação e equilíbrio; | | |
| • Conhece e executa vocabulário específico de dança criativa, mas também de outras formas de dança como o Ballet, o Hip-Hop e as Danças Tradicionais Portuguesas, Europeias e Internacionais; | | |
| • Interpreta pequenas sequências de movimento dançado, de forma coordenada e equilibrada, expressando e representando sentimentos, emoções ou as temáticas pretendidas; | | |
| • Participa na criação de pequenas sequências de frases de movimento; | | |
| Criação | Sim | Não |
| • Consegue utilizar a capacidade criativa para combinar movimentos, de forma a expressar a sua sensibilidade a temas sugeridos; | | |

| | | |
|--|------------|------------|
| • Consegue utilizar a capacidade criativa para combinar movimentos, de forma a expressar a sua sensibilidade a temas sugeridos; | | |
| • Coordena o movimento com o som; | | |
| • Improvisa a partir de histórias, imagens, conceitos ou situações simples dadas pelo professor ou criadas por ele; | | |
| Apreciação | Sim | Não |
| • Aprecia peças de dança do património artístico, observadas através de meios audiovisuais ou em espetáculos ao vivo, expressando a sua opinião sobre as mesmas; | | |
| • Aprecia peças de dança do património artístico, observadas através de meios audiovisuais ou em espetáculos ao vivo, expressando a sua opinião sobre as mesmas; | | |
| • Identifica, reconhece e distingue diversas e diferentes formas de dança e de arte; | | |
| • Faz associações relativamente às diferentes formas de dança (por exemplo: que o Hip-Hop vem da rua, que o Ballet é do tempo dos reis, etc.); | | |
| • Comenta os movimentos dançados que realiza e/ou observa, dando a sua opinião ou fundamentando a sua apreciação sobre os processos de execução. | | |

Pensámos pertinente salientar, que a presente “check list” é uma maneira do educador(a) conseguir guiar-se, de forma mais prática e rápida, enquanto está a observar e a avaliar as respetivas crianças relativamente às diversas e diferentes competências em análise, nomeadamente: competências pessoais e sociais, competências de interpretação, competências de criação e por fim, competências de apreciação. Contudo, a “avaliação final”, deverá ser efetuada tal e qual como acontece nas outras áreas curriculares da EPE, ou seja, de forma descritiva e analítica, onde se deverá referir as competências que a criança conseguiu adquirir e dominar ao longo do processo e também, as competências que pode ainda melhorar. Porém, é também igualmente importante, referir que a avaliação neste tipo de idades e neste contexto em específico, deve ser realizada de forma positiva e otimista, prevalecendo as competências e habilidades que a criança conseguiu adquirir e não o contrário.

CONCLUSÕES

Através do longo processo de elaboração dos cinco importantes capítulos que compõem esta tão prazerosa e estimulante investigação qualitativa, a qual apresenta um forte carácter teórico, descritivo, interpretativo e analítico, é agora possível construirmos e retirarmos algumas ilações e conclusões acerca da temática em estudo, que apresentaremos de seguida.

Apesar de sabermos à partida que a dança (atualmente) está contemplada no plano curricular da Educação Artística na Educação Pré-escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico e também como uma extensão da Educação e Expressão Físico-Motora nos 3 ciclos do Ensino Básico, pensávamos e sentíamos que era necessário e urgente repensar-se e investigar-se acerca das causas que têm impedido a promoção da sua prática.

Sendo assim, e partindo do pressuposto que a dança é uma prática educativa de grande mais valia no contexto da educação formal, a qual promove o desenvolvimento global e abrangente das crianças e alunos, o presente estudo teve como finalidades: i) analisar e interpretar a situação da dança como prática educativa e conhecimento, no contexto da Educação Formal, quer numa perspetiva geral, quer numa perspetiva local; ii) desenhar uma proposta de dança, didática e pedagógica, para um contexto de Educação Pré-escolar; e se possível, iii) apresentar essa proposta com parceiros sociais (Autarquia, empresas) de forma a obter-se um financiamento que permita testar e custear a implementação dessa proposta, envolvendo profissionais de dança com o ensino formal, no concelho de Viana do Castelo.

Nesse sentido, e tendo em conta estas finalidades, mais precisamente no segundo capítulo, denominado “Estado da Arte”, foi-nos possível analisar, constatar e compreender a fragilidade da presença da dança como disciplina do ensino regular (Coelho, 2006), e que de facto, a dança como prática educativa e conhecimento, tem sido posta em segundo plano e vista como uma atividade menor que serve meramente para brincar, relaxar ou para ajudar as “festinhas de escola”.

O facto de existir uma confusão devido à duplicidade da dança ao estar contemplada ao

mesmo tempo na EA e na EF no 1º CEB, o facto (gravíssimo) da dança no 1ª CEB ser a única expressão artística que não tem um currículo próprio na área artística, o facto de ainda se considerar que a dança é uma atividade exclusivamente motora, em vez de área de conhecimento, de uma prática educativa abrangente e de expressão estética e elaboração artística, e também, o facto de nas escolas não se ensinar dança, mas sim “danças” (Monteiro, 2014), ou seja, o facto de na maioria das escolas públicas, a dança ainda ser vista como uma atividade de lazer e de entretenimento, e nas quais se ensinam algumas danças/coreografias que são utilizadas “apenas” com fins lúdicos, o que é bem diferente de se ensinar dança e sobre a dança, de se explorar os seus conteúdos e conceitos (tais como, o corpo, o espaço, a energia – tempo e dinâmica, e a relação), são causas e motivos que tem levado a que a dança seja posta em segundo lugar neste contexto e que ainda não seja considerada por tudo o que poderá e deverá contribuir para a formação e desenvolvimento, integral e harmonioso, das crianças e jovens.

Para além disso, foi-nos possível constatar também, que apesar da dança ser mais ou menos explorada na EPE, pois neste ciclo de estudos a educação funciona de uma forma bastante abrangente, interligada e interdisciplinar, a massificação da Dança na educação formal, tem passado efetivamente, e sobretudo, pela sua inclusão nas aulas de Educação Física. Contudo, o facto de existir uma falta de planeamento por parte do professor de EF para com os objetivos e conteúdos específicos de dança nas suas aulas, o facto de mesmo em pleno século XXI, ainda existir preconceito em relação ao género e, claro, a falta de formação específica do professor da área Físico-Motora, acrescentam as causas anteriormente referidas e resultam na pouca (e indevida) ou nenhuma experiência de dança nas escolas, fazendo com que a dança ainda não tenha o seu merecido reconhecimento no contexto da educação formal em Portugal.

Por tudo isto referido anteriormente, infelizmente a dança (ainda) é pouco lecionada e explorada quer nas aulas de Educação Física, quer pelas crianças na sua vida. Embora, a dança esteja contemplada no currículo escolar, esta passa por um (já longo) processo de discriminação, uma vez que esta não é dinamizada e não tem (de todo) o mesmo espaço e prioridade comparativamente aos outros conteúdos da disciplina de EF, assim como das outras áreas curriculares, e como tal deve ser repensada tendo em conta tudo o que a dança pode e

deve acarretar para a formação e conhecimento dos alunos.

Nesse sentido, e por pensarmos ser efetivamente pertinente e de caráter urgente, encontrar-se soluções práticas viáveis, que possam finalmente, e de uma vez por todas, reconhecer e implementar a dança, como prática educativa integrante e enriquecedora da escola, o que sem dúvida, acreditamos que poderá contribuir para um maior e melhor desenvolvimento do aluno, de forma mais abrangente, dinâmica, inclusiva, integradora e motivadora, desenhamos uma proposta de dança, pedagógica, composta por uma introdução, objetivos (gerais e específicos), conteúdos, atividades/estratégias, recursos e respetiva avaliação, direcionada para crianças da Educação Pré-escolar, por sermos da opinião não só que estas primeiras idades são idades cruciais no desenvolvimento integral e harmonioso das crianças, mas também por ser o ciclo de estudos de transição para o 1ª ciclo do Ensino Básico, ciclo (obrigatório) onde apesar de ainda assim existirem mazelas (tal como anteriormente foi referido), a dança está contemplada.

Sendo assim, apresentámos no Capítulo V, a nossa proposta pedagógica (e inovadora), sustentada em literatura específica de referência, nomeadamente Rudolf Laban (1990) e Smith-Autard (1994), assim como nas OCPE, de maneira que se possa articular sempre que possível ao longo de todo o processo, os conceitos e elementos da dança com os conceitos/temáticas das outras áreas curriculares, de forma que a educação seja a mais completa, abrangente, integradora e motivadora possível. E também está igualmente baseada, nos importantes testemunhos das seis entrevistadas das quais tivemos a oportunidade de entrevistar no âmbito da recolha de dados, mais concretamente: três profissionais de educação, duas profissionais de dança e uma representante da Autarquia vianense. Estes testemunhos foram extremamente importantes na criação da nossa proposta, pois através deles conseguimos compreender determinadas questões e dimensões de análise que nos permitiram delinear e estruturar uma proposta que fosse o mais completa e abrangente possível.

Relativamente ao capítulo IV, da análise e interpretação de dados, e fazendo uma retrospectiva e um balanço geral, pensámos ter sido fundamental termos efetuado as entrevistas ao grupo de seis personalidades previamente selecionadas, pois cada uma tendo em conta a sua

respetiva área de formação e de trabalho, permitiram com que conseguíssemos adquirir uma panóplia de informações e opiniões que nos ajudaram não só a analisar e compreender a situação da dança quer sob o ponto de vista geral, e sobretudo sob o ponto de vista local, mas também nos ajudaram, como anteriormente já foi referido, a elaborar a nossa proposta.

Dessa forma, para realizarmos a análise de dados recorreremos à análise de conteúdo (Bardin, 2008), por considerarmos que esta seria fundamental na nossa investigação, na medida em que nos permitiu não só efetuar o tratamento da informação recolhida através das entrevistas, assim como permitiu, também, conferir “inteligibilidade aos factos e aos fenómenos sociais e humanos” (Esteves, 2006, p. 106).

Assim, e tendo em conta as normas de uma análise de conteúdo, efetuámos as respetivas codificações (salientações, classificações, agregações e categorizações) de trechos de cada uma das entrevistas transcritas, em forma de tabelas. Na coluna “Categoria” foram agregados os dois grandes temas das respetivas entrevistas: em primeiro lugar, “Educação Artística (EA)” e em segundo, “Dança”. Já na coluna da “Subcategoria, foram agrupadas temáticas respetivas a cada categoria e a cada entrevista, no sentido que foram elaborados três guiões de entrevista diferentes, um para as três profissionais de educação, um para as duas profissionais de dança e um para a representante da Autarquia. Sendo assim, existem subcategorias que coexistem a todas as entrevistadas, outras apenas ao seu grupo de profissão.

Por outro lado, relativamente à categoria “Educação Artística (EA), foram agregadas as subcategorias: “Conceito de EA”; “Perceção acerca do acesso das crianças à EA” e “Abordagem da EA na Educação Pré-escolar e escolas”. Já, na subcategoria “Dança”, foram agregadas as subcategorias: “Definição e significado de dança”; “Papel da dança no Jardim de Infância” (apenas para as profissionais de educação); “Papel da dança no Jardim de Infância e escolas” (apenas para as profissionais de dança e a representante da Autarquia); “Valorização da dança no currículo e nas instituições educativas” (apenas para as profissionais de educação); “Lugar da dança na escola e oferta curricular” (apenas para as profissionais de educação); “Dinamização de atividades de dança no percurso profissional” (apenas para as profissionais de educação); “Dinamização de dança em contexto escolar durante o percurso

profissional” (apenas para as profissionais de dança); “Condições das escolas para oferecerem a dança” (apenas para as profissionais de dança e a representante da Autarquia); “Esforços da instituição para promover a dança” e por fim, “Introdução da dança na Educação Pré-escolar”.

Nesse sentido e após executarmos o tratamento categorial dos dados, propusemos as inferências e interpretações, a partir da triangulação dos dados provenientes das diversas fontes e da sua análise comparada. Sendo assim, e de uma forma geral, é possível compreender que na opinião das entrevistadas, as aprendizagens na EPE acontecem de forma muito abrangente, interligada e interdisciplinar, onde todas as áreas curriculares se cruzam e complementam e que por isso mesmo, a dança é mais ou menos dinamizada neste contexto. Contudo, a exploração da dança na EPE, e apesar de esta ser um subdomínio do domínio da Educação Artística que integra a Área de Conteúdo da Expressão e Comunicação, depende sempre da vontade de cada educador(a) de querer incluir e dinamizar atividades que envolvam a dança nas suas planificações e durante as suas aulas. Além disso, e apesar de se poder considerar que é na EPE onde a dança está mais presente em contexto educativo, comparativamente com os outros graus de ensino, sendo que quanto mais se avança no grau de ensino menos atenção e valor lhe é dada (Monteiro, 2014), é notória a desigualdade que existe no acesso à dança e à educação artística por parte das crianças, pois se não existir investimento e vontade por parte das escolas ou Autarquias em querer oferecer a dança às crianças, através de projetos pedagógicos (já começam a existir, mas ainda são muito poucos), ou da contratação de docentes qualificados para lecionar essa atividade artística, existem crianças que não tem possibilidades para aceder a este tipo de atividades, neste caso à dança, e por isso o acesso ainda está destinado apenas a uma elite, a qual tem possibilidades para pagar uma mensalidade de uma escola de dança e assim, aceder à dança de forma extracurricular.

Por outro lado, consideramos ser pertinente referir que todas as entrevistadas são da opinião que a dança é uma atividade de grande mais valia, no sentido em que pode e deve promover o desenvolvimento integral e harmonioso das crianças e que como tal, esta deveria estar mais presente e de ser mais valorizada no contexto educativo, pois além por todos os benefícios que pode acarretar (quer a nível motor, criativo, afetivo, emocional, cognitivo, técnico,

rítmico, relacional/social, estético-cultural, sensorial e interdisciplinar), pode e dever ter ainda um papel extremamente importante de integração e inclusão, que são dois pilares e fatores importantíssimos na educação de todas as crianças e jovens. Para além disso, são também da opinião que tal como existe no concelho de Viana do Castelo, um projeto na área da música que torna possível o acesso a esta expressão artística a todas as crianças do concelho (EPE e 1º CEB), de forma gratuita, poderia e deveria existir também, um projeto semelhante na área da dança, projeto esse que vai exatamente de encontro com a proposta que realizámos no decorrer desta investigação (capítulo V) e a qual esperamos conseguir testar e implementar num futuro próximo neste mesmo concelho de Viana do Castelo, tendo o mestrando inclusive, se candidatado com esta mesma proposta a um concurso promovido por esta Autarquia em abril de 2021. Contudo, a nossa proposta foi feita para ser uma solução viável não apenas para este concelho, mas sim para todo o país e está disponível para poder ser testada e implementada por quem tenha interesse e vontade.

Por fim, no Capítulo V, a nossa proposta propõe a ideia de que através de sessões de cerca de 45 minutos (em coadjuvação com a respetiva Educadora titular) em que se explorem e dinamizem experiências e atividades de dança, sobretudo dança criativa, mas também outras formas de dança (como o Ballet, o Hip-Hop, as Danças Tradicionais Portuguesas, Europeias e Internacionais, etc.), e mesmo outras formas de arte em articulação com a dança (Expressão Dramática, Expressão Visual, Expressão Musical e até Artes Circenses), que incluam o fazer, o criar, o interpretar, o sentir e o apreciar, numa vertente de formação artística genérica, se poderá contribuir para a formação da personalidade das crianças, assim como desenvolver determinadas e variadas competências, fomentar o conhecimento e a capacidade de compreensão diferenciada, assim como de expressão e comunicação e ainda potenciar e fomentar o desenvolvimento da capacidade cognitiva, criativa e também da imaginação.

Nesse sentido, e tendo em conta a ideia da nossa proposta, o ensino da dança deverá passar primeiro pelo conhecimento e consciencialização do corpo, onde começará por surgir a parte expressiva e criativa, contribuindo para o desenvolvimento e formação das crianças/alunos, e na qual também está implícita a interpretação, apreciação e sensibilidade estética e artístico-cultural. Ou seja, a dança e a arte, para que sejam compreendidas e desfrutadas corretamente

nos seus aspetos estéticos e artísticos, necessitam, que haja interação com o fazer-pensar e com o fazer-sentir, assim será possível a educação de corpos que criem ao pensar e que possam compreender o mundo como arte, gerando compreensão diferenciada, através do sentimento cognitivo, possibilitando os seus intervenientes a fazer (dançar), a criar (inventar) e a sentir (apreciar) (Marques, 2003).

Assim, para além da exploração e conhecimento dos fatores de movimento e elementos fundamentais da dança (corpo, espaço, energia – tempo e dinâmica, e relação) e seus subelementos, pretende-se ainda que as crianças possam desenvolver capacidades de resposta não-verbal apropriadas à expressão/comunicação nesta área. As metodologias mais comuns e utilizadas neste projeto para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem da dança, enquanto forma de educação artística, apontam para uma integração equilibrada da experimentação, composição, interpretação e apreciação de dança (e não só), no sentido em que se deve dar às crianças/alunos, hábitos, rotinas e ferramentas não só para desenvolverem o corpo, o movimento, as capacidades motoras e saberem fazer, executar e interpretar, mas também para saberem construir e apreciar. Ou seja, não tem que ver apenas com a educação artística das crianças em si, mas também com a educação e expressão estética, essencialmente com o desenvolvimento do sentido cognitivo, expressivo e crítico que deve ser fomentado e desenvolvido nas crianças desde cedo, de forma a que mais tarde possam vir a ser espetadores e cidadãos ativos, conscientes, informados e cultos, que possam ter autonomia e fazer a diferença e possam perceber e saber do que estão a falar e ainda compreenderem e apreciarem o que estão a ver.

Esperámos que esta proposta pedagógica, possa de facto, vir a ser testada e implementada muito brevemente (se possível já no próximo ano letivo) e que venha, efetivamente, a revelar-se uma mais valia, tal como se considera que poderá vir a revelar-se, podendo fazer a diferença, contribuindo de forma positiva no desenvolvimento das crianças e em todas as pessoas envolvidas (no sentido em que também se deverá dar uma formação inicial às respetivas Educadoras de Infância e estas vão estar sempre presentes nas sessões, além de que também os profissionais de dança terão a oportunidade de se desenvolver, aprimorar e aprender através e com esta proposta) e vir a ser uma solução prática viável que consiga assim,

reconhecer e implementar a dança e a educação artística nas escolas e torná-la acessível a todas as crianças, pois na sua maioria, se não for através de propostas/projetos pedagógicos e artísticos deste gênero, tal não é possível, pois (infelizmente) nem todas as crianças e famílias tem possibilidades (financeiras) para aceder de forma extracurricular a este tipo de atividades, estando as mesmas atualmente acessíveis apenas a uma elite.

Posto isto tudo que acabámos de explanar, pensámos poder concluir que a dança pode e deve ser altamente significativa na educação dos indivíduos, neste caso das crianças, pois por ser uma atividade completa que exercita em simultâneo o corpo, a alma e a mente, pode e deve contribuir de forma significativa para o desenvolvimento motor, cognitivo, criativo, social, sensorial, afetivo/emocional, estético e artístico-cultural, e como tal, pode e deve ser uma promissora ferramenta e servir como motor educacional de aprendizagem (interdisciplinar), porque para além de fomentar e potenciar o desenvolvimento integral e harmonioso das crianças e formar cidadãos informados, conscientes e cultos, através do movimento e da exploração, expressão e elaboração artística, pode e deve ser um importante veículo interdisciplinar na aprendizagem dos conceitos das outras disciplinas curriculares, contribuindo assim significativamente para um desenvolvimento e uma formação ainda mais abrangente, completa, dinâmica, integradora e motivadora.

Implicações para futuras investigações

Através dos tempos difíceis e atribulados que estamos a vivenciar, devido à pandemia da Covid-19, é possível compreendermos que mais do que nunca, a educação artística e a cultura começam a ser reconhecidas como um bem essencial para qualquer sociedade. Tal facto é visível, através dos tempos de crise que vivemos, onde a educação artística e a cultura se têm manifestado particularmente valiosas, pois, mesmo em contexto de confinamento, têm inspirado a criatividade, fornecido apoio psicológico fundamental para nossa saúde mental e ainda auxiliado na construção de conexões entre as pessoas e as comunidades, promovendo a união, a resiliência, a esperança, a entreatajuda e o bem-estar universal.

Nesse sentido, a presente investigação por tudo quanto expõe e explana, poderá, esperámos nós, vir a ser um valioso contributo para uma futura complementaridade entre a dança (e a arte), uma educação íntegra e a comunidade, com o objetivo de valorizar e promover a educação estético-artística, a dança e a cultura.

Assim, esperámos sinceramente que esta investigação possa acrescentar algo de muito positivo ao já existente e que possa fazer a diferença ao consciencializar e fazer com que exista uma urgente reflexão e discussão acerca da dança, do seu lugar na educação formal e do seu imenso potencial e valor como prática educativa de excelência, a qual pode e deve promover um desenvolvimento integral, harmonioso e interdisciplinar de todas as crianças e jovens e que possa (de uma vez por todas) ter o seu merecido reconhecimento neste contexto.

Esperámos ainda, que possa efetivamente, através da proposta de dança desenhada e apresentada, ser uma solução viável e de qualidade, podendo ser testada e implementada (e adaptada) por quem se sentir motivado, interessado e desafiado em fazê-lo e que possa, também, efetivamente, ser uma fonte de inspiração para novas e futuras investigações, investigações essas que defendam e promovam a dança, a educação artística e a valorização da arte e da cultura, no caminho de uma educação plena e abrangente e de uma sociedade mais culta, mais consciente, mais informada e mais capaz.

BIBLIOGRAFIA

- Alegre, L. (2015). *A Dança nas Escolas do Ensino Básico em Portugal: Concepções e Práticas dos Professores do 3º Ciclo*. (Tese de Doutoramento em Motricidade Humana, especialidade de Dança). Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa. Consultado em: <http://hdl.handle.net/10400.5/9384>
- Alegre, L., & Macara, A. (2009). Percepções do professor de Educação Física relativamente ao ensino da Dança: Estudo de Caso. In *I Fórum Internacional de Pós-Graduação em Estudos em Música e Dança*. Simpósio realizado na Universidade de Aveiro, Portugal.
- Almeida, A. (2007). *Creative dance and cognition: A study on physical expression of concepts*. (Tese de doutoramento). University of Alberta, Alberta, Canadá.
- Amado, J., Costa, A., & Crusoé, N. (2014). A técnica da análise de conteúdo. In J. Amado (Coord.). *Manual de investigação qualitativa em educação* (pp.301-349) Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Baiak M. L. (2007). *A Dança, Jornal Dança Brasil*. São Paulo: DB Editora Ltda.
- Bamford, A. (2009). *El factor WUAU!. El papel de las artes en la educación. Un estudio internacional sobre el impacto de las artes en la educación*. Barcelona: Ediciones Octaedro.
- Bardin, L. (2008). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barreiros, J., Cordovil, R. & Neto, C. (2014). Fases do desenvolvimento. In R. Cordovil & J. Barreiros (Eds.), *Desenvolvimento Motor na Infância* (pp. 53-64). Cruz Quebrada: Edições FMH.
- Batalha, A. P. (2004). *Metodologia do Ensino da Dança*. Cruz Quebrada: FMH Edições.
- Batalha, A. P., & Xarez, L. (1999). *Sistemática da Dança I: Projeto Taxonómico*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.
- Becker, K. (2013). Dancing through the School day: How dance catapults learning in elementary education. *Journal of Physical Education, Recreation & Dance*, 84(3), 6-8.

- Bell, J. (1997). *Como realizar um projecto de investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bourcier, P. (2001). *História da dança no ocidente* (2ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Carmo, H. & Ferreira, M. (1998). *Metodologia da Investigação - Guia para Auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Coelho, H. (2006). A Dança no Currículo do Ensino Básico- uma Questão de Coerência. *Ensinarte – revista das artes em contexto educativo*, 7&8, 22-30.
- Cohen, L., & Manion, L. (1990). *Métodos de investigación educativa*. Madrid: Editorial La Muralla.
- Cohen, L., Manion, L. e Morrison, K. (2000). *Research methods in education*. London: Routledge Falmer.
- Cone, T., & Cone, S. (2005). *Teaching children dance*. Champaign: Human Kinetics.
- Coutinho, C.P. (2008). A qualidade da investigação educativa de natureza qualitativa: questões relativas à fidelidade e validade. *Revista Educação Unisinos* 12(1), 1-16. Consultado em: <http://hdl.handle.net/1822/7884>
- Coutinho, C. P. (2014). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática* (2ª ed.). Coimbra: Almedina.
- Creswell, J.W. (2009). *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches* (3ª ed.). Thousand Oaks, CA: SAGE.
- Damásio, A. (1999). *O Sentimento de Si*. Lisboa: Publicações Europa América.
- Delimbeuf, J. (1997). *A dimensão educativa da Dança no período de 1940 a 1990* (Dissertação de mestrado). Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana, Cruz Quebrada.
- Eisner, W. E. (1995). *Educar la visión artística*. Barcelona: Paidós Educador.
- Eisner, W. E. (2002). *The arts and the creation of mind*. Yale University Press.

- Esteves, M. (2006). Análise de Conteúdo. In J. Lima & J. Pacheco (Orgs.), *Fazer Investigação: contributos para a elaboração de dissertações e teses* (pp. 105-126). Porto: Porto Editora.
- Fazenda, I. (1993). *A Interdisciplinaridade: um projeto em parceria*. São Paulo: Loyola.
- Fernandes, D. (Coord.), Ramos de Ó, J., Ferreira, M., Marto, A., Paz, A. & Travassos, A. (2007). Estudo de avaliação do ensino artístico. Relatório final. Lisboa: Ministério da Educação. Consultado em: <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5501/1/Relato%cc%81rioEnsinoArti%cc%81sticol.pdf>
- Ferreira, S. (2001). *O Ensino das Artes: Construindo Caminhos*. Campinas: Papirus Editora.
- Ferreira, S. (2009). Dança na Escola: Um processo de criação. (Dissertação de Mestrado). Campinas: Universidade Estadual de Campinas. Consultado em <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/251539>
- Freixo, M. J. (2012). *Metodologia científica: Fundamentos, métodos e técnicas*. Lisboa: Instituto Piaget. 4ª Edição.
- Fux, M. (1983). *Dança, experiência de vida*. São Paulo: Summus.
- Gala, M. (2007). *La Dramatización en Educación Primaria como Eje del aprendizaje lúdico-creativo*. (Tese de doutoramento). Universidade de Málaga. Consultado em <http://www.biblioteca.uma.es/bbl/doc/tesisuma/16853337.pdf>
- Gardner, H. (1993). *Multiple intelligences: Theory in practice*. New York: Basic Books.
- Gardner, H. (1994). *Estruturas da Mente*. Porto Alegre: Artmed.
- Gardner, H. (1998). *Inteligência - Múltiplas Perspectivas*. Porto Alegre: Artmed.
- Gil, J. (2001). *Movimento total: o corpo e a dança*. Lisboa: Relógio D'Água editores.
- Gray, J. (1989). *Dance instruction*. Illinois: Human Kinetics.
- Greiner, C. (2005). *O corpo: pistas para estudos indisciplinados*. São Paulo: Annablume.
- Griss, S. (1998). *Minds in Motion. A Kinesthetic approach to teaching elementary curriculum*. Portsmouth, NH: Heinemann.

- Hernández Sampieri, R., Hernández Collado, C. & Baptista Lúcio, P. (2006), *Metodologia de Pesquisa* (3ª ed.). São Paulo: McGraw Hill.
- Joyce, M. (1994). *First steps in teaching creative dance to children*. Mayfield: Mountain View, CA.
- Katz, H. (2018). Repetir, repetir, até ficar diferente (Manoel de Barros, 2008): livrando a dança do (pré)fixo. In A. Teixeira, E. Santos, & R. Hercoles (Orgs.), *ANDA: 10 anos de pesquisas em Dança*, (pp. 24-36). Kelps: Associação Nacional de Pesquisadores em Dança. Consultado em: <https://www.helenakatz.pro.br/midia/helenakatz101557591285.pdf>
- Keun, L. & Hunt, P. (2006). Creative dance: Singapore children's creative thinking and problem-solving responses. *Research in Dance Education*, 7(1), 35-65.
- Laban, R. (1978). *Domínio do movimento*. (2ªed.). São Paulo: Summus.
- Laban, R. (1990). *Dança educativa moderna*. São Paulo: Ícone.
- Leandro, C. (2015). A Dança Criativa e a Aprendizagem no 1.º Ciclo do Ensino Básico: Contributos de uma abordagem interdisciplinar no Estudo do Meio, no Português, na Matemática e na atitude criativa. (Tese de Doutoramento em Motricidade Humana, especialidade de Dança). Lisboa. Consultado em: <http://hdl.handle.net/10400.5/9281>
- Leandro, C., Monteiro, E., & Melo, F. (2018). *Manual de Dança Criativa: Uma Aprendizagem Interdisciplinar no 1º Ciclo do Ensino Básico*. Viseu: Psicoma.
- Leandro, C., & Torres, M. (2007). As expressões artísticas na educação de infância. Duas experiências interdisciplinares. In P. Pequito & A. Pinheiro (Org.), *Quem aprende mais? Reflexões sobre a Educação de Infância. Actas do II Congresso Internacional de Aprendizagem na Educação de Infância* (pp.655-662). Porto: Edições Gailivro.
- Le Boulch, J. (1982). O desenvolvimento psicomotor do nascimento até aos 6 anos. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Macara, A. (2006). A Dança na Vida da Criança: Representações e Papel Educativo. *Esinarte – revista das artes em contexto educativo*, 7&8, 51-57.
- Macara, A. (1998). *Continentes em Movimento: Novas Tendências no Ensino da Dança*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa- Faculdade de Motricidade Humana.

- Mallmann, M., & Barreto, S. (2012). *A dança e seus efeitos no desenvolvimento das Inteligências Múltiplas da criança*. Instituto Catarinense de Pós-graduação.
Consultado em:
http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Arte/artigos/danca_intelig.pdf
- Marques, A. (2012a). A dança na promoção da interdisciplinaridade. In E. Monteiro & M. Alves (Eds.), *Livro de Atas do SIDD 2011. Seminário Internacional Descobrir a Dança/Descobrimo através da Dança* (pp.99-112). Cruz Quebrada: Faculdade de Motricidade Humana - Universidade Técnica de Lisboa.
- Marques, A. (2012b). Educação artística: Um cruzamento essencial e exequível. *Revista Portuguesa de Educação Artística*, 2, 59-73.
- Marques, A., & Caldas, A. (2012). A dança no projeto piloto para o 1.º Ciclo do Ensino Básico - educação artística para um currículo de excelência. In E. Monteiro & M. Alves (Eds.), *Livro de Atas do SIDD 2011. Seminário Internacional Descobrir a Dança/Descobrimo através da Dança* (pp.132-139). Cruz Quebrada: Faculdade de Motricidade Humana - Universidade Técnica de Lisboa.
- Marques, A., & Xavier, M. (2013). Criatividade em Dança – Conceções, Métodos e Processos de Composição Coreográfica no Ensino da Dança. *Revista Portuguesa de Educação Artística*, 3, 47-59.
- Marques, I. (2003). *Dançando na escola*. Cortez. São Paulo.
- Matos, F., & Ferraz, H. (2006). Questões e razões. Roteiro da Educação Artística. *Noesis*, 67, 26-29. Consultado em:
http://www.dgidec.min-edu.pt/data/.../dossier_questoes_razoes67.pdf
- Mertens, D.M. (2010). *Research and evaluation in education and psychology: Integrating diversity with quantitative, qualitative, and mixed methods* (3ª ed.). Thousand Oaks, CA: SAGE.
- Minton, S. (2008). *Using Movement to teach academics: The mind and the body as one entity*. Lanham: Rowman & Littlefield Education.
- Miranda, L., & Almeida, L. (2008). Estimular a criatividade: O programa de enriquecimento escolar “Odisseia”. In M. Morais & S. Bahia (Coords.), *Criatividade: conceito, necessidades e intervenção* (pp. 279-299). Braga: Psiquilibrios Edições.

- Monteiro, E. (2014). Não Basta ter Dança nas Escolas. In Pereira, J., Vieites, M., & Lopes, M. (Eds.). *Congresso Internacional: As Artes na Educação* (pp. 129-140). Amarante: Portugal
- Monteiro, E. (2007). Experiências criativas do movimento: Infinita curiosidade. In M. Moura & E. Monteiro (Eds.), *Dança em contextos educativos* (p. 179-191). Cruz Quebrada: Faculdade de Motricidade Humana.
- Monteiro, E. (2016). *Dança em contexto escolar. Programa de Educação Estética e Artística. WEBINARSDGE*. Ministério da Educação. Consultado em: <https://webinars.dge.mec.pt/webinar/danca-em-contexto-escolar>
- Moura, A. (2003). Desenho de uma pesquisa: Passos de uma Investigação-Ação. *Revista Educação*, 28(1): 09-31.
- Nanni, D. (1995). *Dança Educação: Pré-escola à Universidade*. Rio de Janeiro: Sprint.
- Nanni, D. (2003). *Dança Educação: Princípios, Métodos e Técnicas*. Rio de Janeiro: Sprint.
- Oliveira, V. (2001). *O que é educação física*. São Paulo: Brasiliense.
- Ossona, P. (1988). *A educação pela dança* (3ª ed). São Paulo: Summus.
- Overby, L., Post, B., & Newman, D. (2005). *Interdisciplinary learning through dance*. Champaign: Human Kinetics.
- Perdigão, M. (1981). Educação Artística. In M. Silva & I. Tamen (Coords.). *O sistema de ensino em Portugal* (pp. 285-305). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pereira, M. (1994). *Ensino da dança na escola: Reconstrução e aplicação do repertório expressivo infantil*. (Tese de Mestrado não publicada). Faculdade de Motricidade Humana - Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.
- Pica, R. (2013). *Experiences in movement & music: birth to age eight*. [S.l.]: Wadsworth.
- Portinari, M. (1989). *História da Dança*. Nova Fronteira. Rio de Janeiro.
- Read, H. (1943). *Education through Art*. London: Faber and Faber.
- Read, H. (1958). *A Educação pela Arte*. Lisboa: Edições 70.

- Robatto, L. (1994). *Dança em Processo: a linguagem do indizível*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA.
- Robinson, K. (1982). *The arts in schools*. London: Calouste Gulbenkian Foundation.
- Rocha, M. (2004). “Porquê a Arte na Escola” em Aprendizagens e Avaliação nas áreas artísticas. *Educare Educere*, X (Nº especial). *Revista da Escola Superior de Educação de Castelo Branco*, 6, 127-136.
- Rosa, C., Canto, A. Carreira, A. R., Santos, C., Estrela, H., & Vieira, P. (s.d.). *PEEA em Contexto Escolar*. Direção-Geral da Educação. Equipa de Educação Artística. Consultado em <http://educacaoartistica.dge.mec.pt/peea.html>
- Santos, A. (2007). Factores limitadores da dança nas escolas públicas de Ceilândia-DF/Brasil: do conteúdo à formação do professor. In M. Moura & E. Monteiro (eds.), *Dança em contextos educativos* (p. 63-70). Cruz Quebrada: Faculdade de Motricidade Humana.
- Santos, A., & Fernandes, M. (2006). A Prática da Dança no Ensino Básico em Viana do Castelo, In *ensinarTe – revista das artes em contexto educativo*, Vol. 7&8. Braga: CESC, Universidade do Minho, 65-75.
- Santo, L., Fernandes, C., Maciel, C., & Filho, A. (2015). *As Contribuições da dança no desempenho motor de crianças*. Arquivos em Movimento.
- Sasportes, J. & Pinto, R. (1991). *História da dança em Portugal*. Lisboa: Comissariado para a Europália: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Shinca, M. (1991). *Psicomotricidade, ritmo e expressão corporal: exercícios práticos*. São Paulo: Manole.
- Silva, I. L. da, Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação - Direção-Geral da Educação. Consultado em: http://www.dge.mec.pt/ocepe/sites/default/files/Orientacoes_Curriculares.pdf
- Silva, M., Alcântara, A., Liberali, R., Netto, M., & Mutarelli, M. (2012). A importância da dança nas aulas de educação física- revisão sistemática. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, II, 38-54.
- Smith-Autard, J. (1994). *The art of dance in education*. London: A & C Black Publishers.

- Sousa, A. B. (1979). *A Educação pelo Movimento Expressivo: Movimento, Música, Drama*. Básica Editora.
- Sousa, A. B. (1980). *A Dança Educativa na Escola: Movimento Educativo, Expressão Corporal, Dança Criativa*. Básica Editora.
- Sousa, A. B. (2003a). *Educação pela Arte e Artes na Educação: Bases Psicopedagógicas*. Instituto Piaget.
- Sousa, A. B. (2003b). *A Educação pela Arte e as Artes na Educação – Drama e Dança* (Vol. 2). Lisboa: Instituto Piaget.
- Strazzacappa, M. (2006). Quando a Arte Ganha Corpo em Sala de Aula, In *Atas Semana das Artes*. Viana do Castelo: Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo & Universidade do Minho, 3 a 11 de março.
- Strazzacappa, M. (2001). A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. *Cadernos CEDES*. Centro de Estudos Educação e Sociedade, v. 21, n. 53. Consultado em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/jG6yTFZZPTB63fMDKbsmKKv/?lang=pt>
- Stenhouse, L. (1987). *La investigación como base de la enseñanza*. Madrid: Ed. Morata S.A.
- Teixeira, C. (2004). Caracterização do ensino da Dança: 2.º, 3.º ciclo e ensino secundário. *Revista Estudos de Dança* (7/8), 169-177.
- Tércio, D. (2000). *A Dança no Sistema Educativo Português*. Edições FMH. Lisboa.
- UNESCO. (2006). *Roteiro para a Educação Artística*. Desenvolver as Capacidades Criativas para o Século XXI. Lisboa: Comissão Nacional da UNESCO. Consultado em: <https://crispasuper.files.wordpress.com/2012/06/roteiro2.pdf>
- UNESCO. (2007). *Relatório de Lupwishi Mbuyamb*. Sessão de encerramento da Conferência Mundial de Educação Artística: Desenvolver as capacidades criativas para o século XXI. Lisboa: Comissão Nacional da UNESCO. Consultado em: <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/1436/7/I.Doc2.%20Confer%C3%AAncia%20Mundial%20Sobre%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Art%C3%ADstica.pdf>
- Vala, J. (1986). A análise de conteúdo. In A. S. Silva & J. M. Pinto (Eds.), *Metodologia das Ciências Sociais* (pp. 101-126). Porto: Ed. Afrontamento.

Verderi, E.B. (2009). *Dança na escola: uma abordagem pedagógica*. Phorte: São Paulo.

Vieira, N. & Leite, O. (1998). O processo de criação coreográfica - criatividade. In A. Macara (Ed.), *Continentes em Movimento. Actas da Conferência “Novas Tendências no Ensino da Dança”* (pp. 236-238). Cruz Quebrada: FMH edições.

Vitorino, M. (2001). *Dança: Orientações curriculares - 3º ciclo do ensino básico: documento experimental*. Lisboa: Departamento da Educação Básica. Consultado em: <https://myesecweb.esec.pt/pagina/cdi/ficheiros/docs/Danca.pdf>

ANEXOS

PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA RECOLHA DE DADOS

Exma (o) Sr.(ª) Entrevistada (o)

Eu, José Hugo de Sousa Cruchinho, aluno do Mestrado em Educação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, venho por este meio solicitar a sua autorização para a recolha de imagem e som (gravação da entrevista) da sua pessoa, bem como a divulgação do seu nome, no âmbito da recolha de dados relativos à investigação que estou a desenvolver para obter o grau de Mestre. Comprometendo-me que a utilização dos dados recolhidos, servirão única e exclusivamente para fins académicos, estando assim sua privacidade assegurada.

O Mestrando:

PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA RECOLHA DE DADOS

Autorizo a minha recolha de imagem e som durante a entrevista

Autorizo expressamente a divulgação do meu nome, para efeitos desta investigação

Assinatura da(o) entrevistada(o):

GUIÕES DAS ENTREVISTAS POR GRUPOS

Guião de Entrevista 1 – Profissionais de Educação

- 1- Qual é, para si, o conceito de Educação Artística?
- 2- Tendo em conta a sua perceção, acha que as crianças têm acesso à Educação Artística?
- 3- Qual é a sua opinião acerca da abordagem da Educação Artística nos jardins de infância e escolas?
- 4- O que é, para si, a Dança e o que significa?
- 5- Na sua perspetiva, que papel pode ou deve ter a Dança no jardim de infância?
- 6- Considera que é valorizada nos documentos curriculares? E nas instituições? O que é isso de ser valorizada?
- 7- Na sua escola, qual o lugar da dança? Faz parte da oferta curricular?
- 8- Na sua atividade profissional, procura dinamizar atividades de dança? Pode-nos falar um pouco, caso dinamize, dando alguns exemplos, por favor?
- 9- Há esforços para promover a Dança na instituição? Se sim, que tipo de esforços, a que nível. Poderia dar alguns exemplos por favor?
- 10- Considera que a dança deveria ser introduzida logo desde a Educação de Infância? Porquê? Quais os principais argumentos que defenderia?

Guião de Entrevista 2 – Profissionais de Dança

- 1- Qual é, para si, o conceito de Educação Artística?
- 2- Qual a sua perceção acerca do acesso das crianças à Educação Artística?
- 3- Qual é a sua opinião acerca da abordagem da Educação Artística nas instituições educativas?
- 4- O que é, para si, a Dança e o que significa?
- 5- Na sua perspetiva, que papel pode ou deve ter a Dança nas escolas?
- 6- Na sua atividade profissional, já ensinou dança nas escolas? Fale-nos da sua experiência.

- 7- Acha que as escolas do concelho reúnem condições adequadas para oferecer a dança como expressão artística? E o que quer dizer para si, as condições adequadas, poderia desenvolver um pouco, por favor?
- 8- Há esforços para promover a Dança na sua instituição? Se sim, que tipo de esforços, a que nível. Poderia dar alguns exemplos por favor?
- 9- Considera que a dança deveria ser introduzida logo desde a Educação de Infância? Porquê? Quais os principais argumentos que defenderia?

Guião de Entrevista 3 – Representante da Autarquia

- 1- Qual é, para si, o conceito de Educação Artística?
- 2- Qual a sua perceção acerca do acesso das crianças à Educação Artística?
- 3- Qual é a sua opinião acerca da abordagem da Educação Artística nas instituições educativas?
- 4- O que é, para si, a Dança e o que significa?
- 5- Na sua perspetiva, que papel pode ou deve ter a Dança nas escolas?
- 6- Que papel tem desenvolvido a autarquia na promoção da dança no concelho? Que tipo de esforços, a que nível. Poderia dar alguns exemplos por favor?
- 7- Acha que as escolas do concelho reúnem condições adequadas para oferecer a dança como expressão artística? E o que quer dizer para si, as condições adequadas, poderia desenvolver um pouco, por favor?
- 8- Considera que a dança deveria ser introduzida logo desde a Educação de Infância? Porquê? Quais os principais argumentos que defenderia?

TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

Entrevista 1 – Profissional de Educação 1

Dr^a Fernanda Sá – Coordenadora da EPE e 1º CEB do Agrupamento de Escolas da Abelheira

Local: Via Zoom (Online)

Data: 13/04/2021

Duração: 13 min 28 s

Qual é, para si, o conceito de Educação Artística?

R: É a educação através da arte e que pode ter várias vertentes, a expressão plástica, a expressão musical, a expressão dramática, a dança, a expressão física e motora, ou seja, todas as expressões que envolvam os órgãos dos sentidos e a criatividade.

Tendo em conta a sua perceção, acha que as crianças têm acesso à Educação Artística?

R: As de Jardim de Infância tem, porque estão numa idade em que o desenvolvimento delas passa muito pelo jogo simbólico e automaticamente elas para se desenvolverem tem de ser através do jogo simbólico que também interfere com todo o desenvolvimento de todo o tipo de expressões artísticas. E elas ao se expressarem também se vão desenvolvendo, mas também com atividades enriquecedoras e motivadoras para que as levem a desenvolver.

Então na sua opinião acha que sim, que tem acesso?

R: Falando como Educadora de Infância sim, acho que sim. No Jardim de Infância muito mais.

Mais do que no 1º ciclo?

R: Eu não sou professora do 1º ciclo, tenho experiência como coordenadora. No 1º ciclo também, até porque no 1º ciclo está contemplada no currículo a área das expressões e agora até existem provas de aferição a nível das expressões artísticas.

Qual é a sua opinião acerca da abordagem da Educação Artística nos jardins de infância e escolas?

R: Acho que é uma abordagem com uma grande amplitude, porque tudo passa pela criatividade e pela exploração de atividades de expressão para desenvolver o desenvolvimento harmonioso da criança. Todo o tipo de expressões, desde a verbal, a dramática, etc., passa tudo por aí, de uma forma interdisciplinar, articulada e harmoniosa.

O que é, para si, a Dança e o que significa?

R: A dança é uma componente de expressão artística e corporal. Em que pode estar também a parte musical, porque para se dançar, na minha opinião, tem de se interiorizar e ter uma certa musicalidade e exprimir com sentimento o que lhe vai na alma.

Na sua perspetiva, que papel pode ou deve ter a Dança no jardim de infância?

R: É muito importante porque a criança pode exprimir o que lhe vai na alma, os seus sentimentos, pode desenvolver toda a parte de movimento lacto e até mais específico, de destreza fina, e pode exteriorizar sentimentos. Para mim é muito importante, sempre gostei muito de dança e acho que é bom contemplar a dança no Jardim de Infância e em todo o ensino-aprendizagem.

Considera que é valorizada nos documentos curriculares? E nas instituições? O que é isso de ser valorizada?

R: Valorizada é ser contemplada nas planificações, nas atividades e estar no currículo. A dança está nas orientações curriculares, e depois cada Educador também tem que valorizar, ao valorizar está a contemplar no projeto curricular de grupo e nas planificações semanais ou trimestrais ou anuais.

Na sua escola, qual o lugar da dança? Faz parte da oferta curricular?

R: É assim, nós no Pré-escolar, cada Educador atendendo às necessidades e interesses de cada criança elabora o seu projeto curricular de grupo, por isso cada um tem alguma liberdade de escolha daquilo que vai desenvolver com o grupo de crianças. À parte disso, todos os anos temos uma parceria com a Câmara Municipal e com a Escola de Música de Viana, onde há

uma professora de música que trabalha muito as músicas, com danças e com a expressão corporal. E depois independentemente disso, cada Educador também trabalha as danças.

E no 1º ciclo?

R: No 1º ciclo também temos essa parceria, este ano não por causa da pandemia, mas também costumamos ter essa parceria, e há um professor de música que também trabalha canções e danças de roda com o 1º ciclo, também temos.

Na sua atividade profissional, procura dinamizar atividades de dança? Pode-nos falar um pouco, caso dinamize, dando alguns exemplos, por favor?

R: É assim, eu há já bastantes anos que não tenho grupo de crianças, mas nos anos que trabalhei com crianças, se não fosse a dança propriamente dita, pelo menos a música, que eu valorizo muito, porque gosto muito de música. Para estudar ponho música, chego a casa meto música e gosto de dançar, sempre estive no meu espírito, porque acho que cativa muito, a dança e a música, e dá bom ambiente e torna as pessoas mais felizes.

Então, enquanto coordenadora também valoriza as artes e neste caso a dança?

R: Sim, sim, completamente.

Há esforços para promover a Dança na instituição? Se sim, que tipo de esforços, a que nível. Poderia dar alguns exemplos por favor?

R: É assim, lá está, a dança só por si não, a dança com a música sim. A dança faz sempre parte da expressão musical ou então da expressão dramática, a dança está sempre associada a uma expressão. Nos outros ciclos mais acima sim, há um grupo só mesmo de dança, mas depois dentro da dança também há outros tipos de dança, não é? Pode haver o folclore, as danças latinas, as danças de roda.

Então considera que a dança está associada às outras expressões, ou seja, não tem autonomia, não é uma disciplina própria?

R: Não. Faz parte da expressão. Ou melhor, as expressões estão todas interligadas, é

interdisciplinar.

Considera que a dança deveria ser introduzida logo desde a Educação de Infância?

Porquê? Quais os principais argumentos que defenderia?

R: Sim. Lá está, continuo a dizer o mesmo, a dança para mim já está no Pré-escolar, mas de forma interdisciplinar.

Muito bem, mas como existe a música, as artes visuais e a expressão dramática, acha que também deveria haver a dança por si só?

R: Para mim no Pré-escolar, não se pode compartimentar nada, é tudo de uma forma interdisciplinar, interligada, tipo projeto e depois vai-se buscar, imaginemos que vamos fazer um teatro, se tiver dança, se tiver música, se tiver um cenário para se construir, podemos fazer tudo de uma forma interdisciplinar.

Então acha que na Educação Pré-escolar, as artes são todas importantes e que nenhuma é mais importante que outra?

R: Para mim não, para mim é tudo importante. Todas tem o seu lugar.

Entrevista 2 – Profissional de Educação 2

Educadora Graça Cavaleiro – Jardim de Infância de Monserrate

Local: Via Zoom (Online)

Data: 13/04/2021

Duração: 22 min 50 s

Qual é, para si, o conceito de Educação Artística?

R: A educação artística acompanha no fundo a vida da pessoa, porque todas as pessoas mesmo que não achem, tem sempre uma veia artística, eu considero que sim, desde pequeninos. Uns tem mais jeito para uma coisa do que outros, uns tem mais jeito para a dança, outros para a música, outros para outras. De qualquer maneira, penso que toda a gente tem a sua veia artística, portanto em pequeninos devemos cultivar isso. Não quer dizer que todos vão ser artistas, não é nesse sentido, mas poderem exteriorizar emoções, porque a parte artística tem

um papel muito importante a esse nível, no exteriorizar de emoções e mesmo nos adultos, no libertar do stress do dia-dia, e nos pequeninos dando-lhes a oportunidade de fazerem novas experiências, estão sempre a experimentar, porque eles são muito ativos, e tudo o que seja explorar é agradável para eles. E depois a dança e a música em si também têm uma influência muito grande na parte cognitiva, são dois estimuladores muito grandes, estimuladores para a vida. Portanto, considero que a educação artística é o educar através da arte, pode ser a dança, a música, a expressão dramática ou até as artes plásticas.

Eu como educadora, na minha atividade profissional, noto que todas essas vertentes artísticas ajudam muito na apropriação da realidade, assim como também na exteriorização das tais emoções e ao mesmo tempo aprendem imenso ao nível da linguagem, é super importante, ao nível da socialização também, portanto é global, apoia o desenvolvimento global da criança. E é engraçado, que há crianças muito tímidas, que expostas a estas situações de arte, acabam por se revelar, às vezes as mais tímidas que nos imaginamos que não vão reagir bem aos estímulos, são as que melhor correspondem.

Tendo em conta a sua perceção, acha que as crianças têm acesso à Educação Artística?

R: Depende muito dos meios. Eu agora trabalho no meio urbano, trabalhei na aldeia muitos anos, claro que os miúdos daqui da cidade tem mais acesso, andam na dança, muitos andam no Hip-Hop, na música também. Enquanto que na aldeia há mais condicionalismos, não há tanta oferta, depois os horários, a distância, tudo isso condiciona.

E na Educação Pré-escolar, acha que todos os alunos têm acesso à Educação Artística?

R: Não, claro que não. Nós na minha escola, trabalhamos com uma realidade um bocadinho particular, são pessoas que vem de outros países, temos muitos meninos brasileiros e de outras nacionalidades, são pessoas que ainda se estão a integrar, que estão a reiniciar a sua vida. Na minha turma tenho essa realidade, e durante estes anos todos, tenho tido um bocadinho dessa realidade e não é fácil, porque nestes meninos não entra como primeira necessidade digamos assim, por isso é que a escola tem e deve ter um papel fundamental, tudo que nós pudermos oferecer de forma gratuita, porque estão numa escola pública, nós fazemos. Mesmo a dança é uma iniciativa da Associação de Pais, os pais até podem oferecer algo como donativo, mas

não tem qualquer obrigatoriedade de pagamento e todas as crianças que ficam nesse espaço, nesse momento, no prolongamento de horário, tem acesso neste caso à dança, uma vez por semana na nossa escola.

Qual é a sua opinião acerca da abordagem da Educação Artística nos jardins de infância e escolas?

R: A abordagem penso que é sempre que é necessário, sempre que é oportuno, sempre que é planificado, porque faz parte das Orientações Curriculares da Educação Pré-escolar, a dança, a música, o teatro e, portanto, sempre que há oportunidade. E é também uma oportunidade das temáticas que nós abordamos serem abordadas de uma maneira mais lúdica, mais apelativa, mais dinâmica porque os meninos aprendem a fazer, portanto através da ação é que eles fazem a aprendizagem. E nós lidamos com uma idade que é muito ligada à manipulação, ao vivenciar em primeira pessoa, quer com as artes, quer com os contextos, sempre que a arte pode ser desenvolvida nos contextos próprios, nós apostamos muito nisso. Neste momento é diferente, por causa da pandemia e momento que estamos a passar, mas sempre que podemos ir ao teatro, vamos ao teatro, e sempre que podemos também ter pessoas externas, a desenvolver esse tipo de atividades também o fazemos, convidamos, porque é importante diversificar e dar oportunidades.

O que é, para si, a Dança e o que significa?

R: Vou ser muito sincera, eu não tenho jeito nenhum para a dança, agora acabo por sentir um bocadinho do efeito da dança através dos outros. Se tiver num espaço, onde vejo pessoas a dançar, que dançam com vontade, com entusiasmo, eu adoro. Agora, eu própria, experimento, mas não sou uma pessoa muito dada a essa área, agora que realmente é bom, é, ficamos sempre bem-dispostos, porque acaba por ser libertadora.

Mas na sua opinião, o que é a dança?

R: A dança é uma forma de arte, sobretudo, e é uma forma de exprimir sentimentos também, através do movimento.

Na sua perspetiva, que papel pode ou deve ter a Dança no jardim de infância?

R: Para além de ser um subdomínio que temos de desenvolver, pois faz parte das OCEPE (Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar), é muito mais do que isso, é uma ferramenta e uma estratégia de trabalho também, por há muitos conteúdos que podemos desenvolver através da dança e todas as áreas se interligam. Porque por exemplo, se nós estivermos a trabalhar a dança, a parte da socialização está implícita, então se for uma dança a pares, ou mesmo que seja uma dança de roda ou mesmo em grupo num espaço comum, portanto essa vertente está sempre a ser desenvolvida e depois a parte da motricidade também está associada, e acho que através de uma dança podemos desenvolver muitas coisas. Muitas vezes queremos trabalhar o corpo humano, então recorremos a uma dança, a uma música e articulamos a música com o movimento e aí estamos a trabalhar os aspetos do corpo humano que queremos, através da dança também. E é muito melhor, porque eles podem perceber como mexem as mãos, como mexem os pés ou como mexem a cabeça.

Considera que é valorizada nos documentos curriculares? E nas instituições? O que é isso de ser valorizada?

R: Dar o devido interesse e a devida importância que tem. Eu acho que sim, neste momento acho que sim, sobretudo pelos educadores. Até porque nós temos de fazer uma planificação e ela está sempre contemplada.

Na sua escola, qual o lugar da dança? Faz parte da oferta curricular?

R: Se for espontâneo pode ocorrer na sala de atividade, mas temos sempre o ginásio no nosso guia de motricidade que está marcado para a Educação Física e aí temos o ginásio, um espaço próprio para a desenvolver. O que não impede que também não se faça ao ar livre também. Nós também temos de ter imaginação para adequar a dança ao espaço e ao momento. Para além disso, existe a oferta de dança por parte da Associação de Pais e é uma grande mais-valia para a escola. Acontece duas vezes por semana, mas cada aluno só tem uma vez por semana, como era um grupo enorme porque são duas salas de prolongamento de horário, dividimos em dois grupos. Então há terça fazem uns meninos e na quinta os outros meninos, de várias idades.

E os alunos gostam dessa atividade e dessa oferta?

R: Os meninos gostam muito e como estão muitas vezes, tensos, ao fim do dia, acaba por ser um momento libertador e que eles aderem muito bem e que corre mesmo muito bem.

Na sua atividade profissional, procura dinamizar atividades de dança? Pode-nos falar um pouco, caso dinamize, dando alguns exemplos, por favor?

R: Sempre que dinamizo Educação Física, não sempre, mas tento meter de longe a longe uma atividade de dança. As mais recorrentes são as danças de roda que nós usámos muito com os miúdos. Também, um bocadinho associado ao que passa no prolongamento de horário, eu muitas vezes observo e também tento incluir alguns passos de Hip-Hop que os miúdos aderem muito bem e já estão habituados. E depois também naquelas situações de aula que falei anteriormente, em que se articula a dança com aprendizagem do corpo humano ou nas dramatizações que fazemos, muitas vezes também há momentos de dança na própria dramatização, o que é muito interessante. Uma história com animais imaginemos, a dada uma altura os animais dançam, então fazemos uma pequena coreografia para associar à história e é giro.

Há esforços para promover a Dança na instituição? Se sim, que tipo de esforços, a que nível. Poderia dar alguns exemplos por favor?

R: É assim, a nível de som estamos mal, porque tínhamos um sistema de som muito bom na escola toda, em que dava para ouvir o som em vários espaços, avariou e não arranjaram.

Mas fora os recursos materiais, considera que na sua instituição dão valor à dança?

R: Dão valor sim, dão sim senhor. No geral, as colegas, refiro-me às colegas, sim, valorizam. E depois às vezes há umas assim mais aventureiras e acho que é uma coisa muito interessante, apostar no folclore também. Já tivemos situações também de fazer as ditas marchas de São João, portanto ir sempre buscar um bocadinho da tradição também associada à dança que é muito importante, não perder as raízes. E pronto, fazemos assim um bocadinho de tudo.

Então acha que existe uma articulação de esforço entre as educadoras e a Associação de Pais e da Direção também?

R: Acho que sim, existe esforço para valorizar essa área.

Considera que a dança deveria ser introduzida logo desde a Educação de Infância? Porquê? Quais os principais argumentos que defenderia?

R: Na Educação Pré-escolar ela não está esquecida à partida, ela faz parte das Orientações Curriculares, depois depende das Educadoras em si.

Sim é verdade, mas considera que deveria ser introduzida como uma disciplina?

R: Sim, acho que sim. Como há a Educação Física, poderia haver a dança, acho que sim. E pelo menos havia mais equidade, porque há muitas crianças que gostariam de ter acesso e não podem por determinadas razões e havendo na escola pública seria muito bom. Até porque nós sabemos que a atividade física em geral e as artes, influenciam a parte cognitiva, e havendo mais momentos desses e se a parte curricular fosse mais preenchida pela Educação Artística de certeza que as crianças dariam outro tipo de resposta na aprendizagem formal, ou seja, nas outras disciplinas. Porque estou convencida que eles precisam de mais momentos libertadores com atividades que trabalhem a concentração e a parte cognitiva e nisso a Educação Artística em geral é ótima. Mas por exemplo, com a música existe um protocolo há já alguns anos, entre a Câmara Municipal e a Academia de Música de Viana e por acaso penso que poderia haver um protocolo desse género com a dança, porque penso que nós nos esforçamos, mas não é a mesma coisa do que ter pessoas formadas nessa área, assim como na música, em que nós trabalhamos a música, mas ao termos uma professora de música mesmo, vemos que os miúdos desenvolvem muitíssimo mais, porque ela trabalha questões que nós estamos limitadas, o mesmo acontece na dança, por muito que queiramos e gostemos, e por mais que haja umas colegas que tem mais jeito que outras e trabalhem mais, não é a mesma coisa que um professor formado nessa área e por isso acho que seria ótimo haver um protocolo por parte da Câmara também para a dança, até porque as crianças que usufruem da oferta de dança do prolongamento de horário na nossa escola, não perfazem o número total de crianças e sem ser desta forma, muitas crianças não tem acesso a este tipo de atividades. Acho que seria uma grande aposta.

Entrevista 3 – Profissional de Educação 3

Educadora Manuela de Sousa Cameira – Jardim de Infância de Vila Nova de Anha

Local: Via Zoom (Online)

Data: 14/04/2021

Duração: 13 min 33 s

Qual é, para si, o conceito de Educação Artística?

R: É um conceito muito abrangente e uma componente trabalhada diariamente no Jardim de Infância. Para mim Educação Artística é desenvolver a criatividade, é deixar as crianças experimentarem livremente as várias correntes artísticas, a dança, a música, as artes plásticas a dramática, ou seja, diria que é educar e desenvolver através das artes.

Tendo em conta a sua perceção, acha que as crianças têm acesso à Educação Artística?

R: No Jardim de Infância penso que sim, é uma área muito desenvolvida, e nas famílias também, muitas crianças andam na dança, andam na música, agora claro que nem todas tem as mesmas condições, mas considero que pelo menos no Jardim de Infância têm.

Qual é a sua opinião acerca da abordagem da Educação Artística nos jardins de infância e escolas?

R: Acho que é uma área muito desenvolvida e que se valoriza imenso, acho que todas as Educadoras têm um foco no desenvolvimento das crianças através das artes, podem daí depois partir para outras áreas, para a matemática, para a linguagem, mas é muito através das artes que se chega a essas áreas também, no sentido em que está sempre tudo articulado e tudo funciona de uma forma interligada.

O que é, para si, a Dança e o que significa?

R: A dança para mim é uma expressão artística de movimento e de liberdade. As crianças gostam muito e aderem espontaneamente e livremente à mesma, e considero que a dança é uma área muito importante no desenvolvimento das crianças e dos indivíduos.

Na sua perspetiva, que papel pode ou deve ter a Dança no jardim de infância?

R: Um papel muito importante, porque é algo que é inerte nas crianças. Uma criança por muito pequenina que seja, se ouve uma música, começa logo a dançar e se isso foi desenvolvido vai ajudar muito a que a criança se desenvolva imenso através dessa área, nomeadamente os órgãos dos sentidos, a parte criativa e cognitiva e também a físico-motora e a social.

Considera que é valorizada nos documentos curriculares? E nas instituições? O que é isso de ser valorizada?

R: Recentemente houve uma reformulação nas Orientações Curriculares da Educação Pré-escolar, e agora existe na Área de Conteúdo da Expressão e Comunicação, o domínio da Educação Artística, onde a dança e as restantes artes foram incluídas e até saíram brochuras referentes a esse domínio, por isso, sim, considero que neste momento é mais valorizada a nível curricular na Educação Pré-escolar.

Na sua escola, qual o lugar da dança? Faz parte da oferta curricular?

R: A dança faz parte do domínio da Educação Artística e por isso costumamos trabalhar a dança e as restantes artes no nosso dia-dia. Agora, na nossa escola para além disso, o que existe é um projeto, mas na área da música, derivado de um protocolo entre a Câmara Municipal e a Academia de Música, mas este ano por causa da pandemia foi suspenso. Mas é um projeto muito bom, onde uma professora de música vai à nossa escola, uma vez por semana e dá uma aula de uma hora a cada uma das nossas três turmas, trabalhando a parte musical, instrumental e também uma parte corporal.

Na sua atividade profissional, procura dinamizar atividades de dança? Pode-nos falar um pouco, caso dinamize, dando alguns exemplos, por favor?

R: Sim. Como disse, na Educação Pré-escolar, tudo funciona de forma articulada. Por exemplo, a canção dos bons dias, é uma canção de movimento, em que eles iniciam logo o dia com movimento, a dançar e a cantar.

Há esforços para promover a Dança na instituição? Se sim, que tipo de esforços, a que nível. Poderia dar alguns exemplos por favor?

R: Sim há. No nosso Agrupamento, na Escola Zaida Garcês, existe um projeto artístico, como é um meio mais desfavorecido, em que os miúdos não têm muita facilidade nas aprendizagens formais no 1º ciclo e no Pré-escolar, mas sobretudo no 1º ciclo, foi trabalhado um projeto das artes e esses miúdos tiveram mais aprendizagens e avaliação nas artes. Em que podem não ser muito bons a matemática ou a português, mas podem ser bons nas artes e foram muito trabalhadas as expressões artísticas e sobretudo a dança e a música, até porque existe uma grande comunidade cigana. Foi um projeto mesmo muito bom.

Considera que a dança deveria ser introduzida logo desde a Educação de Infância? Porquê? Quais os principais argumentos que defenderia?

R: Claro que sim. É quando as crianças estão predispostas para as expressões artísticas, para as aprendizagens e é algo que as motiva muito. Para além de que é a idade crucial no seu desenvolvimento motor, criativo, cognitivo e social.

Entrevista 4 – Profissional de Dança 1

Prof. Marta Cavaleiro – Diretora e Professora de dança da Open Dance School

Local: Via Zoom (Online)

Data: 15/04/2021

Duração: 18 min 10 s

Qual é, para si, o conceito de Educação Artística?

R: É utilizar as formas artísticas, seja ela dança, música, teatro, artes plásticas, no contexto de educação, ou seja, no contexto de ensino. Diria que é educar através da arte.

Qual a sua perceção acerca do acesso das crianças à Educação Artística?

R: Penso que o acesso ainda é muito pequeno, ainda é muito restrito e muito pouco valorizado.

Qual é a sua opinião acerca da abordagem da Educação Artística nas instituições educativas?

R: Já se vai vendo, já se vê iniciativa para que as coisas apareçam, mas normalmente isso parte sempre pela iniciativa ou de uma Educadora, ou de uma Associação de Pais que tem

vontade de dar acesso às crianças à arte, e portanto, ainda não parte de um meio superior, logo considero que é uma questão de sorte. Se numa escola houver Educadoras que procurem e tenham vontade, isso acontece, se não, isso não acontece nem vai acontecer.

O que é, para si, a Dança e o que significa?

R: Essa é difícil! Para mim, a dança sou eu, portanto não existe Marta sem dança. Mas isso tem a ver com o meu percurso, eu trabalhei e dediquei uma vida inteira a esta forma de arte.

Mas se tivesse que definir dança, como a definiria?

R: A dança é uma expressão artística que utiliza o corpo e o movimento como forma de expressão, seja de sentimentos, seja uma história, seja o que for.

Na sua perspetiva, que papel pode ou deve ter a Dança nas escolas?

R: Penso que a dança pode ter um papel fundamental no contexto escolar. No sentido em que pode e deve ter um papel no desenvolvimento integral das crianças e também um papel como complemento/ferramenta à formação curricular das crianças, havendo uma interdisciplinaridade, ao articular a dança com as outras áreas curriculares. Acho que seria muito interessante e uma grande mais-valia para todas as crianças e jovens.

Na sua atividade profissional, já ensinou dança nas escolas? Fale-nos da sua experiência.

R: Já, já ensinei a diferentes faixas etárias. Já ensinei um ano letivo inteiro, como já ensinei aulas esporádicas, como por exemplo no Dia Mundial da Criança ou outros dias especiais. Correu sempre muito bem, foi sempre muito recetivo por parte das crianças, ou seja, eu via que as crianças realmente gostavam e aproveitam, conseguia ver evolução, eu própria tentava saber que temas e conceitos é que eles estavam a abordar na altura e tentava encontrar atividades e exercícios que articulassem a dança a esses mesmos temas. O que eu senti sempre foi que havia sempre um distanciamento, no sentido em que as atividades não eram realmente aproveitadas, ou seja, senti que era apenas uma atividade que a professora vai a uma escola, entretém as crianças e vai-se embora, é o que eu sinto por parte das escolas. E acho que poderia ser realmente aproveitado, se houvesse essa interdisciplinaridade, ou seja, um processo, um todo, e não apenas a intenção de entretenimento. Aconteceu uma vez para a festa final de

ano, haver um tema e cada expressão artística e atividade extracurricular abordava esse mesmo tema, mas nunca passou disso. Portanto, o que houve foi sempre a partir do meu interesse em buscar conceitos que as crianças tivessem há aprender.

E a sua experiência foi em que ciclo de estudos? Escola pública ou privada? Em horário normal ou extracurricular?

R: Tanto foi em pública como em privada, ou semiprivada, IPSS. Foi quase sempre como atividade extracurricular, exceto quando dei uma vez num colégio privado, mesmo como disciplina, mas era o módulo de expressões, não era só e especificamente dança, mas aí sim fazia parte do currículo. E tive também uma experiência num projeto na Educação Pré-escolar, que tinha a ver com a Autarquia de Ponte de Lima, em que umas Educadoras de uma escola de uma aldeia de Ponte de Lima me chamaram, porque lá está, as crianças não tinham acesso a praticamente nada, foi um ano letivo inteiro, e aí penso que elas enquadraram mesmo o projeto na parte curricular, mas de resto foi sempre como extracurricular e sobretudo em Infantários. Cheguei a lecionar no 1º ciclo, mas maioria foi mesmo em Infantários.

Acha que as escolas do concelho reúnem condições adequadas para oferecer a dança como expressão artística? E o que quer dizer para si, as condições adequadas, poderia desenvolver um pouco, por favor?

R: Não conheço todas as escolas, mas de uma forma geral penso que sim, que é perfeitamente viável. Quase todas as escolas têm um pavilhão, um aparelho de som também acho que sim, se bem que nós professores já estamos habituados a andar com a nossa coluna portátil para trás e para a frente, por isso acho que não haveria esse problema. Portanto, acho que sim, que há condições e lá está, as crianças realmente gostam da atividade da dança e não é só as meninas, os meninos também tem muito interesse na atividade. Sendo assim, acho que só falta apoios e recursos humanos.

Há esforços para promover a Dança na sua instituição? Se sim, que tipo de esforços, a que nível. Poderia dar alguns exemplos por favor?

R: Sim. Nós tentámos sempre levar a dança ao contexto escolar ou mesmo à cidade, nós participámos sempre que há um dia especial, nas escolas fazemos voluntariado, vamos e

participámos, damos aulas aos alunos, fazemos pequenas mostras de coreografias, também já fizemos em algumas escolas aqui em Viana. Costumámos participar em eventos da Câmara Municipal, eventos das Freguesias, portanto nós estamos sempre disponíveis para levar a dança a toda a gente. Para além disso, fazemos espetáculos, dirigimo-nos a locais para lecionar aulas também, como por exemplo as Férias de Verão da Câmara, dinamizámos workshops e formações, levámos a dança e a cidade de Viana do Castelo, através das competições em que participámos, ou seja, damos a conhecer a nossa escola e a nossa cidade a nível nacional e mesmo internacional, portanto nós tentámos ser muito dinâmicos e fazemos diversas ações para divulgar a dança.

Considera que a dança deveria ser introduzida logo desde a Educação de Infância? Porquê? Quais os principais argumentos que defenderia?

R: Sem dúvida que sim, porque a dança é um fator de globalização a todos os níveis, ou seja, a dança desenvolve a nível motor, a nível psicológico, a nível cognitivo e criativo, a nível social, acho que só traria benefícios e vantagens se as crianças tivessem acesso à dança, acho que o desenvolvimento delas, o estímulo, ia ser muito maior e lá está, também tem a ver com oportunidades, eu tenho uma escola de dança, tenho crianças pequenas, mas infelizmente nem todas podem vir para a minha escola e pagar uma mensalidade, e isso seria uma forma de dar acesso a todas as crianças de participar e usufruir desta atividade tão enriquecedora.

E na sua opinião, porquê na Educação Pré-escolar?

R: Porque é nessas idades que tudo começa, porque os estímulos devem ser introduzidos antes dos seis anos de idade e porque o desenvolvimento integral das crianças destas idades é super importante e depois no 1º clico deve-se continuar a desenvolver competências.

Entrevista 5 – Profissional de Dança 2

Anónima – Professora Universitária da área da Dança

Local: Via Zoom (Online)

Data: 16/04/2021

Duração: 36 min 47 s

Qual é, para si, o conceito de Educação Artística?

R: Educação artística é uma vertente, em que existe um bocadinho esta distinção e numa educação ideal não haveria esta distinção entre educação artística e “educação académica”. Mas para mim educação artística representa uma educação que trabalha as áreas culturalmente mais próximas do que são trabalhadas na arte, como sejam o canto, a música, a dança e outras, as expressões artísticas. E esta educação para mim tem algumas características diferentes pela própria produção artística. Considero que a educação artística promove um pensamento diferenciado da outra formação por oposição à não artística, ou seja, o ensino artístico trata de áreas que apelam bastante ao pensamento divergente dos seus praticantes, e esse pensamento é muito importante, tal como a criatividade, o conseguir ter uma visão abrangente, a qual só a temos se tivermos várias perspetivas e para as termos é necessário ter o tal pensamento divergente. Portanto a educação artística tem sempre esta noção de ter um pensamento divergente, que é o que eu penso que é o DNA, a identidade da educação artística.

Qual a sua perceção acerca do acesso das crianças à Educação Artística?

R: Como sabe eu penso mais sobre a dança do que as restantes expressões, portanto vou-lhe dar a minha perspetiva mais da dança. Os seres humanos dançam, porque é um comportamento que faz parte do ser humano, com o qual ele nasce, é um comportamento inato. Nesse sentido, os seres humanos expressam-se e a educação artística está um bocado fora da escola formal e está um bocadinho mais nas atividades extracurriculares. Portanto, todas as famílias valorizam que as meninas devem ir para a dança, já não valorizam tanto os meninos vão para a dança, mas já está cada vez mais aberto e a noção de dança criativa está a ganhar terreno devagar, mas a que está a ganhar terreno facilmente é a dança contemporânea, então conteúdos mais criativos estão a entrar na dança contemporânea e ela está se a

aproximar do ensino artístico. Em termos formais, o ensino artístico só acontece no Secundário, julgo eu, é onde existe essa possibilidade de ter uma educação formal artística, com a aproximação às escolas de música que é aquela arte que está mais desenvolvida, a música e o canto, mas o canto pouco, e a música com os instrumentos é a que está mais desenvolvida. A da dança, é o parente pobre, é a que está menos desenvolvida. Porquê? Porque, na minha perspetiva, como é um comportamento inato, toda a gente acha que sabe dançar e portanto, não procura fazer uma dança mais formal, ir para a educação artística, porque de certo modo todos sabemos dançar um bocadinho, já tocar um instrumento não é a mesma coisa, todos sabemos cantar, fazer música, mas tocar um instrumento “ai isso precisa de técnica”, mas para dançar não se procura a técnica.

Mas considera que todas as crianças da Educação Pré-escolar e até 1º ciclo do Ensino Básico tem acesso à Educação Artística em contexto escolar?

R: Que deveriam ter? Sim. Mas acho que não têm. A educação que têm é muito diferenciada, acho que o que vai havendo é as meninas que vão para as escolas de dança e que têm o ballet, quando são mais novas e de forma informal, na adolescência já há mais aproximação dos rapazes com o Hip-Hop e com a dança contemporânea, mas na realidade, a dança criativa, como sei que nós os dois defendemos, deveria ser bastante mais cedo. Assim com existe a noção de haver a Educação Física, eu acho que a dança criativa serve as artes, neste caso do movimento, podia-se até fazer uma dança criativa mais próxima do teatro, e mesmo das outras artes, de maneira a ter um currículo que seria oferecido a todos os seres humanos, neste caso às crianças e jovens.

Qual é a sua opinião acerca da abordagem da Educação Artística nas instituições educativas?

R: Para ser sincera o conhecimento que tenho é esporádico, tenho mais conhecimento do ensino artístico especializado e sei que estão a abrir muitas escolas. Acho que contribuiu a cultura democratizar mais um pouco a dança, antigamente era mais elitista, agora está mais democratizada, mas não sei bem dizer como está a funcionar. A ideia que tenho é que as escolas de ensino artístico especializado, estão a tentar abrir cursos de formação para faixas etárias e têm tido alguma dificuldade.

Mas se não se prender tanto na dança, mas na educação artística na sua generalidade, como considera a sua abordagem nas escolas?

R: Considero que está mais acessível do que era há alguns anos, está-se a diversificar, mas na minha perspetiva ainda está muita pressa às técnicas e à aprendizagem da técnica e devia estar mais centrada na aprendizagem dos processos de composição e criativos.

O que é, para si, a Dança e o que significa?

R: Está é muito difícil! Ora bem, entendo a dança como uma atividade muito completa, como eu já disse, considero que nós nascemos com esse DNA inscrito, de nos querermos mover com um certo ritmo. Portanto, eu entendo-a como sendo uma atividade que para mim fez sempre sentido e que sempre quis desenvolver mais e mais. Cresci numa perspetiva em que existia o professor, o mestre discípulo, em que o professor não deixava que o aluno dissesse que era aluno dele, porque no corpo está inscrito todas as formas de aprender com aquele professor, e eu cresci a não querer essa perspetiva da dança e a pensar e dizer que tudo o que eu aprendesse sobre dança, queria transmitir a toda a gente. E, portanto, eu sou uma apaixonada por divulgar toda a informação que eu tenho da dança.

E em termos conceituais, se a tivesse que a definir, como a definiria?

R: É uma atividade humana com uma perspetiva em que pode assumir-se como uma perspetiva artística, uma perspetiva mais de bem-estar, sobretudo estas duas, pode ter outras, mas sobretudo estas duas perspetivas são aquelas que acho que são mais preponderantes. É uma atividade que trabalha muitas competências, tanto pessoais como de desenvolvimento pessoal, uma vez que como trabalha com o corpo, é uma atividade que consegue trazer muito ao ser humano e fazer esta ligação entre o corpo e a mente, o que eu penso e o que quero pôr em prática. E, portanto, esta ligação traz bastantes benefícios.

Na sua perspetiva, que papel pode ou deve ter a Dança nas escolas?

R: Na minha perspetiva pode ter um papel muito importante. O facto de desenvolver um pensamento divergente é importante, o facto de ter uma ligação entre o corpo e o pensamento é muito importante, porque a maioria das pessoas desenvolve profissões muito cognitivas, muito especializadas, na matemática, ser professor disto ou professor daquilo, e a dança tem

uma capacidade de abranger toda a gente e isso é um bocadinho como a música, que também traz um bem-estar a toda a gente, e por isso nesse sentido, traz muitos aportes, de coordenação, a coordenação é muito desenvolvida, na qualidade de movimento, na reflexão acerca de pensar no próprio corpo e em nós, de organização, considero que traz muitas questões de organização, pelo facto de nós conseguirmos ter uma linguagem na dança, seja por frases de movimento, por pensar no todo ou pensar mais convergente ou pensar numa coreografia, são tudo aspetos que trazem organização. Trazem inclusive, uma representação dos conceitos mais abstratos, no sentido em que utilizando a dança podemos ter no concreto através do nosso corpo, conceitos que são desenvolvidos mais abstratamente e podem ajudar com a noção de interdisciplinaridade, usando conteúdos de dança para explicar outros conceitos que são dados e que exigem uma capacidade de abstração. O facto de se poder trabalhar em par e em grupo, é algo que eu gosto muito também, portanto a dança ao ter práticas de grupo, pode ser adaptada qualquer idade, estamos a falar de crianças, mas pode ser adaptada aos idosos e outras faixas etárias, por isso é bastante transversal e algo que considero que dá muita consciência do corpo e que prevejo que no futuro seja ainda mais importante do que durante o meu crescimento, até porque atualmente os jovens estão muito ligados aos telemóveis, e o cérebro é uma gratificação automática e julgo que a ligação com o corpo vai ter um maior valor para a estabilidade e parte psicológica.

Na sua atividade profissional, já ensinou dança nas escolas? Fale-nos da sua experiência.

R: Nas escolas de ensino formal, lecionei workshops pontuais e dei algumas formações a professores, mas a estudantes foram poucos e foi sempre a pessoas que já tinham muita vontade em fazer dança, ou que pertenciam a clubes e pediam para eu lá ir ou que já dançavam. Portanto, foi sempre a alunos do 3º ciclo ou do Secundário e nunca tive uma experiência em que tive de cativar os alunos para a prática da dança.

Disse que deu formações a professores, que professores? Pode-nos falar um pouco?

R: Dei muitas formações a professores, por exemplo a professores do 1º ciclo que querem dar dança e é muito difícil eles aproximarem-se, como eles não tiveram a experiência não conseguem liderar aulas de dança. Dei também formações a professores de Educação Física que querem dar dança e que querem muito, e o que eu sinto é que eles têm dificuldade,

conseguem dar uma dança pequena, mas têm dificuldade em ter um conhecimento a que nós chamamos conhecimento didático da dança, que é o conhecimento que permite saber como ensinar os passos de dança e é esse conhecimento que eu acho que falta. E nas formações que eu tenho dinamizado, tenho pensado muito sobre isso, há pessoas muito interessadas, que adoram o contacto e que depois dizem “quando fui aplicar tive muitas dificuldades”, porque têm a noção da exposição do corpo, mostrar a dança aos alunos obriga a esta demonstração, é esta forma de sermos rápidos, porque como lida com a qualidade de movimento é difícil realmente nós dizermos tudo verbalmente e o modelo de demonstração é aquele que nós usamos como sendo o mais fácil de transmitir muita informação. Então existe essa dificuldade da demonstração e existe a dificuldade de organizar os conteúdos, como transmitir esses conteúdos.

Acha que as escolas reúnem condições adequadas para oferecer a dança como expressão artística? E o que quer dizer para si, as condições adequadas, poderia desenvolver um pouco, por favor?

R: Não acho que tenham as condições adequadas, acho que têm as condições mínimas. Ou seja, têm espaços amplos, algumas nem têm música, mas cada vez mais vão tendo, vão se arranjando estratégias nem que seja encostando os materiais ao lado para deixar um espaço mais amplo, portanto eu considero que todas as condições têm as condições mínimas para a dança funcionar, agora se são as ideais não são, nós poderíamos investir. Se houvesse um investimento a sério, se eu tivesse nas minhas mãos essa possibilidade, eu diria que é necessário formação, ter como se fosse um banco de dados, como já alguns países têm, e de certo modo o currículo estar consubstanciado em matérias diferenciadas e em métodos diferenciados e haver formação para os professores poderem usar, “eu identifico-me com aquele e vou usar este método” e poderem variar, e no fundo mesmo que não fossem especialistas ou não tivessem uma formação altamente especializada numa área, conseguiriam tocar todas as áreas artísticas, não só a dança neste caso.

E na sua opinião em termos de recursos físicos, quais as condições ideais para dinamizar a dança?

R: Uma aparelhagem de som, um espaço limpo, de preferência com linóleo, que toda a gente

tivesse descalça, se houvesse espelho era muito bom, mas não havendo espelho também não havia problema, mas o ideal seria haver espelho e acho que não é preciso mais do que isto para existir. Mas havendo o ideal, havia necessidade de ter o chão revestido de linóleo e um ecrã de projeção de vídeo, cada vez mais usamos esta questão de usar um vídeo que outros fazem, ou porque às vezes é mais fácil recorrer a conceitos e mostrar e motivar os jovens e as crianças. Portanto, isso poderia ajudar.

Há esforços para promover a Dança na sua instituição? Se sim, que tipo de esforços, a que nível. Poderia dar alguns exemplos por favor?

R: Na minha instituição não há esforço nenhum. Não há nenhum esforço para promover a dança. Nós existimos há muitos anos, mas vivemos numa casa de motricidade humana, mas que está um bocadinho encapotada e que se chama desporto. E, portanto, o desporto é altamente valorizado e a dança é tratada um bocadinho como um corredor à parte, ainda não houve essa convergência, por isso, não há incentivo nenhum, existimos por existir.

E dentro do seu grupo disciplinar e da sua área científica, existem esforços para promover a dança e tentar sair dessa bolha? Sente que apesar dessa desvalorização, a situação atualmente já está melhor do que já foi ou pelo contrário?

R: Sim, está melhor do que já foi. Agora estamos numa fase ligeiramente pior, mas já estive melhor e teve uma evolução, antigamente eramos quase ostracizados e agora somos aceites, não somos é valorizados e não somos incentivados a desenvolver. Em termos do grupo de trabalho, que trabalha com a dança e com os estudantes principalmente de doutoramento, eu acho que tem havido cada vez mais uma abertura, antigamente a investigação em dança era um bocadinho “ai mas isso é para educação”, a dança “não tinha método” e atualmente considera-se que investigar tanto pode ser na dança com aspeto antropológico ou pode ser na antropologia sobre a dança, portanto esta permeabilidade entre as disciplinas ao nível da investigação está a esbater-se e eu desejo muito que vai evoluir, como evoluiu nos países mais nórdicos, em que a investigação nas áreas artísticas está neste momento próxima, fisicamente, da investigação mais fundamental, porque se percebeu na investigação fundamental que as áreas artísticas têm muito a ensinar às outras áreas, portanto há cada vez mais cientistas cognitivos a trabalhar com pessoas de dança e cada vez há mais antropólogos a perceber como

é o tipo de pensamento está na produção da dança. Por isso, ao nível da investigação está a haver um esbatimento.

E sem ser na parte de investigação, existem projetos ou incentivos para promover e divulgar a dança nesse grau de ensino?

R: Já houve intenções, houve iniciativas, mas na realidade não há nenhuma que tenha conseguido vingar. Tivemos um mestrado de dança na comunidade, que nós achávamos que era apelativo, mas as pessoas ainda não nos procuram, ainda não houve essa apetência. Nós tivemos uma primeira edição onde houve pessoas muito interessadas e com ideias muito engraçadas e elas foram para a comunidade com mais conhecimento e foram intervir de outra forma. Projetos existem alguns, mas são todos pontuais. Existe uma semana, mas é mais ao nível da instituição, em que jovens do 3º ciclo e do Secundário vem conhecer as atividades e cursos da Faculdade e aí conhecem também a dança, mas com regularidade não há nenhum projeto. Por isso, penso quem nos procura é quem tem interesse e normalmente são pessoas que já fazem dança e querem perceber como otimizar a dança, mais do que propriamente intervir na comunidade, mas depois eles transformam-se um pouco e no final do curso acho que gostam e sentem uma apetência por intervir na comunidade, mas no início entram porque querem ser e querem ter conhecimentos que acham que são científicos para conseguirem ser melhores performers, não quer dizer que queiram ser bailarinos, mas querem saber como ser melhor.

Considera que a dança deveria ser introduzida logo desde a Educação de Infância? Porquê? Quais os principais argumentos que defenderia?

R: Sim, considero. Ela já existe de forma informal, até considero que ela já existe nessa altura informalmente, e deveria ser formal para que o que se recebe fosse mais estruturado e fossem no fundo selecionados os conteúdos e os métodos e que fossem organizados de forma progressiva e que permitissem que todos os portugueses tivessem uma formação consistente e não houvesse uma grande separação entre os que fazem dança quando são mais novos e os que nunca fizeram e que têm quase aversão. Portanto, para mim seria de grande valor a dança ser introduzida nas escolas de forma formal, por causa do trabalho de grupo, pelo trabalho do corpo e da música, do trabalho rítmico, o trabalho com o corpo dos outros, há muito poucas

atividades onde as crianças e os jovens possam ter contacto uns com os outros, no teatro existe esse contacto mas é pouco, na música existe com instrumento mas com o corpo do outro não há, talvez na Educação Física, mas apenas em algumas habilidades e na dança é uma riqueza enorme, e portanto o contacto com o corpo do outro é essencial, o usar o corpo para se exprimir e não só verbalmente e o desenvolver o pensamento divergente. Por isso, acho que seria muito importante a dança ser introduzida desde cedo.

Entrevista 6 – Representante da Autarquia (CMVC)

Sr^a Vereadora Carlota Borges – Pelouro da Coesão Social, da Juventude, do Voluntariado, dos Serviços Urbanos e Património, e mais recentemente dos Equipamentos culturais

Local: Via Zoom (Online)

Data: 15/04/2021

Duração: 18 min 51 s

Qual é, para si, o conceito de Educação Artística?

R: Não sendo eu da área da Educação nem da área cultural, a minha resposta pode sair um bocadinho ao lado do que poderá responder alguém que esteja numa escola de dança ou até uma Educadora de Infância porque tem aqui a vertente da educação. Porém, e começando pela educação, a educação é aquilo que nos forma, aquilo que nos faz homens e mulheres e que nos define daquilo que nós somos. Costuma-se dizer que aquilo que nós somos vem de casa, mas não vem só de casa, aquilo que aprendemos na escola, na educação propriamente dita, é grande parte da nossa formação. A educação artística a meu ver, é um pilar fundamental na educação de qualquer criança e agora nem tanto, mas durante muitos foi posta de lado. Para mim a educação artística é sensibilizar, é abrir os horizontes das crianças e dos jovens para determinadas temáticas que na educação e nas disciplinas habituais, eles nunca teriam acesso a elas. Por exemplo, a questão da música, que nós temos explorado a música na escola, um jovem até com baixos recursos económicos, nunca teria acesso à música se não fosse a música ser dada desta forma na escola, se não fosse parte do currículo, por isso a educação artística para mim é muito isto, não vejo que haja um conceito que defina educação artística, mas acho que se pensarmos no sentido lato é muito isto, é pensarmos que às crianças do

nosso concelho devem-lhes ser dadas oportunidades, para que mesmo que não tenham recursos económicos consigam ter acesso à arte, ter acesso à pintura, à dança, à música, porque penso que agora já não é assim, mas no meu tempo, quando estudei, o único contacto que tinha com a arte era através das disciplinas das artes visuais e era muito pouco, porque ou nós tínhamos já uma sensibilidade e os nossos pais tinham a possibilidade de nos colocar numa escola de dança, de música, de pintura ou de teatro ou nós nunca teríamos acesso a nada, a nenhum oferta que tivesse a ver com a arte. E por isso para mim a educação artística é muito isto, claro que também passa por casa, mas a escola é o pilar fundamental para que esta educação artística possa existir e possa ser oferecida de forma igual a todas as crianças e jovens.

Qual a sua perceção acerca do acesso das crianças à Educação Artística?

R: Pois, isso era para onde eu estava a levar a conversa, porque sendo a juventude e a área social, as áreas com que trabalho mais no Município, penso que esta resposta tem mesmo de ir de encontro a essas duas áreas. O acesso das crianças à Educação Artística, depende dos Municípios. Estamos a falar de Viana do Castelo, no caso de Viana do Castelo, o acesso já é diferente daquilo que é noutros concelhos, porque temos nomeadamente a questão da música, temos o ensino articulado de música, temos uma parceria com a Academia de Música, ou seja, o acesso pelo menos em termos de música já acaba por ser muito igual para todas as crianças, porque se não fosse o ensino articulado ou a oferta de música nas escolas, elas nunca teriam acesso a um instrumento, ao tocar e experimentar um instrumento a ouvir e conhecer a música. Agora se falarmos por exemplo na educação da dança, não considero que o acesso seja igual para todos, porque uma família que não tem possibilidades para comportar o pagamento de uma mensalidade de uma escola de dança, obviamente que as crianças ou os jovens não vão ter o mesmo acesso que uma família que tem essas possibilidades, e quem fala da dança, fala da pintura ou do teatro. Sendo assim, considero que não, o acesso não é igual. Na música já é, nas outras expressões artísticas ainda não é.

Qual é a sua opinião acerca da abordagem da Educação Artística nas instituições educativas?

R: Já existem algumas escolas que tem tido alguns projetos. Posso falar de uma escola de

Darque, que tem mais que um projeto ligado às artes, nomeadamente ligados à dança, em que o objetivo é a integração da comunidade cigana e que tenho o conhecimento dos mesmos por terem sido realizados no âmbito da área social. Havia um projeto em que efetivamente a dança era levada à escola, e que existia um número significativo de meninas e meninos que participavam neste projeto e como há nessa escola de Darque, a Zaida Garcês, há outras escolas que tem esse tipo de projetos. Agora, são poucas ainda. A verdade é que são ainda poucas, a dança não está presente diariamente nas escolas, pelo menos é a percepção que eu tenho. Já as outras expressões artísticas, considero que sim, a música pela oferta que existe e as artes visuais através da disciplina que há nas escolas a nível curricular.

O que é, para si, a Dança e o que significa?

R: Bem, isso aqui para uma pessoa que não é minimamente ligada à área da dança (risos). Eu acho que a dança, posso dizer alguns adjetivos que me vem à cabeça quando me falam de dança. Eu acho que a dança pode ser integração, porque temos tido boas experiências com a mesma. A dança é ritmo, é alegria, é proximidade, é amizade, eu acho que a dança pode despertar em nós uma série de sentimentos e na formação das crianças e dos jovens pode despertar uma série de sentimentos que outras áreas não o farão certamente.

Na sua perspetiva, que papel pode ou deve ter a Dança nas escolas?

R: Estamos a falar da dança aqui talvez num sentido mais contemporâneo, mas nós em Viana temos o folclore, que é dançado. E eu acho que o papel da dança nas escolas, no concelho de Viana do Castelo, pode até ter uma preponderância muito grande na área cultural e tradicional daquilo que são as nossas raízes em Viana do Castelo. Porque as nossas crianças e jovens, não tem, a não ser que tenham um familiar num Rancho Folclórico, não tem acesso àquilo que é o folclore, nunca experimentaram dançar o folclore e eu acho que a dança nas escolas, poderia também ter um papel a este nível, a nível da educação das tradições, da cultura de Viana do Castelo. Para além disto, o papel da dança nas escolas e pela experiência que tive até hoje, pode ter um papel preponderante naquilo que é a integração, porque é um ambiente solto, é um ambiente livre, um ambiente em que as crianças têm que estar em contato umas com as outras, ponto. Tem de ser parceiras, tem que despertar sentimentos de parceria, de entreajuda. Eu acho que a nível da formação dos mais pequeninos, a dança poderia ter aqui um papel

preponderante nestas duas vertentes.

Que papel tem desenvolvido a autarquia na promoção da dança no concelho? Que tipo de esforços, a que nível. Poderia dar alguns exemplos por favor?

R: Naquilo que respeita ao concelho, não sei ao certo quantas são, mas existem muitas escolas de dança no nosso concelho. E o papel da Autarquia tem sido muito de facilitador e de apoiar, nomeadamente a nível de cedência de espaços, porque vêm muitas vezes atuar ao nosso Teatro, vêm muitas vezes atuar ao nosso Centro Cultural, estamos sempre disponíveis para conversar, para reunir, para apoiar monetariamente quando surge uma situação mais complicada, e obviamente, posso falar destes projetos que têm surgido mais recentes, do apoio às artes e à cultura, eu acho que até pelo número de projetos que temos recebido a nível de dança, inclusive, tivemos um que ficou em terceiro lugar nesta última candidatura e o projeto é extraordinário, acho que a Autarquia se tem tentado reinventar um bocado, quer a nível de espaços quer a nível de promoção de espetáculos nas nossas redes e tudo aquilo é meios de comunicação social, quer a nível de apoio quando nos é pedido. E depois nestas atividades que vamos fazendo de integração, nas áreas mais desfavorecidas do nosso concelho, temos ido buscar muito a dança para nos ajudar muito nessa vertente social, da integração social. Organizámos também, o Festival de Dança de Viana do Castelo, e depois claro, se falarmos no nosso folclore e se não falarmos só das escolas de dança, nós apoiámos em tudo que podemos, quer na compra de fatos, quer no apoio da renda das sedes, na requalificação das próprias sedes, no apoio a viagens quando vão fora, tentámos dar o maior apoio possível, porque temos também outras áreas às quais temos de chegar.

Acha que as escolas do concelho reúnem condições adequadas para oferecer a dança como expressão artística? E o que quer dizer para si, as condições adequadas, poderia desenvolver um pouco, por favor?

R: Acho. O parque escolar de Viana do Castelo tem sido âmbito de várias requalificações, podemos falar de Monserrate, podemos falar de Barroselas, podemos falar de Vila Nova de Anha, de Santa Maria Maior, as escolas estão realmente com muito boas condições, portanto no que respeita a equipamentos, é talvez o menor dos problemas, porque considero que sim, que há condições de equipamentos para que seja dada essa oferta.

E o que é para si, ter condições?

R: Temos bons professores, que não tenho dúvida nenhuma que temos, e é termos equipamentos a nível de pavilhões, a nível de som. É assim, eu acho que são três coisas, é a questão dos recursos humanos, dos professores, é a questão do espaço, que os há e que me parece que temos espaços com muito boas condições, a nível de salas e de pavilhões, e depois é a questão a nível de equipamento mais técnico, que acredito que nem todas as escolas tem essa vertente, mas fazem muitas vezes protocolos com Associações. Na escola de Darque, por exemplo, isto era feito em parceria com a SIRD, a SIRD tinha todo o equipamento necessário e era dado aqui um apoio nesse sentido.

Considera que a dança deveria ser introduzida logo desde a Educação de Infância? Porquê? Quais os principais argumentos que defenderia?

R: A ideia que eu tenho é que a partir do 1º, 2º, 3º e 4º ano de escolaridade, isso não acontece tanto como na Educação Pré-escolar, a ideia que tenho é que no Pré-escolar isso acontece e considero que é fundamental por tudo aquilo que falamos até agora, pelo despertar de sentimentos e pela educação das crianças a nível da entreaajuda, da parceria, da inclusão, do olhar para todos como seres iguais, o conseguirmos todos fazermos as mesmas coisas. A nível de Pré-escolar acho que já existe, já a nível dos graus de ensino posteriores, acho que isso ainda não acontece e se considero importante? Acho que da mesma forma que a música ou que o desporto náutico é importante, a dança também poderia ser um eixo muito importante no desenvolvimento dos nossos jovens, por isso não tenho problemas em dizer que sim.